

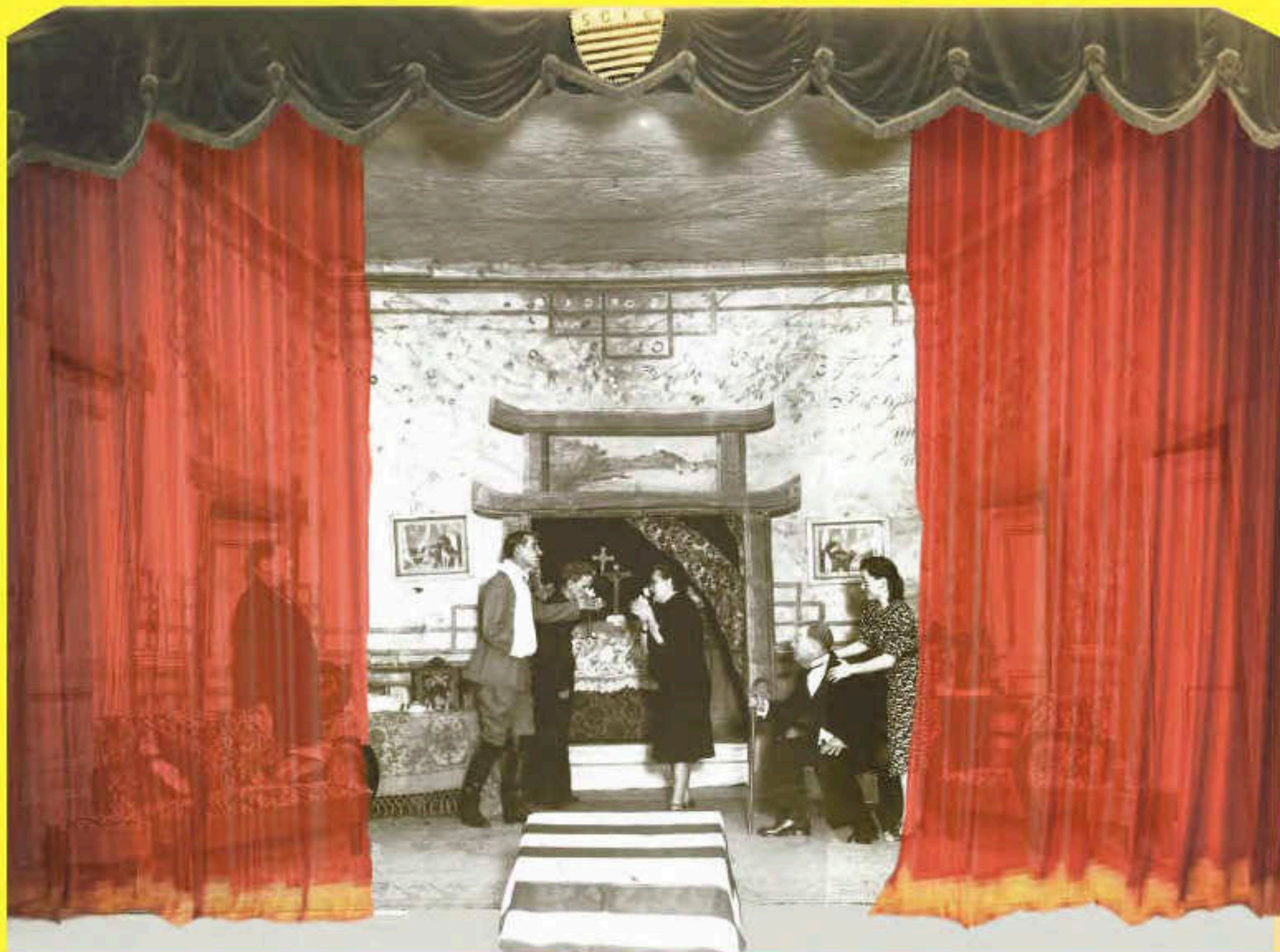


RAÍZES

Ano XVII - Nº 32

São Caetano do Sul

DEZEMBRO de 2005



Nossa Capa

RAÍZES

ISSN 1415-3173

Ano XVII - Número 32 - Dezembro de 2005

A Revista **RAÍZES** é uma publicação semestral com distribuição gratuita.

Editada e Publicada pela **Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul**

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 - Sta. Paula
CEP 09541-520 – São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420

www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br
raizes@fpm.org.br

COORDENAÇÃO GERAL

Sônia Maria Franco Xavier

REDAÇÃO

Jornalista responsável: Alexandre Toler Russo
(MTb 33212)

Digitação de Textos: Fabiana Soler Amaral
Digitalização de Imagens: Fabíola Fioravante

Pesquisa: Cristina Toledo de Carvalho
Secretaria e Coordenação: Maria Ap. M. Fedatto
Assessoria: Paula Ferreira Fiorotti

Conselho Editorial: Alexandre Toler Russo, Celso de Almeida Cini, Domingo Glenir Santarnecchi, Humberto Pastore, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Rodrigues, Paula Fiorotti, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), Yolanda Ascêncio.

IMAGENS

Fotografia: Antônio Reginaldo Canhoni
Capa: Neusa Schilaro Scaléa

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

INTEGRAÇÃO - Ponto a Ponto, Bairro a Bairro,
Notícias e Variedades / Antonio Devanir Leite Júnior -
MTb 19.866

FOTOLITOS E IMPRESSÃO

Gráfica Provo

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



Nossa Capa, deste número de *Raízes*, traz uma montagem fotográfica para ilustrar as histórias sobre o teatro amador, que, feito em São Caetano do Sul há décadas, é tema do dossiê desta edição.

Destaque-se o brasão do SCEC – São Caetano Esporte Clube, criado em 1914.

A foto original foi tirada na inauguração do palco do clube, na rua Perrella, em 1933, com a apresentação da peça *Os Dois Sargentos*, e pertence ao acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Em cena os atores Matheus Constantino, Otávio Tegão, Pina Tegão e Abramo Cavassani, além de duas pessoas não identificadas.

Ilustrando a contracapa, uma foto do ator Fernando Piva.

Editorial

É gratificante poder apresentar a você, caro leitor, mais uma edição da revista *Raízes*, publicação destinada à busca do resgate histórico de São Caetano do Sul. Fruto da união do trabalho da equipe da Fundação Pró-Memória com os crescentes colaboradores, que fazem questão de dar depoimentos e expor suas memórias, trata-se de um documento que desperta sensações variadas e apaixonantes.

Em Dossiê, o enfoque é dado à história do teatro amador em nosso município, no século passado. Além da parte objetiva, baseada em documentos reunidos por historiadores da região, que tentam organizar os fatos de forma fidedigna, existe também um outro lado, subjetivo. Este pode ser verificado nos depoimentos repletos de nostalgia, com toda a emoção peculiar aos protagonistas daquela época. Essa deliciosa mistura de jornalismo e arte torna a leitura agradável e inquietante, o que também pode ser comprovado no artigo sobre a pinacoteca.

Na seção Artigos, a edição de número 32 apresenta uma análise de nosso patrimônio cultural, esmiuçando aspectos que muitas vezes passam despercebidos no nosso atribulado cotidiano. Também é lembrado um lado religioso, dentre outras formas, por intermédio de um trabalho realizado com as rezadeiras e benzedadeiras de nossa cidade, com destaque para sua fé. A história de Ribeirão Pires também é contemplada nessa seção, conferindo um caráter regional a esta edição.

A voz dos munícipes ecoa em Depoimentos. Com relatos ecléticos, variando de lembranças familiares a experiências internacionais, será uma seção capaz de despertar sentimentos imprevisíveis nos leitores, se estes se colocarem nos cenários descritos minuciosamente pelos depoentes.

A parte de esportes traz curiosidades acerca do lendário futebol de várzea, como apelidos e expressões mais comuns nesse meio. Também são retratadas muitas memórias do nosso futebol, sob a óptica de personagens que vivenciaram esse esporte conhecido como a paixão nacional.

Finalizando este número em grande estilo, o leitor é presenteado com registros fotográficos bastante peculiares, retratando toda a genealogia da tradicional família Del Rey. É uma inovação nessa parte de *Raízes*.

Boa leitura!

Sônia Maria Franco Xavier
presidente da

Fundação Pró-Memória de São Caetano Sul

Palavra do Prefeito

José Auricchio Júnior,
médico e atual prefeito de
São Caetano do Sul

As lições da memória

Essa *Raízes* de que tanto nos orgulhamos é muito mais do que objeto cultural que resgata a memória de São Caetano do Sul. Encaro a revista como ferramenta didática não só como cidadão sulcaetanense, mas também como gestor. Ao me deleitar com os depoimentos que resgatam acontecimentos marcantes de nossa história, acrescento elementos fundamentais à execução de políticas públicas para nossa cidade.

É por não deixar o passado de lado, e promover a mescla bem dosada entre as visões do ontem, do hoje e do amanhã, que o gestor que busca a eficiência e a transparência acima de tudo constrói programas e os executa — pois tenho comigo e sempre passo a meus colaboradores que um governo sério é aquele que transforma planos em realidade.

Justamente por possuir tal perfil de agregar conhecimento, *Raízes* deve ser leitura obrigatória para nossas crianças e jovens, aqueles que um dia estarão à frente de São Caetano do Sul. Uma cidade que pretendo entregar mais estruturada, mais justa e mais humana a nossos filhos.

Que o que vivemos hoje seja contado como uma bela história nas *Raízes* do amanhã.

Viva a memória de São Caetano do Sul!

Índice



Dossiê / Teatro

5 - Trajetória do Teatro Amador de São Caetano do Sul

Cristina Toledo de CARVALHO

14 - Os Primórdios do Teatro na cidade

Oscar GARBELOTTO

24 - Eu e o Teatro

Urames Pires dos SANTOS

28 - Minha participação no teatro amador da cidade

José Bonifácio de CARVALHO

33 - Paulo Tachinardi Domingues: um homem polivalente

Sonia Maria Franco XAVIER

Regionais e Artigos

37 - Núcleos Coloniais do ABC – O Núcleo de Ribeirão Pires e a História do Município

Celso de Almeida CINI

59 - A importância das chaminés

61 - Caminhos da Memória

André Luis Balsante CARAM

66 - E o Papa era brasileiro?!

João Tarcísio MARIANI

69 - Mulheres de fé

Priscila GORZONI

Cultura

77 - Pinacoteca como vitrine de arte

Neusa Schilaro SCALÉA

Depoimentos

82 - Giovanni, Pietro e Geraldo

Alexandre Toler RUSSO

85 - Antônio Alves, nordestino centenário, em São Caetano

Yolanda ASCENCIO

87 - Lembranças do meu pai

Maria de Lourdes VERTICCHIO

Esportes

90 - Apelidos e expressões usados na várzea

Narciso FERRARI

95 - Memórias do nosso futebol

Paulinho da VILLA

Memória Fotográfica

98 - Giuseppe Pietro Lorenzini "In weiter ferne, so nah!"

Mário DEL REY

Registro

105

Paula FIOROTTI



Arquivo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Alguns integrantes do grupo de teatro do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, em foto da década de 1920. Em pé, da esquerda para a direita: Matheus Constantino, Aldo Negrini, Teodomiro Sigolo e Otávio Tegão. Sentados, da esquerda para a direita: dr. Constantino de Moura Batista, Ida Rutighiani (atriz de São Paulo que, posteriormente, trabalhou na TV) e Dante Negrini

Trajetória do Teatro Amador de São Caetano do Sul

Na década de 1920, o Brasil achava-se sob o domínio político das oligarquias agrárias de São Paulo e Minas Gerais. Esta situação, que resultou de um esquema de poder idealizado durante a presidência de Campos Salles (1898-1902), perduraria até 1930. A partir dos primeiros anos do decênio de 1920, o descontentamento de determinados segmentos da sociedade diante da estrutura oligárquica implantada tornou-se mais evidente. Em 1922, militares de baixa e média patente deram início a uma série de rebeliões contra o regime vigente. Este movimento, que ficou conhecido como *tenentismo*, expressava, de uma certa forma, a indignação dos grupos sociais urbanos em face da hegemonia das oligarquias rurais no cenário político brasileiro. Nesta época, o clima era também de efervescência na cultura brasileira. Basta citar a *Semana de Arte Moderna*, evento realizado, em fevereiro de 1922, em São

Paulo. Na ocasião, diversos artistas e intelectuais apresentaram-se no Teatro Municipal com um único propósito: romper com os padrões estéticos vigentes. Foi durante este contexto de rebeldia e irreverência da História do Brasil que a vida sociocultural de São Caetano começou a ganhar ritmo intenso. O teatro foi um dos elementos marcantes deste



No dia quatro de agosto de 1923, o Cinema Central cedeu seu espaço para a apresentação da peça *Amor e Orgulho*. Produzida pelo grupo cênico do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, a peça em questão arrecadou fundos para os festejos em louvor ao padroeiro São Caetano

dessas instituições, porém, não se restringia exclusivamente à diversão da população, uma vez que apresentavam também uma preocupação com a formação cultural dos sancaetanenses. Sendo assim, era comum os clubes possuírem em suas sedes grupos de teatro. Um dos primeiros grupos cênicos que surgiu no então Distrito de São Caetano foi o do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, agremiação fundada no dia 11 de janeiro de 1922 com o intuito de promover eventos sociais e desenvolver a cultura, por meio do teatro. Apresentando um respeitável elenco, o grupo do Ideal contava com a experiência de atores que já haviam passado pelo departamento de teatro do São Caetano Esporte Clube, como Matheus Constantino e Otávio Tegão.

Por inúmeras vezes tal grupo apresentou-se em Santo André, Taubaté, Campinas, entre outras regiões. Mas

processo de ascensão da sociabilidade local. Na época mencionada, a arte dramática ensaiava seus primeiros passos na cidade com os seguintes atores: Arthur Garbelotto, Abramo Cavassani, Otávio Tegão, Matheus Constantino, entre outros. Com o objetivo de resgatar a trajetória do teatro amador de São Caetano, este artigo apresenta, de forma breve, alguns fatos relativos à evolução desta arte na cidade, no período situado entre 1922 e 1985.

INÍCIO- Ao longo das primeiras décadas do século passado, o lazer em São Caetano era promovido por clubes e agremiações esportivas. A finalidade

memorável foi a passagem pela cidade de Itu, em 1925, a convite das autoridades locais. Na ocasião, os componentes do elenco do grupo cênico do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal encenaram *Deus e a Natureza*. A impecável apresentação dos atores conseguiu sensibilizar até mesmo um integrante da conceituada Cia. de Carrara (grupo profissional de teatro que, na época, atuava em São Paulo), que estava entre a numerosa plateia.

Conforme relatos, as peças desta fase inicial do teatro amador de São Caetano eram montadas em italiano, em virtude da grande influência exercida na cidade pela colônia italiana. A peça *La Sorella del Cieco* (A Irmã do Cego), apresentada na Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoles, em 1923, constitui exemplo disso.

A atuação de atrizes profissionais de São Paulo foi outra característica marcante dos primeiros anos das atividades teatrais em São Caetano. O conservadorismo e os tabus inerentes à sociedade do período em questão explicam a grande dificuldade de se conseguir a participação de senhoritas e senhoras sancaetanenses nas montagens da primeira fase do teatro amador local. Mas isso não quer dizer que a população desaprovava a prática teatral. Muito pelo contrário. Tal era a aceitação do público em relação ao teatro, que, em 1927, São Caetano promoveu festivais dramáticos, com grande repercussão nos meios de comunicação da época. Isso sem falar do concurso realizado, em 1932, para incentivar os artistas locais. A repercussão deste evento na imprensa foi também significativa, uma vez que foi divulgado pelo jornal *O Imparcial*. Três categorias compuseram aquele concurso de 1932. Foram elas: melhor grupo de amadores dramáticos de São Caetano, melhor elemento masculino e melhor elemento feminino.

Em janeiro daquele ano, o resultado (ainda em fase de apuração) do concur-

so foi publicado pelo jornal *O Imparcial*, conforme segue:

Grupo Dramático Ideal	39 votos
Grupo Dramático 14 de Julho	28 votos
Otávio Tegão	16 votos
Dante Negrini	16 votos
Fernando Piva	11 votos
Antônio Fernandes	8 votos
Júlia Negrini	7 votos
Josefina Tegão	5 votos

IGREJA - A Igreja Católica também ocupou um papel de destaque na trajetória do teatro amador da cidade. O envolvimento da comunidade católica de São Caetano com a arte dramática teve início em 1931, ocasião em que o padre Alexandre Grigolli organizou um festival cênico no Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal (na época, situado na Rua Rio Branco, 45), em benefício do Externato Santo Antônio. Animado com o sucesso alcançado pelo evento, o padre Alexandre Grigolli resolveu dar continuidade ao trabalho de incentivo às artes cênicas com a finalidade, não só de proporcionar condições para a formação da população, mas também com o propósito de angariar fundos para as obras de construção da Igreja Sagrada Família, que estavam na sua fase inicial, naquele ano de 1931. Para tanto, construiu, ao lado de tais obras, um salão paroquial para a encenação de espetáculos dramáticos, que, mesmo após a concretização daquelas obras, continuaram sendo organizados, primeiro sob a direção do padre Alexandre Grigolli e depois sob o comando do padre Ézio Gislimberti. As peças *O Satã e O Chinelo Perdido* na Neve inauguraram as atividades teatrais naquele salão paroquial. Na década de 1950, a Igreja Sagrada Família ganhou um novo salão, graças aos esforços do padre Ézio. Tratava-se do Teatro Paroquial Padre Alexandre Grigolli, espaço que passou a

concentrar a programação cultural da paróquia, da qual faziam parte as apresentações de teatro e outros eventos artísticos.

Após muitos anos de atividades, é muito difícil mencionar todos os atores que passaram pelo grupo de teatro amador da Igreja Sagrada Família. Sendo assim, o mais viável é destacar alguns nomes que atuaram com maior frequência, como: Antônio Coppini, Ignácio Borges, José Borges, Acácio Montini, Mário Jorge Montini, Carmo Perrella, Benedito Pavani, Waldomiro Kaminski, Paulo Tachinardi Domingues, Leonor Fiorotti, Aparecida Crivelari, Fanny Scartozzoni, entre outros nomes.

A Igreja da antiga Vila São José manteve também um grupo cênico, sob a direção de João Almendra, que já fazia teatro desde os tempos de operário em São Paulo e feirante em São Caetano. Antes de coordenar as peças na Vila São José, dirigiu os grupos teatrais dos seguintes clubes da cidade: Lázio, São Caetano, Monte Alegre e Cerâmica.

Um fato bastante curioso marcou o teatro do bairro em questão. Segundo consta, antes da construção do salão paroquial daquela igreja, as peças eram apresentadas na carroceria de um caminhão. A falta de estrutura não prejudicou, contudo, o desenvolvimento da arte dramática na Vila São José. O grupo cênico desta localidade de São Caetano foi convidado para inaugurar, em meados da década de 1950, o cinema da Igreja Nossa Senhora da Candelária, paróquia situada no Bairro Oswaldo Cruz.

O Monte Alegre Football Club, agremiação fundada em 1917, tinha também o seu grupo cênico. Nesta foto de 1930, aparecem atores do clube caracterizados por ocasião de uma peça teatral. Foram identificados, da esquerda para a direita: Merenciano Garcia (o segundo, na fileira de cima), Gregório Gil (o terceiro, na fileira de cima), Luiz Fernandes (o quinto, na fileira de cima), Cláudio Wamondes (o penúltimo, na fileira de cima) e Américo Marzano (o primeiro, em baixo)



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Flagrante d'O *Castigo do Céu*, peça produzida pelo grupo de teatro do Círculo Operário de São Caetano do Sul, sob a direção artística de Fernando Piva. Foi exibida no Cerâmica São Caetano Futebol Clube no dia 31 de janeiro de 1953

Luciano, José Ribeiro, Durval Marçon, José Caçavara, Romeu Merlinó, Gabriel Osti, José Antônio Moreno e Otávia Gonçalves Bugesi.

NOVIDADE - Urames Pires dos Santos, que, entre meados da década de 1940 e o ano de 1971, exerceu o cargo de engenheiro de produção de refratários na Cerâmica São Caetano, envolveu-se com o teatro da cidade numa época em que a

achava que não era simplesmente pagar um ordenado para o empregado. Ele achava que (...) tinha que dar um conforto material, um conforto moral. Então ele incentivou criar na (Cerâmica) São Caetano uma cooperativa de consumo dos empregados; uma associação dos empregados; um fórum, onde se discutiam os problemas entre os operários; um teatro experimental. Fui, então, entrando nessa área. Eu já era ligado ao teatro. Na época de estudante (...) fazia curso na EAD (Escola de Arte Dramática). Então, fiquei entusiasmado (...) Fiz vários espetáculos no (...) Cerâmica Futebol Clube. (...) Chegamos a montar o primeiro Teatro de Revista. A peça chamava-se "Brasil em Revista" (...) Aldemir Martins (renomado gravurista) foi quem fez todo o cenário. A peça era simples. Usava moças e moços, funcionários da empresa, e treinava-os para representar o estado de origem deles. (...)

Urames Pires dos Santos prossegue recordando sua passagem pelo teatro amador de São Caetano e chama a atenção para uma novidade que marcou a evolução da arte cênica na cidade: (...) *eu introduzi em São Caetano um teatro sem ponto (...).*

Este recurso a que se refere Urames consistia na transmissão do texto ao personagem, técnica que deixou de ser utilizada nos palcos brasileiros graças a Ziembski, ator e diretor polonês que chegou ao país no dia seis de julho de 1941. O primeiro contato desse polonês com a arte dramática brasileira ocorreu através d'Os Comediantes, grupo de teatro amador do Rio de Janeiro, do qual fizeram parte Agostinho Olavo, Bellá Paes Leme, Santa Rosa, Graça Mello, Auristela Araújo, Stela Perry, Carlos Perry, entre outros.

Urames Pires dos Santos destacou também em seu depoimento a influência



Arquivo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Flagrante da peça *Uma Flauta para um Negro*, de Pedro Bloch. Foi encenada no Teatro Paroquial Padre Alexandre Grigolli, em 1958. No elenco estavam Paulo Tachinardi Domingues e Nadir Ferrari. Ulderico Gentili foi o autor do cenário

Paróquia Sagrada Família exercia um certo domínio em matéria de iniciativas culturais. Durante a entrevista concedida a Mônica de Souza, no dia 20 de março de 1995, entrevista esta que integrou o projeto da Fundação Pró-Memória denominado *Histórias de Vida*, Urames falou de sua experiência à frente do grupo cênico do Cerâmica São Caetano Futebol Clube, entre 1949 e 1958: *Roberto Simonsen tinha muita visão social. Ele*

exercida por Ziembinski junto ao teatro brasileiro: *O Ziembinski introduziu no Brasil o teatro sem ponto. Chegou aqui, viu o Procópio Ferreira, Dulcina de Moraes, Aracy Cortes, Jayme Costa, trabalhando com ponto. Ele disse:*

-Isso não existe. Teatro, hoje, na Europa, é sem ponto.

Então, foi um alarme tremendo no Rio de Janeiro e em São Paulo para introduzir o sem ponto. E foi o mesmo problema que eu tive para introduzir o sem ponto em São Caetano. (...) Então, foi uma novidade, afirmou Urames.

Apesar dos esforços inovadores deste último, o teatro com ponto subsistiu em São Caetano até o início da década de 1960, período de forte mobilização cultural no município, em decorrência da atuação da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), instituição criada em 1957.

ACASCS- A Acascs foi responsável pela centralização da vida social de São Caetano, uma vez que reuniu atividades pertencentes a várias categorias artísticas, com a finalidade de entreter a população e, principalmente, criar condições para sua formação cultural.

O teatro foi uma das principais atividades mantidas pela instituição, que chegou a contar com três grupos cênicos na época em que estava instalada no quarto andar do Edifício Vitória, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antônio, centro de São Caetano. Sob a direção de Pedro Pardo Oller, Jayme da Costa Patrão, Carlos Rivani e Milton Andrade, tais grupos, que assumiram o nome de Teatro Experimental, encenaram inúmeras peças e ganharam notoriedade na cidade e fora dela. A montagem d' *A Ceia dos Cardeais*, de Júlio Dantas, teve grande responsabilidade na divulgação do

trabalho desenvolvido pela Acascs na área das artes dramáticas, pois, além de ter sido apresentada diversas vezes em São Caetano, foi exibida em São Carlos e em Santo André, ocasião em que participou da abertura do I Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, em outubro de 1963. No ano seguinte, a Acascs marcaria novamente presença nesse festival estadual de teatro com a peça *Fogo Frio*, de Benedito Ruy Barbosa.

Em 1965, a programação teatral da instituição continuou intensa. Clássicos da dramaturgia, como *Eletra*, de Sófocles (adaptada por Alberto Cavalcanti), e *As Máscaras*, de Menotti Del Picchia, foram produzidos sob a direção de Milton Andrade e Jayme da Costa Patrão, respectivamente. *As Máscaras*, aliás, juntamente com *As Mãos de Eurídice*, de Pedro Bloch, *Pic-nic no Front*, de Arrabal, *Antes da Missa*, de Machado de Assis, e *Humulus, o Mudo*, de Jean Anouilh, foram apresentadas durante as comemorações de aniversário da cidade daquele ano, evento que se encerrou com a peça *O Resto é Silêncio*, estrelada pelo consagrado ator Sérgio Cardoso.

A Acascs reservaria ainda ao público de São Caetano do Sul a montagem de *Odorico, o Bem Amado*, de Dias Gomes. Tal peça, que chegou a ser exibida, não só no Grande ABC, como também em inúmeras cidades do Estado de São Paulo e do sul de Minas Gerais, foi a última produção da Acascs. As mudanças verificadas na direção da instituição foram responsáveis pela retirada de apoio ao teatro. Após alguns anos de atividades ininterruptas, o Teatro



Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

João Almendra: ator e diretor de teatro. Escreveu várias peças e coordenou o grupo cênico dos clubes Lázio, São Caetano, Monte Alegre e Cerâmica, além de ter dirigido o grupo da Igreja da antiga Vila São José. Nesta foto da década de 1930, ele aparece em plena encenação

Elenco de *Eletra*, de Sófocles, peça produzida pelo grupo de teatro da Acascs, em 1965. Em pé, da esquerda para a direita: João Fernandes, Mário Dal' Mas, Milton Andrade, Ida Pedutto, Dárcio Martorelli, Deolinda Spinello, Ângela Pedutto, Caetano Nóbile, Vera Ribeiro, José Bonifácio de Carvalho, Paschoal Raimundo, Jayme da Costa Patrão e Josmar Martins. Sentados, da esquerda para a direita: Antonieta Maffei, Yeda Feijão, Paulo Tachinardi Domingues e Antônio Carlos de Carvalho



Arquivo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Experimental da Acascs chegava ao fim.

A TURMA- O encerramento das atividades cênicas na Acascs desencadeou, no início de 1967, o surgimento de um novo grupo de teatro amador em São Caetano do Sul. Tratava-se do grupo A Turma. Ao contrário do que vinha sendo observado no teatro amador da cidade, o novo grupo não se encontrava vinculado a nenhum clube ou instituição. Composta de nomes que estiveram ligados ao teatro da Acascs, sua diretoria era a seguinte: presidente: Mário Dal' Mas; vice-presidente: Jayme da Costa Patrão; primeiro tesoureiro: João Fernandes; segundo tesoureiro: Plínio Turco; diretor artístico: Milton Andrade; diretor técnico: Carlos Rivani; propaganda: Armando Joel Nelli e Antônio Carlos de Carvalho; conselho fiscal: João Batista de Carvalho, Ângela Pedutto e Roberto Fraga; suplentes: Paulo Tachinardi Domingues, Vera Ribeiro e Yeda Feijão.

Duas peças marcaram o início das produções do grupo A Turma, em abril de 1967: *Odorico, o Bem Amado*, com direção de Milton Andrade, e *A Raposa e as Uvas*, de Guilherme Figueiredo, com direção de Carlos Rivani. Ambas foram

apresentadas no Auditório Municipal Santos Dumont, pois o grupo não possuía ainda um espaço próprio. Até a obtenção deste, os ensaios foram realizados na antiga sede do São Caetano Esporte Clube, na Rua Perrella. As condições precárias de tal prédio dificultavam bastante as ações do grupo.

A solução para o problema surgiu quando a General Motors desativou o seu setor de heliografia, que funcionava no sótão de um prédio que ficava no nº 1005 da Rua Baraldi. Neste lugar, foi construído um teatro de arena, que ficou conhecido como Sótão 1005. Milton Andrade, no dia seis de maio de 1965, durante o evento *Vamos Falar de São Caetano*, realizado no SESC, recordou algumas passagens que cercaram a construção da sede do grupo A Turma, como a seguinte: *O Mário (Dal' Mas) achou um cinema em São Paulo que estava fechando as portas, e comprou as poltronas, que a ZF doou (sic). (...) Mário disse ao gerente da ZF, Herbert Graemer, que estávamos montando um teatro, e ele deu a quantia total. As cadeiras eram do Cine Estrela, no Jabaquara, na Praça da Árvore (...).*

No dia oito de setembro de 1967, o

Sótão 1005 abriu suas portas ao público sul-sancaetanense. Na ocasião, foi exibida a comédia *Boa Tarde, Excelência*, do autor gaúcho Sérgio J o c k y m a n . Protagonizada por Paulo Goulart, Nicete Bruno e Lutero Luiz e dirigida por Antônio Abujamra, a referida peça inaugurou um



Elenco de *Odorico, o Bem Amado*, peça que marcou a estréia do grupo A Turma, em abril de 1967. Em pé, da esquerda para a direita: Antônio Carlos Mazer, Roberto Fraga, Tarcísio Cardieri (ao fundo), Mário Dal'Mas, Jayme da Costa Patrão e Sílvia Tessuto. Sentados: Josmar Martins e Vera Ribeiro

período de sucessivas encenações de grupos profissionais no Sótão 1005.

O primeiro espetáculo produzido pelo grupo A Turma no novo espaço foi *Na Época dos Inocentes*, dirigido por Carlos Rivani e encenado no dia oito de abril de 1968. Em seguida, observou-se uma remontagem de *Fogo Frio*, que, sob o comando daquele diretor, contou com o seguinte elenco: Nanry Negrini, Rubens de Carvalho, José Bonifácio de Carvalho, Vera Ribeiro, Dario Cavana, Jayme da Costa Patrão, Marco Antônio Rivani e José Maria.

A Mandrágora, de Maquiavel, foi a montagem seguinte d'A Turma. No elenco desta produção, que foi dirigida por Milton Andrade, estavam: Mário Dal'Mas, José Bonifácio de Carvalho, Josmar Martins, Roberto Fraga, João Nascimento, Ângela Pedutto e Vera Ribeiro.

OUTROS GRUPOS- No edifício onde estava instalado o Sótão 1005 ocorria uma constante movimentação de estudantes residentes na cidade. Isso porque o grupo de teatro do Centro Acadêmico de São Caetano do Sul encontrava-se lá sediado. Fundado em 1963, sob a orientação do professor Dyrajaia Barreto, tal grupo de teatro era

formado, predominantemente, por universitários. Entre estes estavam Luiz Antônio Cicaroni, Adilson Rolim, Paulo Marchesan, Hélio Savioli, Antônio Cláudio de Souza e Antônio Aurélio.

A peça *Do Tamanho de um Defunto*, de Millor Fernandes, marcou, em 1963, a estréia do grupo, que assumiu a denominação Grudyba (Grupo Dyrajaia Barreto), em homenagem ao seu principal incentivador. Posteriormente, houve a montagem d'*A Inconveniência de Ser Esposa*, de Silveira Sampaio, e de *Toda Donzela tem um Pai que é uma Fera*, de Gláucio Gil. A temática sociopolítica passou a ser abordada pelo grupo nas produções subseqüentes, como forma de discutir a truculenta realidade pela qual passava o Brasil naqueles tempos de ditadura militar. Dentre as peças que integraram esta fase de maior politização do Grudyba merecem destaque *A Revolução na América do Sul*, de Augusto Boal, e *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes, cuja estréia ocorreu no dia 19 de janeiro de 1968, ano da entrada em vigor do Ato Institucional nº 5 (AI-5), através do qual a repressão no país atingiu sua fase mais severa.

O ano de 1968 foi também muito significativo para o teatro amador de São



Elenco e equipe técnica de *Toda Donzela tem um Pai que é uma Fera*, uma das primeiras peças produzidas pelo Grudyba, grupo que iniciou suas atividades em 1963. Em pé, da esquerda para a direita: João Ortuño, Gongora (Joãozinho), Miguel Romano e Antônio Carlos de Carvalho. Sentados, da esquerda para a direita: Luiz Antônio Cicaroni, Adilson Rolim, Israel Laterman e Nelson Savioli. As atrizes são as irmãs Sílvia (à esquerda) e Beth Martinez

Caetano do Sul, pois além da atuação d'A Turma e do Grudyba, mais dois grupos estavam em plena atividade na cidade, no período assinalado: Grupo Teatral Scala (liderado por Hortência Rodrigues e Richards Paradizzi) e Grumasa (Grupo Maria Salete), que pertencia ao Colégio Estadual de Vila Barcelona, atual Escola Estadual Idalina Macedo da Costa Sodré.

O envolvimento da cidade com o teatro já era bastante evidente quando São Caetano foi escolhido para sediar, em agosto daquele ano, no Auditório Municipal Santos Dumont, a fase eliminatória do VI Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo. Contando com a presença de 12 elencos da região (estando entre eles os quatro grupos de São Caetano), tal evento foi bastante conturbado. Isso porque a Federação Andreense de Teatro Amador (Feanta), responsável pela organização daquele festival, tentou desclassificar o Grudyba quando este solicitou um outro espaço para *O Santo Inquérito*, espetáculo que havia sido preparado pelo grupo para ser encenado em arena. Em sinal de protesto, os quatro grupos sul-sancaetanenses e mais dois de Santo André optaram pela saída do festival. Caso a interferência de Cacilda Becker, então presidente da Comissão Estadual de Teatro, não tivesse ocorrido, o VI Festival não teria se concretizado. Apaziguados os

ânimos, o evento prosseguiu. *O Santo Inquérito* sagrou-se vencedor da fase eliminatória, chegando, posteriormente, à final do VI Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo como representante do Grande ABC.

A década de 1960 marcou sobremaneira a trajetória do teatro amador de São Caetano do Sul. Os espetáculos produzidos pela Acascs, o aparecimento de outros grupos cênicos e a realização daquele VI Festival são apenas uma mostra do que foi registrado em termos de arte dramática na cidade, no período destacado.

Os anos de 1970 reservariam também acontecimentos importantes ao teatro amador local, como o surgimento do MCTA (Movimento Cultural, Teatral e de Artes) e do Grupo Labore de Teatro. Este último foi fundado pouco tempo depois do encerramento das atividades d'A Turma, que, impossibilitada, por motivos diversos, de continuar usando o Sótão 1005, chegou ao fim. Alguns de seus ex-integrantes, como Mário Dal'Mas, Jayme da Costa Patrão, Carlos Rivani, entre outros, resolveram, então, fundar o Grupo Labore de Teatro, com a finalidade de dar continuidade ao trabalho que vinham desenvolvendo na arte dramática desde os tempos da Acascs. O Labore teve uma existência breve. A primeira e única peça que montou foi a comédia *A Guerra Mais ou Menos Santa*, de Mário Brasini. Apresentada no Porão (nome dado ao pequeno espaço que funcionou na Rua Baraldi, 811, como sede do grupo), a montagem foi assistida por autoridades municipais da época, que prestigiaram o espetáculo logo na sua estréia, no dia 14 de outubro de 1977. O êxito obtido neste trabalho não foi, todavia, suficiente para conservar o grupo em atividade. As dificuldades para manter o espaço, aliadas a outros fatores, foram responsáveis pelo término do Grupo



- Atores do MCTA encenando *O Último Trem das Onze*, de Carlinhos Lira. Ano de 1985

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Labore de Teatro.

Enquanto este saía de cena, o MCTA dava seus primeiros passos na cidade. A estréia do grupo que foi fundado por Carlinhos Lira ocorreu em 1976, com a montagem da peça *Fratricida*. Inúmeras produções vieram na seqüência, entre elas *O Último Trem das Onze*, espetáculo encenado, em 1985, com um dos maiores elencos já montados no Grande ABC.

Ao longo dos seus 29 anos de existência, o MCTA foi premiado em festivais regionais e nacionais. Mas isso já é assunto para uma outra pesquisa. O fato é que o teatro amador, em todas as fases de sua trajetória na cidade, envolveu diferentes gerações em torno de um mesmo ideal: o amor pela arte de interpretar.

(*) Cristina Toledo de Carvalho é graduada em História pela Universidade do Grande ABC e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

FONTES -

BOTTEON, Mário. "O teatro amador de São Caetano do Sul (14)" in *Jornal de São Caetano*. 05/12/1987. p.3.

_____. "O teatro amador de São Caetano do Sul (19)" in *Jornal de São Caetano*. 30/01/1988. p.3.

_____. "O teatro amador de São Caetano do Sul (26)" in *Jornal de São Caetano*. 19/03/1988. p.3.

_____. "O teatro amador de São Caetano do Sul (27)" in *Jornal de São Caetano*. 26/03/1988. p.3.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FRANCO, J. B. "O teatro em São Caetano como meio instrutivo" in *Jornal de São Caetano*. 27/07/1963. p.7.

MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: A Presença de São Caetano na Região do ABC*. São Paulo: Hucitec; Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.

_____. *Uma História de Campeões: Os 89 Anos do São Caetano Esporte Clube*. São Paulo: Neo Graf, 2003.

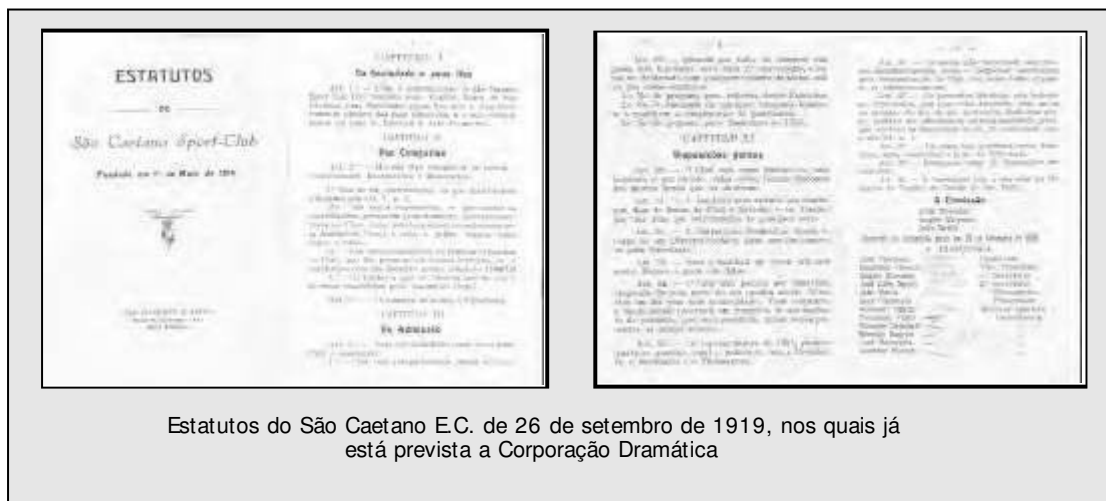
MICHALSKI, Yan. *Ziembinski e o Teatro Brasileiro*. São Paulo: Hucitec; Ministério da Cultura/ Funarte, 1995.

SILVA, José Armando Pereira da. "Teatro local centralizava atividades culturais nos anos 60" in *Raízes*. Ano XI, nº 21. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Julho/2000.

VALENTIM, Osmar Costa. "MCTA, 20 anos de atividades teatrais ininterruptas na cidade" in *Raízes*. Ano VII, nº 14. São Caetano do Sul: Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul, Julho/1996.

VERONESI, Henry. "Foi uma vez uma sociedade..." in *Raízes*. Ano III, nº 5. São Caetano do Sul: Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul, Julho/1991.

Os primórdios do teatro na cidade



Estatutos do São Caetano E.C. de 26 de setembro de 1919, nos quais já está prevista a Corporação Dramática

A VIDA CULTURAL EM SÃO CAETANO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

A juventude local era muito interessada nas manifestações culturais que ocorriam na capital paulistana. Talvez a descendência européia, em sua maioria italiana, com sua formação cultural bastante direcionada para as artes, particularmente para a música, fosse o principal fator que impulsionava a vontade de ver e participar dos espetáculos, apesar das dificuldades a ser superadas. E não eram poucas. Todos eram de famílias relativamente pobres, nas quais não havia espaço para o supérfluo; raros eram os que possuíam situação financeira mais confortável. O único transporte para São Paulo era o trem. Servia, porém, apenas para a ida, já que o último saía da Estação da Luz para São Caetano às 19 horas, não havendo nenhum outro horário para a volta. Mas

sempre havia alegres grupos que, para não perder os espetáculos que terminavam por volta das 23 horas, aventuravam-se em outra alternativa para o retorno: voltavam de bonde desde a Praça da Sé até o Largo da Vila Prudente ou até o Sacomã e seguiam a pé o restante do caminho até São Caetano.

Outros fatos interessantes ilustram esta época, entre os quais, digno de nota, a grande preocupação dos jovens que desejavam ser atores em procurar sempre as primeiras fileiras dos teatros para observar de perto os gestos, a entonação de voz e tudo o que pudesse lhes trazer aprendizado.

Olindo Quaglia, em depoimento a mim dado em 1993, lembrou que era companheiro de Arthur Garbelotto nas viagens a São Paulo, onde freqüentavam teatros. Afirmou que Arthur tinha tanto interesse na atuação dos atores que acabou por receber dos amigos o apelido de *Sting*,



conhecido personagem da peça *Águas Quietas*, encenada no Teatro Boa Vista, por uma companhia italiana

Na cidade, poucas eram as manifestações culturais. A Sociedade Beneficente *Principe di Napoli* era a única atuante, desde sua fundação em 1892, promovendo festividades cívicas em datas importantes (promovia os festejos comemorativos da chegada dos italianos, em 28 de julho, entre outros), sempre com a presença de bandas musicais. Em muitas ocasiões, pequenos grupos encenavam peças alusivas às datas, mas nada que pudesse se caracterizar como *teatro*.

No campo musical, a *Principe di Napoli* deu enorme passo ao formar a Banda Casa de Savoia, com a participação de habitantes locais, sob a regência do maestro Joaquim Capocchi (de São Paulo). Não se sabe a data de sua formação, mas existem registros da importância e da fama desta banda, que obteve a segunda colocação em concurso de bandas realizado no Jardim da Luz, bem como de suas apresentações em cidades vizinhas e do interior, como Jundiá por exemplo. O Museu Municipal guarda um dos lindos uniformes da banda.

As quermesses eram outros locais onde se apresentavam as bandas musicais (merecem ser lidas as poéticas palavras de Nicola Perrella sobre as quermesses e sobre a vida em São Caetano em seu livro *Entre as Torbas de São Caetano*).

Enquanto o teatro aguardava sua vez para surgir na cidade, a música expandia-se nas reuniões, quermesses, festas e nos encontros familiares. O canto,

particularmente, trazido pelo hábito de famílias italianas aqui chegadas na década de 20, deixou marcas expressivas na cidade. Em São Caetano, havia um grupo de cantores, formado pelas famílias Piccolo e Ceschin, que cantava canções populares italianas, árias de óperas e trechos corais famosos como o *Nabuco*, de Verdi. Os seus membros eram: Girolamo Ceschin (muito conhecido como Momi) e os *piccolos* Cândido e Amália e seus filhos Ângelo, Humberto, Victorio, Thereza, Rosa, Amabile e Albino, mais conhecido como Bepi, que estudou e participou do Coral do Teatro Municipal de São Paulo, além dos genros Mero Mario Basso e Gilberto Grigoletto .

AS DÉCADAS DE 10 E 20

Pelos depoimentos orais existentes, os jovens locais, nesse período, procuravam algo mais consistente, que viesse servir, simultaneamente, como entretenimento e como veículo para a formação cultural. Sabe-se que São Caetano era local de gente humilde: trabalhadores braçais de oficinas, de olarias, da construção; dos plantadores de pequenas hortas; de alguns operários das indústrias que aos poucos surgiam. A cultura não era o forte da população local, mas um pequeno grupo - os frequentadores dos teatros paulistanos - começou a mudar o perfil da comunidade, como veremos adiante.

Elenco de *Manhãs de Sol*, de Oduvaldo Viana, uma das peças de maior sucesso no São Caetano E.C. (1934). Em pé, da esquerda para a direita: (?), Aldo Negrini, (?), (?), Vitório Menin, Valdemar Veiga, Arthur Garbelotto, Ferruccio Manilli, Germano Miazzi, Aladino Grecchi e Abramo Cavassani. Sentados, da esquerda para a direita: (?), Carmela Paolillo, (?), (?) e Augusto Barone. Sentadas, no chão, da esquerda para a direita: Lucila Cavassani, Eda Cavassani (filhas de Abramo) e Leonor Navarro. A peça seria reapresentada diversas vezes. A última em 13 de novembro de 1937

Notas

1.- Mario Botteon -
Jornal de S. Caetano,
dezembro de 1987.

Com a instalação da Paróquia de São Caetano na Matriz Velha, em 1924, os sacerdotes católicos trouxeram conhecimento e cultura italiana, influenciando, decisivamente, na introdução de outros valores na mente dos humildes cidadãos da época. Na verdade, estas décadas foram os degraus da evolução cultural local.

Não há muitos documentos na historiografia local a respeito do surgimento e da trajetória do teatro. No entanto, a história oral, as atas e outros documentos da *Principe di Napoli* e do São Caetano Esporte Clube permitem traçar, com alguma margem de segurança, a história do teatro na provinciana cidade.

Da *Principe di Napoli* temos atas de sua fundação (de 1892 até 1911), retomadas apenas em 1929. Do São Caetano E.C., as atas guardadas são do período de nove de maio de 1922 em diante. Do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, outro importante núcleo teatral, nada restou a não ser a história oral.

A PRIMEIRA PEÇA ENCENADA EM SÃO CAETANO

a) no São Caetano Esporte Clube

No livro do São Caetano E.C., de autoria de Ademir Medici (*Uma História de Campeões* – 2003), escrevi um artigo abordando o teatro no clube. Referi-me a uma histórica reunião que promovi em 1974, no IMES, quando Manoel Cláudio Novaes e

Mario Dal'Mas afirmaram que, segundo haviam escutado, a primeira peça teatral na cidade foi encenada na Sociedade de Mútuo Socorro *Principe di Napoli*, em sua sede social da Rua Perrella, em 1923. O título era *La sorella del ciecco* (A irmã do cego), totalmente falada em italiano, porque era realizada na escola de italiano da referida entidade. Não se tem notícia de quem era seu diretor, porém, segundo Mario Botteon[1], os atores foram: Dante Negrini, Matheus Constantino, Otavio Tegão, Aldo Negrini, João Barille, Ângelo Veronesi e Madame De Camillis (atriz profissional convidada). O elenco foi confirmado por Mario Dal'Mas. No entanto, após renovadas pesquisas, sou pela reformulação dessa opinião, para afirmar que as primeiras peças foram realizadas no São Caetano Esporte Clube. Vamos aos fatos.

Como resultado de uma fusão entre dois clubes, Clube dos Amigos e Rio Branco F.C., nasceu o São Caetano Esporte Clube, em primeiro de maio de 1914. Surgiu mais forte socialmente, o que permitiu uma vida social mais intensa, mais organizada. Era o que faltava à cidade. Um clube que proporcionasse, além do futebol, entretenimento às famílias.

Como já se mencionou, a *Principe di Napoli* era uma sociedade assistencial que proporcionava lazer apenas em ocasiões especiais. Sendo assim, o recém-fundado clube foi realmente o primeiro com um departamento social específico e também o primeiro a ter um departamento de arte

Cena da peça *Os Dois Sargentos* (1933). Segundo Jácomo Lorenzini, foi a peça que inaugurou o novo palco do São Caetano E.C., na Rua Perrella. Em cena, da esquerda para a direita: Matheus Constantino, Octávio Tegão, (?), Pina Tegão, Abramo Cavassani (sentado) e (?). Atuaram ainda Arthur Garbelotto, José Cavassani e outros



Acervo: Arthur e Theresza Garbelotto

dramática. Diz o artigo 32 do Estatuto do Clube, aprovado em Assembléia Geral de 28 de setembro de 1919: *A Corporação Dramática ficará a cargo de um Director-Scenico, para esse fim nomeado pela Diretoria (sic)*[2]. No mesmo Estatuto, em seu artigo primeiro, comenta-se sobre os fins da sociedade: *...e Arte Dramática.*

Os estatutos foram elaborados por comissão constituída pelos sócios Júlio Marcucci, Ângelo Veronesi e João Barile.

Ambas as referências indicam claramente a existência de atividades voltadas para o teatro, pelo menos desde 1919. É certo que a sede social da Rua 28 de Julho, inaugurada em 1922, veio dar melhores condições para a realização de peças teatrais com seu palco, mas outros fatos confirmam a existência de peças teatrais anteriores a 1922, no São Caetano, em pequeno salão que, anteriormente, pertencia à *Principe di Napoli*, na Rua Rio Branco, onde hoje há uma loja de calçados.

Os fatos referidos são depoimentos de Germano Miazzi[3] e Thereza Piccolo Garbelotto. O primeiro participou, juntamente com João Domingos Perrella Neto, nos serviços de montagem de cenários, ainda na sede da Rua 28 de Julho. É dele ainda a lembrança da adaptação do palco, com lâmpadas na ribalta e no alto para facilitar o trabalho teatral. Miazzi e Perrella eram marceneiros, aptos, portanto, ao trabalho de montagem em madeira, como eram os cenários na época. Thereza P. Garbelotto, por sua vez, sempre foi categórica ao afirmar que Arthur Garbelotto, que viria a ser seu marido, um dos principais atores e dirigentes do teatro no São Caetano, ingressou no grupo teatral aos 16 anos. Considerando que Arthur nasceu em 1904, teve sua iniciação teatral, no clube, em 1920.

Se esses fatos não bastam para concluir que o São Caetano E.C. foi o pioneiro do teatro na cidade, surgiu em recente pesquisa a prova final: texto da ata do clube de 12 de dezembro de 1922, página 29, diz: *...foi deliberado promover uma festa dançante dramática para o dia 25 de dezembro.*[4]

Ora, se já não existisse um grupo

atuante, pessoas leigas no assunto jamais ensaiariam uma peça teatral em apenas 12 dias.

Concluimos, portanto, pelo conjunto de provas, que o São Caetano E.C. foi o primeiro clube local a ter um grupo teatral organizado e produzindo espetáculos. E apesar da única prova material disponível, é certo que, em anos anteriores, já havia dedicação de muitos ao teatro.

b) no Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal

Outro fato importante para concluir pela existência real do teatro local, antes da mencionada peça *La sorella del cieco*, foi a fundação do Ideal em 11 de janeiro de 1922. Em artigo na Revista *Raízes*[5] Henry Veronesi dá notícia da primeira sede deste clube *...num pequeno salão situado no cruzamento das ruas dr.Rodrigues Alves e Heloiza Pamplona, em frente à propriedade da firma Irmãos Barile.* Continua: *... com o desenvolvimento das atividades culturais e sociais, a sociedade foi arrebanhando dezenas de novos sócios, o que obrigou a entidade a mudar-se para um edifício maior...e um enorme palco onde eram representadas as peças teatrais.*

A mudança para o novo salão, na Rua Rio Branco, deu-se em data desconhecida. Posteriormente, quando o Ideal mudou-se para a Rua Santa Catarina, este mesmo salão foi ocupado pelo C.E. Rio Branco, fundado em primeiro de maio de 1930.

J.B.Franco, em artigo jornalístico [6], ressalta fatos que merecem atenção. Respondendo à própria indagação de como colaborar com a cultura da cidade, afirma: *Havia necessidade de aproveitar os elementos que sabiam representar no palco...*

Segundo Franco, no próprio clube foi criada a Companhia Teatral de São Caetano, nome pelo qual apresentavam-se as peças teatrais. Os ensaios teriam tido início em 1922, e as apresentações, assim que os problemas de espaço e palco foram superados, aconteceram em data que, infelizmente, perdeu-se no tempo.

Os elementos que sabiam representar nos palcos eram os mesmos elementos que já atuavam nos palcos do São Caetano E.C. Disto não haverá dúvidas se compararmos as

Notas

- 2.-Estatuto do S.Caetano E.C. de 28 de setembro de 1919 (acervo de Arthur e Thereza Piccolo Garbelotto).
- 3.-Depoimento de Germano Miazzi in *Raízes* nº. 7, julho de 1992.
- 4.-Ata do S.Caetano E.C. de 12 de dezembro de 1922, pág. 29.
- 5.- Henry Veronesi in Revista *Raízes* nº. 5, págs. 17 a 24.
- 6.-J.B.Franco - *Jornal de São Caetano* de 27 de julho de 1963.



Lateral esquerda do palco na noite de inauguração da nova sede do São Caetano E.C. Senhoritas do clube (vestidas de branco e preto), a diretoria e outras autoridades recepcionaram o prefeito de São Bernardo, Felício Laurito, e sua esposa. (Nove de dezembro de 1933)

listas dos fundadores do Ideal – citadas por Veronesi e Franco – com os militantes daquele clube. Se incluirmos, então, os atores enumerados por Franco, será indiscutível a

dedução de que quase todos os atores do São Caetano, pela experiência adquirida, atuavam também pelo novo clube. Neste contexto podemos citar: Octávio Tegão, Matheus Constantino, Abramo Cavassani, Ângelo Aladino Grechi, Aldo Negrini, João Barile, entre outros.

Na verdade, esse intercâmbio artístico existente entre os grupos teatrais locais, não só entre São Caetano e Ideal, mas, também, entre os grupos que surgiram após, era muito natural. Se existiam rivalidades, estas não atingiam os membros do teatro, que valorizavam a cultura acima de tudo. Quando era necessário um determinado perfil de ator para certas peças, os convites eram, naturalmente, formulados. Era sadio o relacionamento.

Para mim, não resta nenhuma dúvida de que, por ocasião da peça *La sorella del cieco*, encenada em 1923 na *Principe Di Napoli*, São Caetano E.C. e Ideal já possuíam grupos teatrais atuantes e, por isso mesmo, uniram-se para formar o elenco daquela peça.

OS GRANDES NOMES DO TEATRO LOCAL E SEUS “ENSAIADORES” NO INÍCIO DA DÉCADA DE 20

A própria constituição do elenco que encenou a peça *La sorella del cieco* aponta os nomes dos pioneiros do teatro local, quase todos pertencentes ao São Caetano E.C.. Do elenco, apenas Dante Negrini era associado do clube. A atriz convidada era profissional de São Paulo. Mas é provável que Dante acompanharia seu irmão Aldo, já que formavam um grupo bem homogêneo e bem

definido em seus propósitos.

Esse grupo deixou o São Caetano na cisão entre Octávio Tegão e o presidente João Vamondes, relatada na ata de oito de março de 1923, págs.58 a 61. Tegão é eliminado por contagem apertada: 59 contra 49. Afinal tratava-se, já na época, de nome importante no clube, graças a sua atuação nos palcos e aos serviços prestados ao clube. Era inclusive sócio benemérito. Sua demissão descontentou a muitos, e nomes importantes solicitaram demissão: Matheus Constantino, Antonio Barile, João Barile, Ângelo Veronesi, entre outros. Era o grupo do teatro.

Até oito de março de 1923, Tegão e Constantino, apontados como fundadores e diretores do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, em 11 de janeiro de 1922, continuavam como sócios, diretores e militantes no teatro do São Caetano E.C. É de se supor que a desavença tenha gerado transtornos também para o grupo teatral, mas não a ponto de romper com a amizade e o relacionamento cultural que movia os integrantes do teatro.

Tegão foi logo reintegrado ao clube, assim que houve o afastamento do presidente Vamondes. Em quatro de dezembro de 1923, sua demissão foi reconsiderada e nunca mais se afastou do clube, tendo, inclusive, sido eleito presidente para a gestão de 1951/52, após ter sido vice-presidente de 1938 a 1942. Por sua vez, Antonio, João e Orlando Barile e Matheus Constantino, que afastaram-se em 1923, retornaram ao clube em 29 de setembro de 1925; em seis de outubro de 1925, retornaram Ângelo Veronesi e Aldo Negrini. Era parcela de fundadores do Ideal e notórios atores que retornavam ao berço do São Caetano.

O que devemos considerar, no entanto, é que o teatro local ganhava nova dimensão com a criação da Cia. Teatral de São Caetano, sob os auspícios do Ideal. Afinal, eram dois os grupos atuantes, embora houvesse atores comuns a ambos.

Enfim, reunidos num mesmo propósito, o grupo teatral do São Caetano atingiu seus melhores momentos. Sob a liderança de Arthur Garbelotto e Abramo Cavassani, este também “ensaiador”, atores de méritos indiscutíveis tais como Aladino

Grecchi (também “ensaiador”), Octávio Tegão, Matheus Constantino, Hermenegildo Netti, Aurélio Tenca, Antenor Alonso, dona Pina Tegão, Mario Menim, Victorio Menim, Aldo Negrini, Teodomiro Sigolo, Francisco Fiorotti e as atrizes paulistanas mais freqüentemente contratadas Leonor Navarro, Nara Navarro, Amélia Ilema e Elena Santini freqüentavam os palcos locais e lotavam os salões. Augusto Barone, companheiro de Leonor Navarro, também atuou como “ensaiador” e orientador dos atores locais.

Em 1924, um novo “ensaiador” foi contratado pelo São Caetano: Ulderico Negrini, (provavelmente parente dessa extraordinária família de artistas, os Negrini), que vinha de São Paulo para dirigir os artistas locais. Logo a seguir, Ulderico pediu autorização para estrear *um drama* no dia 19 de abril de 1924. Sem perda de tempo, anunciou, também, em primeiro de abril, o programa *para aniversário próximo de dois pequenos dramas, um em italiano e outro em portuguez* (sic)[7].

Já a esta época o Ideal, através de sua companhia, também estava em plena atividade, e pontificavam, praticamente, quase todos os nomes já referidos além de Fernando Piva, João Barile, Adriano Galiazi, Duflío José Quaglia e José Costa. Integrava o grupo o dr. Constantino Moura Batista, autor de várias peças de grande sucesso, tais como *Cocaína* e *Escravo*.

A cultura, a arte e a população ganhava com a grande atividade desenvolvida.

Eis algumas peças citadas por J.B.Franco [8], levadas pela Cia. de Teatro De São Caetano, na década de 1920: *Amor e Orgulho*, *Otello*, *A Morte Civil*, *Deus e a Natureza*, *Morgadinha de Valflor*, *A Inimiga*, *Os Dois Sargentos* e *Paixão de Cristo*. Esta última, sempre encenada na Semana Santa.

Já no São Caetano E.C. podemos citar: *Manhãs de Sol*, *Feitiço*, a opereta *Rosas de Nossa Senhora*, *Os Dois Sargentos*, *Barão da Fonte Arcada*, *Terra Bendita*, *A Inimiga*, *Compra-se um Marido*, *São Luiz Gonzaga*, *Deus lhe Pague*, *Ré Misteriosa*, *Paixão de Cristo*, entre outras.

O ano de 1928 e os seguintes

Destaco o ano de 1928 pelo fato de encontrarmos, neste ano, referências maiores sobre o teatro local no quase deserto documental que envolve os primórdios. Mesmo as atas do São Caetano dão, como era natural para a época, destaque ao futebol e às



Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

atividades sociais. Nelas encontramos esparsas citações do teatro. E como nada ficou do Ideal e sua companhia, a não ser artigos memorialistas, vamos ao *São Caetano Jornal*, deixando de lado, pelo menos temporariamente, o belíssimo álbum de fotos e recortes organizado por Fernando Piva (acervo da Fundação Pró-Memória) pela impossibilidade de pesquisa no momento e pela premência do tempo para a edição deste artigo. Fica o compromisso para ampliar o presente trabalho com o acervo de Fernando Piva e outros eventuais que surgirem.

O *São Caetano Jornal*, órgão surgido em 1928 para defender as idéias autonomistas do então distrito de São Caetano, a partir de sua edição nº 22, de 17 de junho de 1928 [9], começou a publicar notícias sobre os clubes.

Diz o Jornal: *São Caetano tem nove clubes esportivos e quatro recreativos* :

G.I.R Ideal – com um bem dirigido corpo scenico.

São Caetano E.C. – com grupo dramático de primeira linha.

Clube Flor do Mar - possuindo também optimo corpo scenico.

Monte Alegre F.C. – igualmente possuindo corpo scenico excelente.(sic).

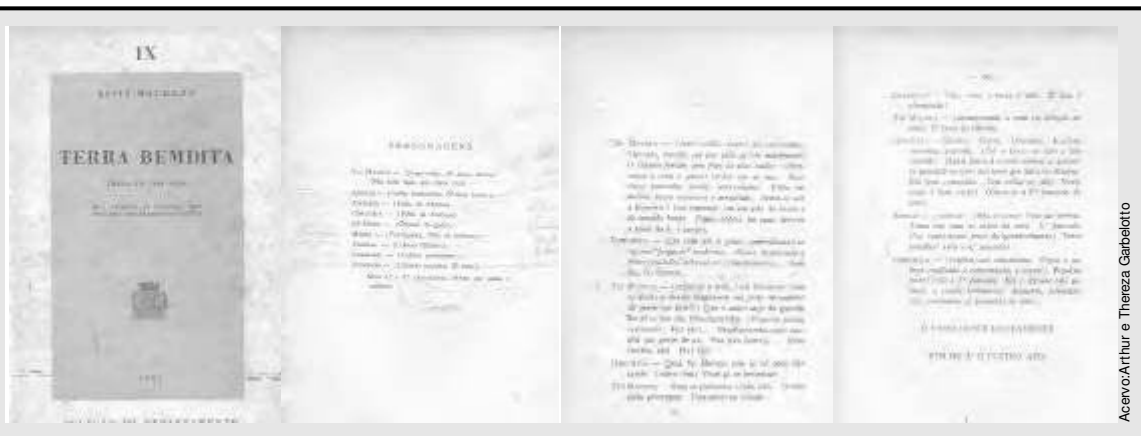
Deixo de citar os demais porque não

A Principe di Napoli sempre festejava datas comemorativas. Aqui patrocinou Festival Dramático Dançante para comemorar o 57º aniversário da cidade. O elenco era do São Caetano E.C. (28 de julho de 1934)

Notas

- 7.- Ata do S. Caetano E.C. de 1924.
- 8.- J.B Franco - art. citado.
- 9.- Acervo da Fundação Pró-Memória.

Terra Bendita trouxe grandes emoções ao fiel público do São Caetano E.C. O elenco da primeira apresentação, pela ordem dos personagens: Abramo Cavassani, Arthur Garbelotto, Mario Menin, Leonor Navarro, Antonio Garcia, Aladino Grecchi e Valdemar Veiga (1937)



Acesso: Arthur e Theresia Garbelotto

possuíam corpo de teatro.

Como pode-se concluir, a existência de quatro corpos cênicos numa cidade com, aproximadamente, 18 mil habitantes, na época, traduzia o alto interesse pela arte dramática.

Do mesmo período, extraímos várias informações de espetáculos anunciados por estes clubes:

. No São Caetano E.C. – O drama *Arnaldo*, em três atos, com Amélia Illema (artista de S.Paulo), Aurélio Tenca, Antenor Alonso, Abramo Cavassani, Arthur Garbelotto, F.D. Agostini, Antonio Guerreiro e Ferruccio Manille. (Edição nº 24, de primeiro de julho de 1928.)

. No Flor do Mar – Programa duplo com o drama *O Verdadeiro Amigo*, em três atos, com Hermenegildo Netti, Octavio Tegão, José Costa, C. Arantes e srta. Julia Negrini. *Um Hotel Modelo*, com M.Paraventi, Dante Negrini, José Costa. A. Pannunzio, C. Arantes, Victorio Menim e sra. Julia Negrini. (Edição nº 29 de três de agosto de 1928, que ainda anunciava que o espetáculo seria no salão do Ideal.)

. No Monte Alegre F.C. – *Os Ladrões da Honra*, com Luiz Alcoba, Isaiás Polido, Fernando Piva, João Matiello, Gabriel Fernandez, Luiz M.Filho e srta. Domingas Balsamo. (Edição nº 33 de dois de setembro de 1928, que ainda informava que o espetáculo seria no Cinema Monte Alegre, também conhecido por Cine Parque, na Rua Maranhão.)

. No São Caetano E.C.- *O Condenado*, com Pedro Spina, Abramo Cavassani, Arthur Garbelotto, José Cavassani, Antonio

Matarrazzo, Ricardo Manille e srta. Palmira Franco. (Edição nº 34 de nove de setembro de 1928.) *Os Dois Sargentos* – não cita o elenco. (Edição nº 69 de sete de abril de 1929. Esta era a segunda apresentação desta peça no clube. A primeira, já sob a direção de Pedro Spina, foi encenada em seis de outubro de 1928.)

. No Monte Alegre – *Os Quinze Anos de Prisão* – não cita o elenco. (Edição nº 69, de sete de abril de 1929, que dava a informação de que o clube iria construir sua sede na Rua Baía - atual rua Rio Grande do Sul -, onde hoje existe um colégio, próximo à Rua Monte Alegre. Edição nº70.)

Sobre o Ideal, apenas a edição de 13 de janeiro de 1929 trouxe artigo sobre sua fundação e citou alguns fundadores e algumas peças já encenadas pela sua companhia teatral: *Paulo, o Enjeitado; Deus e a Natureza; O Poder do Ouro; Os Ladrões da Honra*. Informou ainda que, neste ano de 1929, Octávio Tegão era presidente e Antonio Barile vice-presidente.

No entanto, Henry Veronesi [10] nos traz outras informações preciosas sobre o clube. Depois que saiu do pequeno salão da Rua Rodrigues Alves, o Ideal ocupou o prédio da Rua Rio Branco, 45, em meados dos anos 20, quando iniciou intensa atividade teatral, que perdurou mesmo com a mudança de salão para a Rua Santa Catarina. Porém, em função da transferência para o segundo andar do prédio, o clube *foi obrigado a terminar com o corpo cênico,... pela razão de não haver no salão de reuniões o palco necessário...* Com isso, o corpo cênico se extinguiu, deixando uma lacuna na sociedade cultural da cidade.

Notas

10.- Henry Veronesi - art. citado.

Embora não sejam citadas datas, acreditamos que esse fato tenha ocorrido entre 1937 e 1940.

Em 1944, em assembléia *com o intuito de salvar o clube*, o seu nome foi mudado para *Clube Comercial*. Morria, assim, o Ideal. O novo clube tornou-se apenas um clube de bailes, marcando época a partir de 1956, quando se mudou para o moderníssimo salão no recém-inaugurado prédio Vitória.

Mas é importante ressaltar quão importante foi o teatro do Ideal nas décadas de 1920 e 1930. Seu corpo cênico, composto de atores de excelente qualidade, como já foi citado, representou a cidade, por diversas vezes, em teatros do interior e da Capital - inclusive no então famoso Teatro Colombo, no Brás, e no Teatro Carlos Gomes, em Santo André.

Henry salienta que uma das peças de maior sucesso foi *Cocaína*, de autoria do médico local, Constantino de Moura Baptista, e encenada em diversos teatros.

J.B.Franco acrescenta outros detalhes, particularizando a participação do Ideal na cidade de Itu, perante exigente platéia. O sucesso foi tão grande que um representante de uma importante companhia teatral italiana, que se apresentava em São Paulo, fez reconhecimento público no palco, em especial ao ator principal da peça, Octavio Tegão. Cita ainda os convites feitos a Tegão e a sua futura esposa, Pina, para o cinema italiano e outros convites feitos a ambos e a Matheus Constantino para integrar renomada companhia teatral brasileira.[11]

Enquanto isso, dois fatos significativos aconteciam no São Caetano E.C., ainda em 23 de julho de 1928. O primeiro dizia respeito à contratação de novo "ensaiador", anunciado por Aurélio Tenca. Tratava-se de Pedro Spina, "ensaiador" e ator de São Paulo. Anuncia também a peça *O Condenado* para apresentá-la no próximo dia nove de setembro, no palco da Rua 28 de Julho. Para desenvolver seu trabalho foi atribuído o pagamento de *...passe mensal ferroviário na importância de 18\$000 "dezoito mil réis."*[12] O segundo fato significativo, indicando a grande disposição de Spina e seu grupo, foi o anúncio da encenação da peça *Os Dois Sargentos*. A



Acervo: Dullio Giorgetti

primeira vez a ser encenada na cidade seria na noite de seis de outubro de 1928. Obteve tanto sucesso que vários grupos teatrais apresentaram a mesma peça. No São Caetano E. C. foi encenada por várias vezes. O *São Caetano Jornal* nada publicou a respeito.[13]

O final da década mostrava claramente que o teatro local estava em plena atividade e com grande sucesso de público a ponto de surgir, com grande ousadia e determinação, a primeira opereta no São Caetano E.C., a exemplo do que ocorria na Capital, com companhias estrangeiras.

Ettore Dal'Mas, secundado por seu irmão Mario, é quem relata:

Era o ano de 1929 quando o elenco do São Caetano E.C. encenou a opereta portuguesa "Rosas de Nossa Senhora", em sua sede da Rua 28 de Julho. O organizador, ensaiador e ponto foi Ferruccio Manille. O enredo e alguns personagens: Antenor (ou Ângelo) Veronesi era o barítono; vivia homem letrado e culto, que tinha um irmão, rústico e homem do mato que vivia nas montanhas, o personagem Carapicho (não lembra o nome do artista). Carapicho, descia sempre das montanhas para namorar a filha de um fidalgo, vivido por Abramo Cavassani. O irmão culto (Veronesi) não aceitava o namoro de Carapicho com a filha do fidalgo e disso se queixava a Maria (não lembra a artista) em belas canções. Lembra parte de uma delas:

Os Dois Sargentos: espetáculo levado ao C.E. Lazio que, após a Segunda Guerra Mundial, passou a chamar-se C. E. Rio Branco. O elenco mesclava atores experientes de outros clubes e novatos do clube. Leonor Navarro fez o principal papel feminino (1937). 1) Agostinho Pannunzio, 2) Antonio Pires, 3) Hermenegildo Netti, 4) Antonio Catelan, 5) (?), 6) (?), 7) Antonio D'Agostinho, 8) Giacomo Costa Curta, 9) (?), 10) Nara Navarro, 11) Antonio (?), 12) Ari Lodi, 13) Dino D'Agostini, 14) Fernando Piva, 15) (?), 16) Leonor Navarro, 17) (?)

Notas

- 11.- J.B.Franco - art. citado.
12.- Ata São Caetano E.C. 23 de julho de 1928.
13.- Idem de dez de setembro de 1928.



Leonor Navarro foi a "grande dama" do teatro de São Caetano, nas décadas de 20 e 30. As melhores personagens femininas exigiam a sua presença. Aqui aparece também o seu marido Augusto Barone

“Olá, Maria, que te Salve Deus.

Olá, luz dos olhos meus.

Tenho muito que te dizer, muito que te falar.”

E continuava o barítono a cantar a falta de condições de seu irmão Carapicho para namorar uma dama, filha de fidalgos.

Acrescenta Ettore que havia uma bem treinada orquestra e um coral acompanhando. Lembra-se de alguns nomes do coral: *João Dal’ Mas, Reinaldo Lodi, Américo Perrella, Mauro Moretti, Alcides Cavassani, Ignes Garbelotto.*

É notável a lembrança de Ettore Dal’ Mas se considerarmos que, na época, tinha apenas oito anos...

A década de 30

Os anos 30 encontraram o teatro local ainda mais fortalecido. O surgimento do cinema, em 1922, com a inauguração da primeira sala na Rua Perrella – o Cine Central – após incipientes tentativas [14] e o sucesso do filme cantado e falado em 1927 – *O Cantor de Jazz* - com All Jolson e do primeiro filme inteiramente falado – *Luzes de Nova York* – com Brian Foy, em 1928, secundados pelo aparecimento dos grandes títulos e dos grandes atores que, finalmente, aderiram ao cinema falado a partir de 1929 [15], não foram motivos suficientes para afastar o grande público dos palcos.

Em nove de dezembro de 1933, o São Caetano E.C., em memorável Sessão Solene presidida pelo então presidente Henrique Lorenzini, inaugurou sua nova sede social.

Pela primeira vez em São Caetano,

um clube construía um palco próprio para o teatro: as dimensões; a grande altura acima da “boca do palco”, igualando-se aos teatros profissionais da época; o espaço amplo nas coxias; o maquinário para movimentação horizontal e vertical dos cenários, permitindo rápidas trocas de ambientes entre os atos. Enfim, era o palco “dos sonhos” dos atores locais. Tanto assim que tornou-se o preferido para certas peças encenadas até por outros clubes.

Com todos estes melhoramentos, foi natural o crescimento cênico no São Caetano. As peças, sempre precedidas dos bailes, continuaram a ocorrer quase que mensalmente, mesmo porque, quando eram encenados os “dramas”, o preço do ingresso era maior e constituía importante fonte de renda para o clube.

Algumas peças se tornaram grandes sucessos. E, atendendo aos pedidos, eram reprisadas várias vezes. Entre estas podemos destacar: *Os Dois Sargentos, Manhãs de Sol, Terra Bendita* e a comédia *Barão da Fonte Arcada*.

Sobre *Terra Bendita*, última peça em que meu pai, Arthur Garbelotto, atuou, ao final de 1937, algumas particularidades podem ser mencionadas, graças ao único texto guardado por ele, quando, no início de 1938, com o falecimento de seu pai, deixou o teatro e se desfez de centenas de textos arquivados em sua casa. Trata-se de drama em três atos de Assis Machado, ambientado em uma fazenda. O “ensaiador” foi Aladino Grecchi. As anotações feitas a lápis, ora nomeando os personagens, ora adaptando fartamente o texto original, foram feitas por Arthur Garbelotto, num livreto, e por Aladino Grecchi em outro. Pelos elencos anunciados, nota-se que a peça foi apresentada três vezes, pelo menos. Atuaram na primeira apresentação: Abramo Cavassani, Arthur Garbelotto, Victorio Menin, Leonor Navarro, Antonio Garcia, Aladino Grecchi, Valdemar Veiga, Francisco Fiorotti e Bolinha. Este último personagem foi criado para substituir a figura original de Maria, personagem portuguesa, indicando a dificuldade em encontrar atrizes locais.[16]

A Principe di Napoli, por sua vez,

Notas

- 14.-Sonia Maria Franco Xavier in Revista *Raízes* nº. 5 , pág.39
15.- Enciclopédia *Conhecer*, vol. XII, Pág. 2993.

continuava anualmente a promover *festivais dramático-dançantes*, nos salões do São Caetano, com a finalidade de angariar fundos. Como não possuía corpo cênico próprio, atuavam atores dos clubes, normalmente associados daquela entidade.

Outro clube que realizava festivais *dramático-dançantes*, duas vezes por ano, era o Clube Esportivo Lazio, fundado em primeiro de maio de 1930 e que logo após ocupou o mesmo salão que havia sido do Ideal. Segundo depoimentos, o corpo cênico era constituído de atores de outros clubes, para os papéis principais, e de novatos do próprio clube, nos papéis secundários. Documentalmente, restaram fotos do festival de 1937, com a peça *Os Dois Sargentos*, que possuía como “ensaiadores” José Costa, Fernando Piva e Hermenegildo Netti e como “pontos” José Costa e Ernesto Ceschin. A conhecida artista de São Paulo, Leonor Navarro, também participou.

Se de outros clubes nada restou por documentos, é certo que na memória de alguns ficaram os ótimos momentos proporcionados por tantos e bons atores. É o exemplo de Octávio Tegão - um completo artista, autor e tradutor de peças - e de Matheus Constantino que, até a década de 40, atuavam em muitas peças encenadas no São Caetano E.C. e no palco da Matriz Sagrada Família.

Podemos destacar a presença dos atores: Matheus Constantino, Aladino Grecchi, José Costa, Mario Menin, veteranos dos velhos clubes, ainda em peça de 1950, patrocinada pelo Ypê Clube, com renda para construir o Hospital São Caetano[18].

O teatro continuou a ser uma paixão local. Mudaram-se os locais, mas a velha guarda, enquanto pôde, freqüentou os palcos.

Na Igreja Sagrada Família, o padre Alexandre Grigolli, o padre Ezio e o padre Aldo mantiveram excelente corpo cênico no velho salão paroquial, de onde saíram valores profissionais da estirpe de Mario Jorge Montini e Paulo Domingues. Tal era o entusiasmo que, no início da década de 50, os estigmatinos construíram o que seria por longo tempo o melhor teatro de São Caetano.

O teatro continuou, sim. Nas mãos de



Os quatro grandes nomes masculinos do teatro de São Caetano: Arthur Garbelotto, Matheus Constantino, Octávio Tegão e Abramo Cavassani

Acervo Oscar Garbelotto e Fundação Pro-Memória

idealistas como Urames Pires dos Santos, no Cerâmica; no clube da General Motors, com Leonardo Sperati; na Acascs, com Pedro Pardo Oller, Jaime da Costa Patrão, Mario Dal’ Mas, Milton Andrade e Rivani; e com os grupos A Turma, O Sótão, O Porão, Centro Acadêmico, entre outros...

Mas isso será outra história...

Notas

- 16.- Livretos dos textos de *Terra Bendita* - acervo de Arthur e Thereza P.Garbelotto.
17.- Atas do S.Caetano E.C. de sete de abril de 1931 e da S.B.Principe di Napoli de 28 de julho de 1934.
18.- Henry Veronesi in Rev. *Raízes* nº. 8, págs.34 a 37.

(*) Oscar Garbelotto é advogado e professor universitário. Dedicou-se também ao estudo e à pesquisa da História de São Caetano do Sul. Tem a colaboração de Morisa Pardi Garbelotto Rodegher

Já nos primeiros anos, desde a fundação da cidade, houve manifestações pelo teatro em São Caetano. Os italianos, espanhóis e portugueses trouxeram muita coisa da cultura européia para nós. Nas últimas décadas tivemos o teatro da Cerâmica, do Clube Comercial, do SESI (Serviço Social da Indústria), da Sagrada Família, da Acascs (Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul) e de diversos grupos amadores independentes. Mas o meu depoimento está restrito apenas a minha participação pessoal nos grupos de teatro da comunidade da Cerâmica S. Caetano.

Elenco de *Brasil em Revista*, musical apresentado, em 1949, pelo grupo de teatro do Cerâmica Futebol Clube

Desde meus oito anos (1933) demonstrei inclinação para o teatro. Morando em Mococa, cidade do interior de São Paulo, admirava as pantomimas apresentadas nos circos, principalmente as do *Pavilhão François*, onde predominavam os dramalhões de Juracy Camargo. Na escola primária participei do teatro infantil e de musicais produzidos pela Professora Marieta Lacerda, (do terceiro ano), pianista e entusiasta das artes. Cheguei a participar de um musical intitulado *Copacabana*, no qual montamos, com os recursos da época, uma praia em pleno palco.

No curso secundário (1937),

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Eu e o teatro



comecei a trabalhar no jornal *Gazeta de Mococa*, aos sábados, como revisor. Na mesma época, fui ser apresentador de programas no serviço de alto-falantes da cidade, a *Audição Pública Mocoquense*, das 20 às 22 horas, diariamente.

Fiz parte do coral da escola quando de sua exibição no auditório da Rádio Gazeta, em São Paulo, ainda no prédio da Rua Brigadeiro Tobias.

Vindo para a Capital, em janeiro de 1941, para cursar engenharia no então Mackenzie College, freqüentei a Sociedade de Cultura Artística e o Auditório da Rádio Cultura na Avenida São João. No ano seguinte, consegui um “bico” como distribuidor das falas dos textos de peças aos atores de rádio da Rádio Tupi de São Paulo, cuja sede era na Rua Sete de Abril. Aprendendo a escrever textos, fiz alguns pequenos diálogos para um programa romântico da PRC-9 Rádio Educadora de Campinas (1942). Foi quando tive de encerrar minha atividade extra-escolar, uma vez que meu curso passara a ser ministrado em período integral. Mesmo assim eu freqüentava, à noite, os estúdios da Rádio Tupi – Difusora, no Sumaré, e tocava guitarra em um conjunto de jazz do Mackenzie que se exibia na Rádio América, num programa de Roberto Corte Real, para a divulgação da Mack-Med, famosa competição esportiva da época entre alunos do Mackenzie e da Escola Paulista de Medicina. Nesse período (1944) consegui ter algumas aulas na EAD, Escola de Arte Dramática de São Paulo, fundada por Alfredo Mesquita. A EAD funcionava na Avenida São João, defronte da Agência Central dos Correios. Ali tive o primeiro contato com o chamado teatro moderno, do qual foi precursor o Teatro do Estudante, criado por Paschoal Carlos Magno no Rio de Janeiro, e com os grupos Os Comediantes e Teatro dos Novos, ambos liderados pelo grande

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



diretor e ator polonês Ziembinski. (Vieram depois o TBC e demais teatros da época.)

Desde o início do ano de 1941 eu mantinha contato com Roberto Simonsen e a Cerâmica São Caetano, mas somente vim a ser empregado, como seu engenheiro, em 1946, após minha formatura.

À margem da profissão, encontrei um ambiente inteiramente voltado para o social, conforme a filosofia de Roberto Simonsen. Tínhamos uma assistência médica gratuita e completa, uma cooperativa de consumo e um clube de futebol, o Cerâmica F.C. Suas assistentes sociais, dona Lavínia Cardoso de Mello Vasconcelos e dona Nancy Vargas, eram competentes e dedicadas. Encontrei, já formado, um grupo de teatro liderado por uma senhora entusiasta, dona Alzira Galifani, esposa de um motorista da empresa. Comecei a estudar as possibilidades desse grupo até que, em 1949, por iniciativa de dona Nancy Vargas, concebi a montagem de um musical. O palco foi o da sede do Cerâmica F.C., antigo prédio do Guarani, na Av. Roberto Simonsen, esquina com a Rua Castro Alves. O tema pretendia mostrar músicas e costumes das diversas regiões do país, daí o título de *Brasil em Revista*. Na parte musical tivemos a colaboração de Olindo Toscano, funcionário da cerâmica e músico de

Urames Pires dos Santos (no centro) juntamente com Nancy Vargas (a segunda, da esquerda para a direita), Lavínia Cardoso de Mello Vasconcelos (a quarta, da esquerda para a direita) e Alzira Galifani (diretora do grupo de teatro do Cerâmica Futebol Clube). Foram também identificados os atores Leoglinger e Odair Ferraz. Ano de 1949: musical *Brasil em Revista*



Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Em 1958, Urames Pires dos Santos montou um teatro de arena no jardim de sua residência para a encenação da peça *Esquina Perigosa*. A iniciativa foi aprovada pelo público, que prestigiou o espetáculo

muita sensibilidade. A cenografia coube a Dionísio Furlan, chefe da carpintaria da fábrica. Para o cenário, dona Nancy conseguiu um pano de fundo pintado por um jovem pintor, hoje famoso, Aldemir Martins. A direção artística foi de dona Alzira. Um sucesso. Em março de 1951, chegou-se a considerar o Teatro Operário Experimental como entre os de maior entusiasmo do Centro Juvenil Roberto Simonsen, liderado por Walter Mariano. Em contato com os elementos do Corpo Cênico do Cerâmica F.C., do qual faziam parte Geraldo Plates, Yone Gamba, José Ondei, Mercedes Rodrigues e Francisco

Russo, notei que eles tinham potencial para o teatro moderno. O que faltava era convencê-los disso. Foi então que, em diversas palestras, expliquei-lhes as vantagens da memorização de texto como o fator principal da naturalidade da representação e da firmeza do diálogo. Disse que assim o ator viveria o personagem, não apenas o representaria, como costumava acontecer no caso das frases jogadas pelo ponto. Nessa época, o jovem Francisco Indelicato, encarregado de uma sessão de refratários, escrevia peças, entre as quais destacamos *Histórias que a vida conta*, cuja apresentação foi patrocinada pelo Departamento Recreativo da Associação dos Empregados da Cerâmica São Caetano. Em outubro de 1951, tentou-se a formação de um conjunto permanente de teatro, já nos moldes modernos, para a apresentação de peças de Nelson Rodrigues, Sartre e outros clássicos do teatro. Mas somente em 1952 o Corpo Cênico do Cerâmica estreou no teatro moderno, após longa preparação que envolveu cursos de dicção, de impostação de voz e expressão corporal, além da memorização exigida. A peça de estréia foi *Pinguinho de Gente*, já

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Flagrante da peça *Esquina Perigosa*, exibida em setembro de 1958, no jardim da residência de Urames Pires dos Santos



Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Elenco de
Esquina Perigosa

com Leoglinger e Francisco Russo. Era uma adaptação da peça *Pedacinho de Gente*, (do teatrólogo italiano Dario Nodemi), cujos direitos de apresentação nos haviam sido cedidos por Bibi Ferreira, com permissão de Vera Nunes, que exibia a mesma peça num teatro de São Paulo. Além da direção de Alzira Galifani, atuou como contra-regra Marianita Ramos. O espetáculo foi tão bem recebido que o grupo o representou diversas vezes em benefício do Hospital São Caetano. Em 1953, com o nome de Teatro Experimental de Comédia, o grupo apresentou a peça *As Aventuras de um Rapaz Feio*, versão de Cirano de Bergerac, feita por Paulo Magalhães. Do grupo faziam parte: José Ondeí, Arminda Amaral, Helena de Martini, Cidinha de Barros, Roberto Fraga, Odair Ferraz, Ernesto Ferrari e Luiz Tavares. A direção foi de Alzira Galifani e os cenários de Rubens Faria e Dionísio Furlan. A estréia foi prestigiada pela presença de Anacleto Campanella, então prefeito municipal, e do ex-prefeito Ângelo Raphael Pellegrino. Diversas sessões foram realizadas em benefício da creche do Instituto N.S. da Glória. Outra peça de sucesso foi *Ângelus*, de Bibi Ferreira,

cujos direitos nos foram conseguidos por Evaldo Gracia. Em 1956 a mesma turma, com o nome de Pequeno Teatro de Comédia, encenou *Os inimigos não mandam flores*, de Pedro Block, com os atores Martins Garcia e Sarah Castro Alves. Em 1958 encerrei minha participação no teatro da Cerâmica com a encenação da peça de Priestley *Esquina Perigosa*, cuja estréia foi num teatro de arena montado no jardim de minha residência, casa que ainda existe ao lado do parque Chico Mendes.

No período de 1948 a 1958 fui comentarista do *Jornal de São Caetano*, escrevendo, semanalmente, uma coluna sobre *Cinema e Teatro*. Naquela oportunidade, sempre incentivei os grupos amadores de teatro existentes na cidade.

(*) Urames Pires dos Santos, engenheiro, ex-vereador

Minha participação no

*Sou apenas um HOMEM DE TEATRO.
Sempre fui e sempre serei um HOMEM DE TEATRO*
(trecho do poema "Da profissão do poeta" de Geir Campos)



Arquivo José Bonifácio de

F

iz esta descoberta após exatos 42 anos de trabalhos no palco ou em função dele. Do *Fogo Frio* de Benedito Rui Barbosa aos atuais projetos de desenvolvimento de temas *sob medida*, teatro – escola – empresa, nos quais reúno a experiência de teatro com a de consultor em Recursos Humanos, adquirida em grandes, médias e pequenas empresas do nosso ABC. Mas o assunto deste artigo é o Teatro Amador de São Caetano do Sul, que vivenciei de 1963 a 1967, na Acascs – Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul, e de 1968 a 1972 na Turma – grupo amador com sede no Sótão 1005 (Rua Baraldi).

O gosto pelas artes cênicas deve ter sido despertado quando, ainda garoto (anos 50), ia assistir, levado por meu pai, aos chorosos dramalhões encenados pelos atores e atrizes da época (Otávio Tegão, Aladino Grechi, Aldo Negrini, entre outros) nos palcos dos clubes: Ideal, São Caetano e Cerâmica. Lembro-me d'Os

Transviados, que começava com um julgamento e cuja novidade era a mãe do acusado sentada na platéia, como extensão da sala de um tribunal. Tempos mais tarde, como frequentador da Acascs, pude assistir aos últimos dramas – com *ponto* e grandioso cenário - sob a direção de Pedro Pardo Oller: *O Mundo não me quis* e *A Baronesa*, por exemplo. (Textos já encenados no Auditório Santos Dumont, inaugurado em 1958, como parte integrante do complexo educacional do Colégio Estadual Cel. Bonifácio de Carvalho.) No início dos anos 60 do século XX, com a chegada de Milton Andrade – itapirano e advogado da empresa ZF –, veio a grande virada do teatro local: a encenação da *Ceia dos Cardeais*, de Júlio Dantas, em arena e sem o *ponto*, foi uma agradável e bem-sucedida experiência. Em seguida, veio Carlos Rivani – de origem circense, ator de radionovela da Rádio Record e vendedor da Kibon, fábrica de sorvetes, e

Peça *Fogo Frio* - 15 de dezembro de 1963. Parte do elenco da primeira montagem: Elzi Beloti (Neco), José Bonifácio Carvalho (Júlio), Maria Tereza Oliveira (Nitinha) e Valdemar Olivatti (Zuza)

teatro amador da cidade

depois da Copas, indústria de adubos. Nem sei bem por qual motivo fui chamado para participar da peça *Fogo Frio*, no papel de *Júlio*, um dos filhos do casal de sitiante de café que perde tudo por causa da geada (fogo frio) que queima toda a plantação de café. O tema sertanejo é recorrente em Benedito Ruy Barbosa, hoje famoso pela autoria de novelas do gênero. Estreamos em dezembro de 1963, fato documentado pelo *Acascs Jornal*. Recentemente resgatei, dos arquivos do clube, o exemplar em que a estréia foi registrada. Em 1968 (na Turma) remontamos este texto. Meu papel então era *Zuza*, agregado da família e namorado da *Nitinha*, filha dos sitiante, por sinal interpretada pela Vera Ribeiro, atriz e esposa há 37 anos. A direção dos dois espetáculos ficou a cargo do Carlos Rivani. Na segunda versão, ele era o “*Seu*” *Zeca*, pai da família. *Pérola de Bastidor*: Numa das apresentações, resolvemos fazer uma *falseta* com o Rivani. Na cena em que chega da rua, na noite que antecede a geada, a personagem pede uma *pinga* – para se livrar do frio. Ao invés de colocar água, pusemos a cachaça mesmo: ele tomou de uma *talagada* e se engasgou *de verdade*. Seguiu na peça xingando - entre dentes - todo o elenco.

Em 1964, atuei em *Os Deuses Riem*, de A. J. Cronin, também dirigida por Carlos Rivani. No elenco estava o *seu* Roque Maria, ator veterano e cobrador das mensalidades do clube (de porta em porta). A sua presença cênica era impecável; o texto, porém, vinha do *ponto*. Aliás, este espetáculo marcou uma transição nas peças da Acascs, pois havia

atores que já decoravam o texto e um ou dois veteranos que dependiam do *ponto*. *Pérola de Bastidor*: o *seu* Roque, já com uma certa idade, tinha problemas de audição. Não bastava o *ponto* na caixa à frente do palco. Havia também a necessidade de vários *pontos* atrás do cenário - que possuía grandes portas e janelas, felizmente - para que, quando ele se aproximasse de uma janela, por



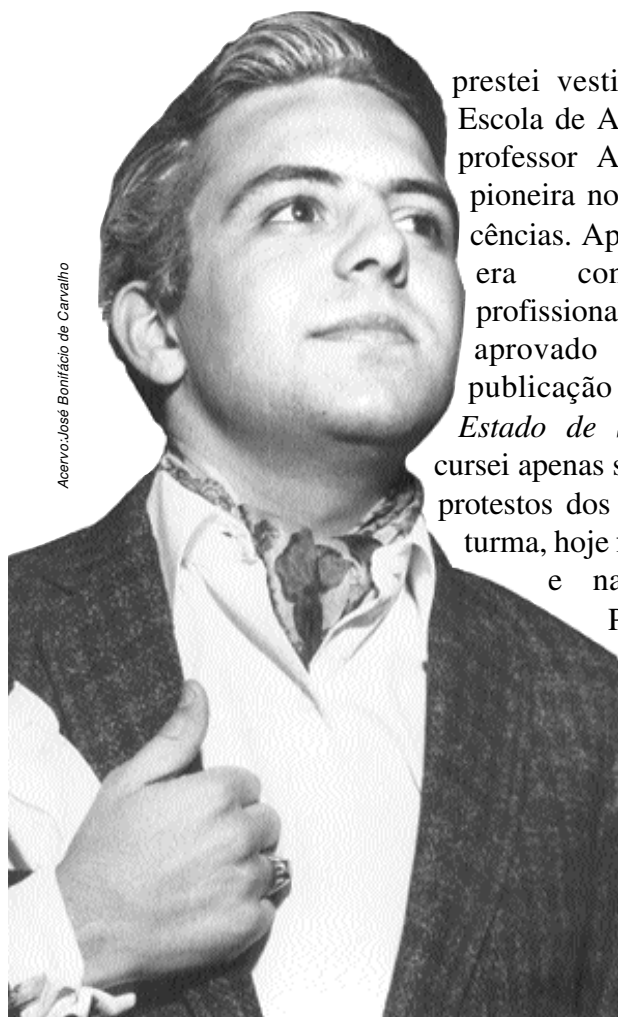
Acervo: José Bonifácio de Carvalho

exemplo, lá estivesse alguém para *assoprar-lhe* o texto.

Uma passagem que sempre me vem à memória aconteceu quando a Acascs homenageou o poeta Rachid Buchala, que havia participado do programa de televisão *O céu é o limite*, (famoso na época), respondendo questões sobre a vida e a obra de Castro Alves. Uma semana antes do evento deram-me a tarefa de decorar o *Navio Negreiro*, épico poema do autor baiano. Foi uma prova de fogo que me convenceu, sem falsa modéstia, de que eu tinha *jeito para o fazer teatral*.

1965 - Incentivado por Carlos Rivani, Jayme da Costa Patrão e Milton Andrade,

Segunda montagem da peça *Fogo Frio*, em 15 de setembro de 1968. Da esquerda para a direita: Vera Ribeiro (Nitinha), Rubens Carvalho (Neco), Nanry Negrini (Donana) e JB Carvalho (Zuza)



José Bonifácio de Carvalho em *Os Deuses Fiem* - 12 de setembro de 1964

prestei vestibular na EAD – Escola de Arte Dramática do professor Alfredo Mesquita, pioneira no ensino das artes cênicas. Após três anos você era considerado um profissional de teatro. Fui aprovado (com direito a publicação no jornal *O Estado de São Paulo*) mas cursei apenas seis meses, sob os protestos dos meus colegas de turma, hoje famosos no teatro e na TV: Antônio Petrin, Sônia Guedes, Anely Alvariz, Alexandre Dressler, Dilma de Mello (todos do ABC), Umberto Magnani e Regina Braga. A propósito, com

os colegas do ABC encenamos *Eles não usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, no aniversário de Santo André (oito de abril de 1965), sob a direção de Antônio Chiarelli. Isso graças a uma deferência especial do professor Alfredo Mesquita, que não permitia que os alunos da EAD participassem de montagens enquanto estudantes. Desisti do curso, (que era feito à noite, nos porões da atual Pinacoteca do Estado, no Jardim da Luz), pois estudava pela manhã no quarto ano de direito da Faculdade do Largo de São Francisco (USP) e, à tarde, era funcionário público estadual. O profissionalismo poderia esperar.

Continuei exercitando o teatro amador na Acascs. Participei da encenação do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, um dos maiores clássicos da nossa dramaturgia. Fiz o padre João, enganado pelas histórias de

João Grilo e Chicó e chantageado para fazer o enterro do cachorro. Este texto voltei a encenar, em 1978, no Grupo Cênico Regina Pacis, de São Bernardo do Campo, e então interpretei o Chicó, companheiro inseparável de João Grilo; aliás, o Alcides Médici ganhou o prêmio Governador do Estado de São Paulo pela sua interpretação do João Grilo. Ainda em 1964 atuei em *Eletra*, de Sófocles, clássico texto grego. *Pérola de Bastidor*: O Milton Andrade, além da direção, interpretava um escravo. Em determinada cena, ele entrava carregando nos braços a mãe de Eletra, morta, convenientemente coberta com um lençol, pois não se tratava do corpo da atriz que fazia o papel - Deolinda Spinello - mas da Dedê Feijão, menos pesada. Na estréia da peça, o Milton percebeu, ao entrar nesta cena, que não havia tirado a aliança de casamento do anelar esquerdo. Agindo rapidamente, conseguiu tirar a aliança e, para escondê-la - estava com as mãos ocupadas e o figurino era apenas um “camisolão” -, jogou-a dentro de uma ânfora – vaso grego – que compunha o cenário. Tudo perfeito, não fossem os ruídos produzidos pela aliança ao cair no vaso de louça. Somente após o espetáculo é que ficamos sabendo quem havia provocado os estranhos sons durante a peça.

Outra montagem interessante desse mesmo ano foi *As Máscaras*, poema de Menotti Del Picchia. No elenco, JB Carvalho, Antônio Carlos de Carvalho (meu irmão, que também atuou em vários espetáculos, falecido em 1995) e Dedê Feijão, sob a direção de Jayme Patão. Em março de 1972, remontamos a peça, sob a direção de Milton Andrade, com um único objetivo: homenagear os 80 anos do autor, itapirano como o diretor. Assim, ao final de um banquete na terra natal deles, interpretamos o poema. No elenco, Josmar Martins (Arlequim), Sílvia Tessuto (Colombina) e JB Carvalho

(Pierrot). Eu havia feito o Arlequim na versão anterior. *Pérola de Bastidor*: De repente, no meio da peça, deu um “branco” no Josmar. Prontamente toda a platéia de conterrâneos e fãs do Menotti, quase em coro, *assoprou* o texto e continuou a declamá-lo conosco.

1966 - Fizemos peças curtas como: *Humulus, o mudo*; *Pic-nic no Front*; *A Via Sacra* de Henry Gheon, traduzida por D. Marcos Barbosa. Esta última, por sinal, representamos durante vários anos - e em várias versões - na Semana Santa. Inclusive este primeiro espetáculo foi realizado por José Expedito Marques, dramaturgo formado pela EAD que convidou atores do ABC como Viva Ramos, Valdir Orico (de São Bernardo) e Osvaldo Ferreira (de Santo André), além de mim e da Vera Ribeiro (de São Caetano do Sul). Participei, ainda, de outro projeto no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito da USP): fiz o Vasconcelos de *Pedreira das Almas*, de Jorge Andrade. *Pérola de Bastidor*: O figurino do meu personagem era uma roupa pesada e quente para a primavera daquele ano. Cortei, então, a manga da camisa, deixando-a como regata. Mas, por dentro do punho do paletó, foi costurado um retalho do mesmo tecido da camisa - para parecer manga comprida. Numa das minhas entradas em cena, esqueci o paletó, e não ficou nada elegante um militar de camisa sem manga. Aceitei, também, dirigir um grupo de funcionários da Alcan, fábrica na divisa de São Caetano com Santo André. Montamos a *Noite de São João*. Novidade é que no elenco que me apresentaram, já com papéis definidos, havia uma descendente de japoneses representando uma portuguesa. Não tive dúvida em trocá-la de papel.

1968 - Teatro. Casamento e mais teatro. Tendo sido convidado (o grupo de teatro) a se retirar da Acascs, no final de 1967,



Acervo: José Bonifácio de

constituímos (os membros do antigo grupo) A Turma e realizamos a maior maratona cênica de que se tem conhecimento em São Caetano do Sul. Assim, nas eliminatórias do ABC do VI Festival Estadual de Teatro Amador, sediada em São Caetano do Sul, concorremos com três espetáculos no mês de agosto de 1968: Dia 17, *A Mandrágora*, de Maquiavel; dia 18, *Fogo Frio*, de Benedito Ruy Barbosa; dia 29, *Odorico, o bem amado*, de Alfredo Dias Gomes. Eu estava nas três peças, como, respectivamente, Calímaco, Zuza e Maneco Pedreira, (acumulando a função de assistente de direção nas duas últimas), e isso exatamente dois meses após meu casamento (22 de junho de 1968) com Vera Ribeiro, que também atuou nas três peças como Lucrécia, Nitinha e Lenilda, respectivamente. Da nossa união, quatro filhos, duas noras, um genro e uma neta: Manuela.

No final dos anos 60 do século XX, havia uma rixa saudável na nossa região, em se tratando de teatro amador: em São Bernardo do Campo, o Grupo Cênico Regina Pacis, (para onde me transferi em 1972), comandado por Antonino Assumpção, Viva Ramos e Leode Montibeller; em Santo André, a Scasa - Sociedade Cultural e Artística de Santo André, sob a batuta de Antônio

Ângela Peduto (Eetra), Dácio Martorelli (Orestes), José Bonifácio de Carvalho (Egisto) e Josmar Martins (Preceptor) na peça *Eetra*



JB Carvalho e
Silvia Tessuto em
*A Farsa de Inês
Pereira*

Chiarelli e Paschoalino Assumpção; em São Caetano do Sul, A Turma. Nos festivais promovidos, anualmente, pela Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, os representantes de cada cidade se revezavam nas premiações.

Pérolas de Bastidor: na apresentação que fizemos do *Odorico*, em agosto de 1969, em Itapira, cidade natal do diretor Milton Andrade, a Vera já estava no sexto mês de gestação, com a barriga começando a aparecer. Sua personagem, Lenilda, a mulher do prefeito, não poderia, dentro do seu papel, aparecer grávida. Para tentar disfarçar a situação, o jeito foi carregar na maquiagem - inclusive com peruca - para que a atenção do público fosse desviada.

1971 – O Milton Andrade foi o fundador e diretor, por 14 anos, da Fundação das Artes – escola de teatro, música, dança e artes plásticas que está completando 37 anos. Em 1971, ele solicitou da Secretaria Estadual de Cultura uma verba complementar (a escola é uma autarquia da Prefeitura) para enfrentar os gastos com a manutenção. A Secretaria respondeu que poderia atender o pedido, desde que houvesse a montagem de um espetáculo para justificar o envio da verba. O Milton, então, procurou os alunos formandos da Escola de Teatro para, com eles, cumprir a exigência. Os alunos, porém, condicionaram sua participação ao recebimento de cachê artístico. Diante desta situação, e não

podendo dividir com os alunos o valor a ser concedido, o diretor da Fundação recorreu aos colegas da Turma: em 15 dias pusemos em cena a peça *A Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente. Fizemos as apresentações de portões abertos, (sem cobrança de ingressos), sob o protesto dos alunos, com exceção de dois deles (Richards Paradizzi e Neide Calegaro), que participaram conosco. A verba foi concedida após as justificativas do Milton à Secretaria, à qual os alunos descontentes haviam recorrido.

Em 1972, A Turma encerrou suas atividades, tendo cada participante trilhado seu destino: uns continuaram fazendo teatro amador; outros, como Josmar Martins e Roberto Fraga, tornaram-se profissionais. Eu e a Vera (agora Carvalho) fomos para o Grupo Cênico Regina Pacis, de São Bernardo do Campo. Em 2001 obtive o meu registro profissional, junto à Delegacia Regional do Trabalho/SP, como artista/ator. Desde então tenho alternado apresentações com recebimento de cachê artístico com apresentações beneficentes. Como arte-educador, atualmente, ministro oficinas de teatro e de roteiro para teatro pela Secretaria Estadual de Cultura e pelo Projeto Juventude Cidadã da Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. Tenho me empenhado em desenvolver o tema *Inclusão dos Portadores de Deficiência*.

Para finalizar, quero agradecer a oportunidade que me foi oferecida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, na pessoa de sua presidente Sônia Maria Franco Xavier, de contribuir para a realização deste dossiê. Foi muito prazeroso fazer esta retrospectiva, que reforça, ainda mais, a minha convicção de que sou *um homem de teatro*.

(*) José Bonifácio de Carvalho é ator, diretor e produtor teatral

Paulo Tachinardi Domingues: um homem polivalente

Pesquisando a história das atividades significativas na área da cultura, encontramos o teatro amador como forte e marcante expressão na cidade de São Caetano do Sul. Isto está sendo minuciosamente relatado neste dossiê. No entanto, um personagem chamou-me bastante a atenção, devido à sua versatilidade em relação ao desempenho em diferentes atividades culturais, como teatro, cinema, televisão, pintura e música, ao longo de meio século.

Nascido em Indaiatuba, no dia cinco de dezembro de 1939, começou sua carreira artística muito jovem: fazia cartazes de propaganda de filmes do Cine Max. Foi nessa época que conheceu o teatro através do padre Alexandre Grigolli, que desenvolvia essas atividades na casa paroquial. Lembra-se com saudade do padre Ézio Gislimberti e do dr. Manoel Novaes, com quem atuou e aprendeu muito. Sua produção artística vinculada às artes cênicas não se limitava aos holofotes. Trabalhava também como cenógrafo.

No início da década de 1960, participou ativamente do ciclo Acascs

(Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul). Nesse ciclo integrou elenco das peças de maior destaque, como: *Fogo frio*, dirigida por Carlos Rivani; *Odorico, o bem amado* e *Eletra*, de Sófocles, ambas dirigidas por Milton Andrade; *O resto é silêncio*, com Sérgio Cardoso. Ainda em relação ao teatro, participou dos grupos A Turma e Labore.

Apixonado pelas artes e sempre em busca de novos desafios, lançou-se de forma efetiva ao cinema. Embora suas atividades nesse ramo tenham se iniciado concomitantemente à fase áurea do teatro, na então incipiente *Companhia Cinematográfica Vera*

Cruz (1951), foi na década de 60 que sua atuação foi mais ativa e destacada. A partir de 1963, passou a dedicar-se mais estreitamente ao ciclo cinematográfico, tanto no papel de ator como no de cenógrafo. Participou de 18 filmes, com maior destaque para *O guarani*, de Fauzi Mansur. O autor orgulha-se de ter participado de tal obra,



Paulo Tachinardi Domingues - 1957

Acervo: Paulo Tachinardi Domingues

Flagrante da peça *Minha Sogra é da Polícia*, encenada no Teatro Paroquial Padre Alexandre Grigolli (Paróquia Sagrada Família), no início da década de 1960. Paulo Tachinardi Domingues aparece à direita. Atuaram também na peça Acácio Montini, Norma Gimenez, Raul Gardezani, Viva Ramos, entre outros

Acervo: Paulo Tachinardi Domingues



que demorou oito meses para ser montada. Recebeu o prêmio Leão de Bronze pelo filme.

Sua carreira cinematográfica perdurou até 1979, quando resolveu afastar-se do cinema por discordar da ideologia de pornochanchadas existente na época. Alguns outros filmes dos quais participou nesse período foram: *Noite em chamas*; *O estripador de mulheres*; *Festim macabro*; *Sedução*, no qual contracenou com Sandra Brea; *Atração satânica*, co-produção Brasil-Argentina; *Dois mil anos de confusão*; *Portugal minha saudade*, entre outros.

No que tange às suas

experiências na televisão, podem ser resumidas ao ano de 1968, quando

Paulo Tachinardi Domingues ao lado do cenário que elaborou no Cine Vitória para a divulgação do filme *Casinha pequenina*, em 1962. Carlos, operador do cinema, também aparece na foto

Acervo: Paulo Tachinardi Domingues



Paulo Tachinardi Domingues caracterizado de caipira na peça *Não te Conto Nada* apresentada no Teatro Paroquial Padre Alexandre Grigolli, no início da década de 1960



participou de várias novelas no extinto canal Excelsior. Dentre elas, *Pequena órfã*, *As minas de prata*, *Sangue do meu sangue* e *A muralha*, tendo sido esta última recentemente regravada pela TV Globo.

A infundável produção artística desse abnegado sul-sancaetanense ainda conta com suas produções no campo musical. Componente do Trio Prelúdio, formado em 1956, conquistou grande reconhecimento na época. Ao lado de Roberto Barbosa (o Canhotinho do Cavaco, dos Demônios da Garoa) e Aparecido, teve momentos de inspiração.

Como se não bastasse, enveredou-se também pelas artes plásticas, apresentando obras tanto na área de pinturas em igrejas como na de restaurações de monumentos públicos. Aqui cabe um registro sobre as produções de maior destaque. As igrejas contempladas com sua arte são: Matriz Sagrada Família (mural frontal, capela, construção e pintura no quinto andar), Paróquia Nossa Senhora das Graças

(localizada na Vila Gerte), Paróquia Nossa Senhora da Candelária (altar-mor) e Paróquia São João Batista (localizada na Rua Piauí). As pinturas retratam desde a Santa Ceia até a Via Sacra. Paulo faz questão de mencionar que aprendeu pintura com os irmãos Pedro e Ulderico Gentili, autores dos belos trabalhos da Matriz Sagrada Família.

Algumas estátuas em que pode ser verificado o trabalho de restauração de Paulo são: busto do Padre Alexandre Grigolli (Praça Cardeal Arcoverde), estátua de Vitório Dal'Mas (Praça Di Thiene), estátua de São Francisco (Cemitério Vila Paula), mural Mauá (família Milanezi) e um mural localizado na Rua Santa Catarina, no prédio da papelaria Ao Carioca.

Esse cidadão sul-sancaetanense é encontrado com facilidade nos dias de hoje. Quem tiver oportunidade de passar em frente ao antigo Cine Vitória, (hoje uma casa de shows), na Rua Baraldi, terá o prazer de ouvir as histórias desse ícone de nossa cultura. Dentre as mais recentes atividades, desempenhou a função de



Acervo: Paulo Tachinardi Domingues

diretor artístico do extinto grupo Cappella Áurea, pertencente à igreja Sagrada Família. Também passeia pela cidade, refazendo pinturas de bustos e painéis de igrejas, dentre outras atividades.

Paulo Domingues, aos 67 anos, ainda tem disposição para, juntamente com o fotógrafo Augusto Coelho, desenvolver projetos de registros fotográficos de imagens urbanas de alguns pontos pitorescos da região. Esses registros são comparados a pinturas feitas hoje por Paulo. Para fazer essas obras, nosso protagonista recorre à sua memória, retratando como eram tais locais

Elenco do filme *O Guarani*. Paulo Tachinardi Domingues, que assumiu em seus trabalhos na TV e no cinema o nome artístico de Paulo Aguilar, é o terceiro, em pé, a partir da direita. Participaram também desta produção David Cardoso (ajoelhado, à esquerda), Flávio Portho, Luigi Picchi, entre outros. Final da década de 1970



Acervo: Paulo Tachinardi Domingues

Apresentação do Trio Prelúdio no Círculo Operário de São Caetano do Sul, no início da década de 1960. Da esquerda para a direita: Paulo Tachinardi Domingues, Roberto Barbosa (Canhotinho) e Aparecido



Acervo: Paulo Tachinardi Domingues

Cartaz de divulgação do filme Portugal minha saudade (direção de Pío Zamuner). Na ocasião, Paulo Tachinardi Domingues (o segundo, a partir da esquerda) contratou com Mazzaropi, uma das grandes estrelas do cinema nacional

antigamente. Trata-se de uma proposta extremamente original que, além do caráter nostálgico, transmite a idéia de uma cidade em crescimento e constante transformação. Esse trabalho foi realizado em parceria com o SESC-SP e com a

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Será exposto no Espaço Verde Chico Mendes durante o mês de janeiro de 2005.

Atualmente, Paulo mora em uma casa no Bairro Santo Antônio, juntamente com sua família: Irene, sua esposa; as duas filhas, Kellem e Kátia. Tem dois netos adolescentes, Ronaldo e Rodrigo, sobre os quais adora falar. Continua participando de congressos sobre arte e mostra-se sempre disposto a colaborar em projetos ligados à memória de nosso município, com sua vasta experiência nos diferentes campos do mundo das artes. Exemplo de sua prestimosidade é o atual projeto cenográfico que vem desenvolvendo para o filme *Treze cadeiras*, conto russo adaptado por Fauzi Mansur e que já foi gravado por Oscarito, em outros tempos.

É um autodidata, testemunha da evolução de nossas manifestações culturais.

FONTES -

Depoimento prestado por Paulo Tachinardi Domingues, em 26 de outubro de 2005.

MEDICI, Ademir. "Um filme para o VI Congresso" in Diário do Grande ABC. 30/03/2000. p.2.

NORONHA, Heloísa. "SESC São Caetano resgata cinema da região" in Diário do Grande ABC. 23/03/1995. Caderno D/Cultura e Lazer.

VIEIRA, Dinilson. "Ex-ator de cinema pinta afrescos em São Caetano" in Diário do Grande ABC. 10/11/1991. P.2 - Caderno B/Cidades.

(*) Sônia Maria Franco Xavier é professora de Filosofia e História, foi diretora do Museu Histórico Municipal e, atualmente, é presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Acervo: Paulo Tachinardi Domingues



O Cine Teatro Itaquera, pertencente ao SESC Itaquera, foi projetado e construído por Paulo Tachinardi Domingues. Constitui um dos trabalhos mais recentes do artista

Núcleos Coloniais do ABC



1913 - Grupo de pessoas defronte da Estação de Pilar (hoje Mauá). A estação havia sido inaugurada em 1883, 30 anos antes

O Núcleo de Ribeirão Pires e a História do Município

Muito interessante, do ponto de vista da história, da expansão, da influência das tradições, da cultura e dos costumes, na região, foi a criação dos núcleos coloniais[1], instalados no ABC no final do século XIX, para acolher a mão-de-obra agrícola, especialmente de famílias italianas de camponeses pobres. A idéia comprovou seu acerto pela decisiva influência no surto de desenvolvimento de toda a região, localizada entre São Paulo e as

vizinhanças da Serra do Mar. Entre esses núcleos, o de São Caetano já foi objeto de profundas pesquisas e notáveis trabalhos publicados nesta revista e em livros, de inegável valor histórico. Com relação aos demais núcleos, entretanto, os informes e a memória histórica estão esparsos, provavelmente, por não terem merecido pesquisas mais dedicadas. Talvez, por isto mesmo, faltaram-nos maior riqueza e disponibilidade de informações seguras. Nosso imaginário não seria bom conselheiro histórico.

Notas

1- No Estado de São Paulo foram 15 os núcleos - W.S. *Antecedentes Históricos do ABC Paulista*: 1550 a 1892, pág. 251.



Década de 1930 - Grupo de imigrantes italianos de Ribeirão Pires. Da esquerda para a direita: Aníbal Contente, Giovanni Carpinelli, Luigi Tolezano e Domingos Benvenuto

O presente trabalho busca reunir fatos históricos e informes importantes sobre essas *colônias*, resgatando, além de personagens e famílias, a graça da prosperidade que p r o p i c i a r a m . Pretendemos, ainda, dedicar especial atenção ao Núcleo Colonial de Ribeirão Pires, assinalando os fundamentos da história do município, o que nos conduziu ao início do século XVIII, para reunir informes sobre o capitão-mor, Antonio Correa de Lemos, o fundador, na época em que criou a Capela de Nossa Senhora do Pilar, com sua tocante história e o advento da família dos Pires que ligou seu nome à cidade. Revolvemos, ainda, informes mais remotos, relativos ao século XVI, para o exame do possível registro de fatos históricos locais ao longo do período colonial. Seguimos, depois, em frente, até o advento da Estrada de Ferro SPR e da energia elétrica da Light canadense e dos eventos políticos, estendendo-nos até princípios do século XX, para encontrar a consagração de Ribeirão Pires como município. Impossível, por óbvio, esgotar a matéria. As fontes primárias nem sempre são acessíveis. Um trabalho de maior fôlego há de surgir de pesquisas mais lentas e apuradas, talvez em novos artigos de *Raízes*, revista séria que a cada dia está mais dedicada e comprometida com o resgate da memória histórica de São Caetano e da região do ABC, onde a cidade se insere. Em razão disso, alguns informes poderão considerar-se especulação, embora assentados em fontes e pesquisas fidedignas, descartando-se o simples imaginário.

○ Núcleo Colonial de Ribeirão Pires

O terceiro núcleo colonial do velho Município de São Bernardo (hoje ABC paulista), o de Ribeirão Pires, foi fundado em 1888, 11 anos após a instalação do Núcleo de São Caetano (1877) e dez depois da instalação do Núcleo de São Bernardo [2]. Este núcleo (de Ribeirão Pires) continuava a ser colonizado ... em junho de 1893[3], isto é, prosseguia acolhendo imigrantes no último decênio do século XIX. Esta colônia apresenta pitorescos pormenores que fundamentam igualmente parte dos alicerces históricos e da grandeza regional do ABC, especialmente do atual Município de Ribeirão Pires. O Núcleo, que deu impulso à localidade, faz parte e integra sua história.

Naturalmente, o ressurgimento de povoados antigos, dispersos e de pouca expressão, existentes na vasta região que incluía o Alto da Serra, Rio Grande, Ribeirão Pires, Cassaquera (Mauá), Artur Alvim, Guaianazes, Itaquera, São Miguel Paulista e outras paragens circunvizinhas, que compunham o remoto *Caguassu*, depois *bairro do Pilar*, logo após a passagem do quinhentismo, deve muito ao advento dos núcleos coloniais e da ferrovia e, especialmente neste caso, ao de Ribeirão Pires.

Sua existência mostra laços de historicidade irmã com os Núcleos de São Caetano e de São Bernardo, já pelas razões políticas e econômicas, que levaram o Imperador D. Pedro II a criar – às vésperas da Lei Áurea – locais para receber a mão-de-obra substituta dos imigrantes, já pelo modelo que todos os núcleos seguiram, já por sua proximidade e pela origem das próprias famílias – italianas em sua maioria – que cada colônia recebeu ao longo de sua existência e, entre as quais, figuram, tanto em São Caetano quanto em Ribeirão Pires e em

Notas

- 2-Em 1878, abrigo colônias em várias linhas.
3-W.C . op. cit. pg. 269.

São Bernardo, nomes comuns de notório destaque como os Baraldi, Boteon, Cassetari, Coppini, D'Agostini, De Nardi, Ferrero, Furlan, Gallo, Leoni, Madella, Meneghel, Pessotti e outros; já, ainda, pelas olarias e carvoarias – rústicas profissões da incipiente indústria da cerâmica e da produção do carvão – muito movimentadas nos três núcleos e que, embora herança dos pioneiros beneditinos, podem revelar contatos profissionais entre as famílias dessas colônias e já, finalmente, por outras razões que as dobras do tempo esconderam ou que se afiguraram irrelevantes a pesquisadores locais, em suas informações de pouca profundidade.

Chegada dos imigrantes e divisão de lotes - Como sabemos, os primeiros imigrantes italianos de Ribeirão Pires chegaram ao lugar em 1888 e a demarcação da área central da cidade ocorreu em 1893. A sede do Núcleo de Ribeirão Pires foi traçada na parte alta da cidade, onde está hoje a igreja de São José, construída em 1895. Foram também abertas duas linhas na parte baixa, ao longo do Caminho do Pilar, todas com lotes rurais. A primeira linha (da sede) recebeu 24 lotes e a segunda, em torno da Capela do Pilar Velho, ficou com 20 lotes.[4]

Um importante Relatório da Intendência (Prefeitura) de São Bernardo, de 1893, preparado pelo conselheiro Manoel José de Oliveira Cata Preta, (vice-presidente), informa que no Núcleo de Ribeirão Pires foram recebidas 149 famílias, 103 em lotes urbanos, próximos da estação férrea do mesmo nome, e 46 em lotes suburbanos, na denominada Linha do Pilar, em torno da capela, a maior parte composta de italianos. No Núcleo de São Bernardo, o total de famílias chegava a 667 (138 em lotes urbanos, 529 em suburbanos). Nos lotes aqui (urbanos) distribuídos



preponderavam os italianos. Mas existiam também lotes cedidos a brasileiros, alemães, espanhóis, russos, austríacos, franceses e suíços. Além da colonização dos três núcleos, havia a zona do Curucutu, num dos pontos mais afastados ... do Município de São Bernardo, no Distrito de Riacho Grande. Ali, em 1893, estavam divididos e demarcados 244 lotes suburbanos destinados aos Voluntários da Pátria. Destes, 100 já tinham sido entregues no governo de Américo Brasiliense... A maior parte dos colonos dedicava-se à cultura das videiras. Nos três núcleos - São Caetano, São Bernardo e Ribeirão Pires - foram plantados 510 pés de uvas, parte dos quais ainda sem frutos em 1893[5]. A afirmativa não nos parece inteiramente verídica quanto a São Caetano, onde o plantio das videiras deve ter tido início já em 1877, no começo da primavera (setembro/outubro), com boa produção de vinho já nos anos seguintes [6]. O declínio vem noticiado no final do século XIX, pelo aparecimento da peronospera e da filoxera, pragas que dizimaram as videiras, sem recuperação posterior. O mesmo não deve ter acontecido nos núcleos de São Bernardo, Riacho Grande (*Curucutu*) e Ribeirão Pires. Aliás, até há bem pouco tempo havia notícia de produção de vinho e da existência de *videiras de colônia*, na região de Riacho Grande.

1944 - Vista parcial do centro de Ribeirão Pires, vendo-se: Ruas Ovídio Abrantes e do Comércio, a Avenida Santo André, Largo da Matriz e o Grupo Escolar Dom José Gaspar

Notas

- 4-Wanderley dos Santos op cit. págs. 258.
5-idem, ibidem pág. 269.
6-Em 1887, São Caetano produziu 33 pipas de vinho (cerca de 3.300 litros).



das olarias que pertenciam à família Bertoldo, no bairro de Clara

1915 - Olaria pertencente à família Bertoldo, no Bairro de Santa Clara, Ribeirão Pires

Antigos moradores de Ribeirão

Pires - Mesmo sem informações seguras sobre os nomes de chefes de família dos primeiros grupos de imigrantes italianos que ali chegaram, parece-nos importante mencionar, segundo Wanderley dos Santos, os patronímicos das famílias que ali viviam, entre os anos de 1880 e 1920, juntamente com outros, vindos antes ou depois da primeira leva de imigrantes, dentro do mesmo período. Entre essas famílias – a maioria pertencente aos núcleos – registravam-se sobrenomes como: *Andreoli, Arnoni, Bafile, Belloti, Benvenuto, Bersan, Bertoldo, Bettega, Boareto, Boaventura, Borelli, Botacin, Bozza, Bressan, Capelli, Carcillo, Carpinelli, Cecchi, Contente, Cortucci, Crussiani, Del Corto, Del Santo, De Nardi, Diccieri, Franco, Franchi, Gallo, Gasperini, Ghilardini, Golla, Gonfiantin Goduto, Grecco, Giannasi, Giachello, Laurito, Loretto, Luppi, Maciota, Maggiotto, Mano, Maziero, Menatto, Molon, Mozzelli, Nanini, Nappoli, Pacin, Pavani, Pandolfi, Pedrassan, Pellegrini, Pellisone, Penaroli, Peralta, Pescarin, Prisco, Ravazzi, Rippoli, Roncon, Salero, Scomparin, Soma, Sortini, Stamatto, Tollesano, Tomazzini, Torelli, Ugliengo, Zampol, Zapavigna, Zombatti*, para citar apenas os de origem italiana, mencionados nos *Antecedentes do ABC*, por W.Santos, e nos *Anos da Pérola*, de Gemecê Menezes, que cita o Livro Tombo do Arquivo Público do Estado de São

Paulo.

Evidente, todavia, que ali já havia outras famílias, de mistura com brasileiros. Moradores, na sua maioria, fora dos núcleos e de nacionalidades e origens as mais diversas, que ali se encontravam, no mesmo período, de que são exemplos algumas figuras de destaque como *Abdalla Chiedde, Achilles Letieri, Adelino de Paschoa Lima* [7] *Adib Eid, Adolfo Knoppoli, Antonio Arruda, Antonio Daraia, Antonio Ferreira de Moraes, Antonio de Figueiredo, Antonio Gonçalves Couto, Antonio José de Moraes, Antonio Melão, Antonio Nunes Vieira, Antonio Pereira Figueiredo, Antonio Pires, Antonio Rodrigues, Antonio Rodrigues Nascimento, Augusto Courbille, Augusto Rebecki, Família Bairoth, Benedito Antonio Fidélis, Benedito Antonio de Souza, Benedito Cordeiro, Benedito Ferreira da Costa, Benedito Pedro Cardoso, Benedito Pires Domingues, Caetano Pires, Carlos Rohn, Família Carvalho, César Caçapava, Cherubim Duarte, Capitão Claudino Pinto, Domingos de Oliveira, Eduardo Duarte, Elias de Paula, Euclides Moreira da Silva, Francisco Cordeiro, Francisco Nascimento Fernandes, Francisco de Paula Rodrigues, Francisco Serafim, Giomodécio de Castro, Jesuíno Cardoso, J. Faria, João Aires, João Alves, João Batista de Moraes, Coronel João Batista de Oliveira Lima, João Cordeiro, João Duarte Júnior, João Nunes de Moraes, João Pedro Alves, João Pinto, Joaquim Brito, Joaquim Pires, José Batista Duarte, José Bonifácio Fernandes, José Bueno de Castro, José Francisco de Carvalho, José Gonçalves Cali Júnior, José Julião, José de Lima, José Maria Figueiredo, José Mariano Garcia, José Moreno, José Oliva, José Pereira da Silva, Juvenal Rocha, Lourenço Pinto, Luiz Fortir, Manoel José de Oliveira*

Notas

7-Tabelião de S.André (1º), conhecido pessoalmente pelo autor em 1952. Buscava assinaturas de franceses em escrituras públicas de venda e compra da Cia. Química Rhodia Brasileira.

Catta Preta, Manoel Pires, Mário Camargo Teixeira, Medeiros Viana, Família Moreira, Oirevas Inafetis, Orestes Rebeck, Pedro Antônio Soares, Família Oliva, Família Peixoto, Capitão Pimenta, Família Pinto, Família Queirós, Ricardo Cheick, Família Ritchers, Roberto Zimmerman, Salvador de Souza, Família Siqueira, Tomaz Cruz, Valladão Catta Preta, Yutaka Nogami [8] .

Meu avô, Domingos Zampol, o pai de meu pai, Affonso Zampol, havia seguido para a Argentina, com o irmão, Pedro Zampol e se desiludiram com Mendoza e seu clima: um local de muito vento! Além disso a política local estava muito agitada. Decidiram, então, retornar à Itália. Porém, na volta, o navio parou em Santos para cuidados sanitários e os passageiros foram para São Paulo, para exames médicos. De trem, os irmãos foram conhecer Ribeirão Pires. Moraram ali três meses, no prédio que depois seria de Luigi Tolesano e onde funcionou o antigo cartório. Clima e hospedagem lhes agradaram. Com recursos, decidiram ficar morando na futura Rua Alferes Botacin, na saída para a Estação de Rio Grande. Montaram uma olaria e uma fábrica de óleo e sabão e, mais tarde, trouxeram da Itália minha avó, Ângela Nadim Zampol e outros familiares, que chegaram em dois de maio de 1902, com muita festa, banda de música e foguetes. Os Zampol construíram dois casarões. O da Rua Cândido Mota, na Vila Aurora, próximo da Av. Santo André, ficou pronto antes de 1910 e ainda existe, em ruínas. Affonso, muito criança, na época, cresceu ali, no Casarão dos Zampol. Conheceu, depois, na família Bertoldo, Thereza e com ela casou-se, em 1910. Comemoram suas bodas de ouro em 1960. Meu avô Domingos faleceu em 1935. O segundo casarão, da família de Pedro, é de 1915; fica na ponte seca. Foi vendido, mais tarde, à família Eid. Quem nos conta isso,



com muita graça, é a sra. Iole Zampol Bernardes, (82), filha de Affonso Zampol e Thereza Bertoldo Zampol. Muito simpática e acolhedora, ela mora só, no centro de Ribeirão Pires.

1935 - Capela de São José, no dia da missa de 7º dia da morte do imigrante Domingos Zampol

Primórdios da história de Ribeirão Pires

Naturalmente, a presença marcante dos imigrantes, seu amor ao trabalho e à família, sua vida, suas tradições, os costumes, a língua, a fé religiosa e até mesmo seus rudimentos de cultura (incluindo o encanto de sua música), além de suas atividades profissionais no Núcleo Colonial, e depois fora dele, do mesmo modo que ocorreu em São Caetano e em São Bernardo, contribuíram decisivamente para o progresso e o desenvolvimento de Ribeirão Pires como, de resto, para todo o ABC. Mas é importante que se atente para outros fatores, associados à rápida evolução, como o advento do transporte ferroviário, da energia elétrica e da disponibilidade de água em qualidade e quantidade. Um milagre de evolução, sim, mas bem alicerçado por instrumentos e progressos nunca acessíveis anteriormente. A combinação dos fatores ocorreu a tempo e hora, produzindo o milagre graças à conjunção convergente.

Embora existente como aldeia, por

Notas

8-W.S. esboço inédito da História de Ribeirão Pires.



Década de 1950 - Missa em domingo ensolarado, na Matriz de São José. Note-se a bela arborização à direita, introduzida pelo padre Fernando Spezzagni, na década de 1940

volta de 1558, é só no início do século XVIII que surgem as primeiras referências documentais sobre o território da localidade que daria origem ao recente Município de Ribeirão Pires, inicialmente conhecido como *Caaguassu ou Caguassu* e depois como *bairro do Pilar*. A falta de seguras referências históricas não autorizaria a afirmação de que Ribeirão Pires tenha nascido no século XVI, ou que o local já existia como pequeno agrupamento de famílias, em abril de 1553,[9], pois *não há registro de fatos dignos de nota naquela localidade*. E esta é uma afirmação do próprio Wanderley dos Santos em esboço inédito a respeito, informação essa alterada mais adiante, para reconhecer que a região provavelmente tivera vida sim, mas não com organização que pudesse comparar-se a Santo André da Borda do Campo, a *Villa Velha* quinhentista[10].

É verdade, entretanto, como veremos mais adiante, que na segunda metade do século XIX a Ferrovia São Paulo Railway desempenhou papel preponderante nesse quadro. A nosso ver foi fator fundamental para o surgimento de Santo André atual – município esse que nada tem a ver com a extinta *Villa Velha de João Ramalho*, de seu amigo e sogro, o cacique Tibiriçá, e de sua filha, Potira (Bartira), com a qual o vetusto português se amasiou. Do mesmo modo, a

inglesa *SPR*, inaugurada em fevereiro de 1867, teria sido responsável pelo ressurgimento de aldeias e povoados que pouco a pouco desapareciam do cenário da denominada *Borda do Campo quinhentista* ao alcançarem o limiar do século XIX, estando entre os quais, provavelmente, também a localidade do Caguassu, quando já era conhecido como *bairro do Pilar* e até como *sítio Ribeirão Pires*.

Caguassu, depois Pilar Velho –

Por sua posição geográfica, é razoável aceitar, entretanto, que a região possa de algum modo ter participado de acontecimentos históricos ocorrido nos séculos XVI e XVII, o que equivale a dizer, ao contrário daquela primeira afirmação do insigne pesquisador W. Santos, que teria existido um povoado regular nesse território, a que denominavam *Caguassu*. Os gentios podem ter-se espalhado por essas bandas, no final do século XVI, chegando até a região que, bem mais tarde, seria conhecida como *Ribeirão Pires*, em razão de um incidente de invasão e apossamento das terras, *por intrusos*, onde se encontrava a Aldeia de Ururá – origem dos indígenas Maripaqueres – e dos quais era líder o chefe *esquivo, Pequerobi* [11], local esse mais tarde conhecido como São Miguel (Paulista). Como se nota, a área do *Caguassu*, depois bairro do Pilar, tinha uma vasta extensão, vindo desde o Alto da Serra, hoje Paranapiacaba, até Itaquera e Guaianazes, passando por Rio Grande, Ribeirão Pires, Ouro Fino, Cassaquera (cercados velhos), depois Mauá, Artur Alvim e alcançando São Miguel Paulista.

Os Intrusos e os Maripaqueres –

Realmente, segundo menciona um documento régio, de Portugal, da época colonial, *...um certo Antonio Machado, descendo a serra existente no distrito de Mogi das Cruzes, constatou e trouxe a notícia da invasão de intrusos naquela*

Notas

- 9-Tomé de Souza concedeu foral de Villa ao azemel de S. André da Borda do Campo, de João Ramalho, em 1553. E, em 1560, ele próprio decidiu pela sua extinção.
- 10-W.S. Esboço citado, inédito.
- 11-Affonso E. Taunay, *História da Cidade de São Paulo*, pág. 11 Ed. Melhoramentos (1954).

região e da perigosa dispersão dos indígenas, os Maripaqueres, que diziam interessar-se pela fé cristã. Desconfiados, os portugueses pediram e conseguiram uma ordem de El-Rei, para que o então Capitão Mor, Antonio Correa de Lemos, os perseguisse e os prendesse, intrusos e indígenas, trazendo-os para São Paulo de Piratininga para serem punidos, o que realmente ocorreu com o concurso de Antonio Borbas e seu primo Francisco de Borba Gato. O capitão Lemos, depois, conservou-se no posto de capitão-mor, governador das Capitanias de São Vicente e de São Paulo até 1707 [12].

Documentos do século XVII comprovam que, por volta do ano de 1677, o capitão Antonio Corrêa de Lemos tinha a prática da disciplina militar, como Capitão de Infantaria da ordenança, por eleição dos oficiais (vereadores) da Câmara da Villa de São Paulo de Piratininga, para o descobrimento de minas de prata, exercitando o dito posto de Capitão no bayrro de Cahaguassu, onde morava. Aliás, o Capitão Lemos sucedera a Thomaz da Costa Barbosa, em março de 1703, para assumir o real serviço de Capitão Mór daquelas Capitanias (São Vicente e São Paulo)[13].

Mais tarde, documento datado de seis de março de 1705, sob o título de Carta de D. Álvaro da Silveira de Albuquerque a Antonio Correa de Lemos, Capitão Mor de São Vicente e de São Paulo, (fala) sobre os índios Maripaqueres, aprisionados pelos primos Borba Gato. O documento esclarece que afirmavam os índios terem vindo em busca da doutrinação na fé cristã. Tais gentios, que ocupavam as localidades ribeirinhas do lendário Rio Tietê, chamavam a esta região de Cahaguassu ou Caguassu, cujo significado é Mata Grande [14].



A Capela de Nossa Senhora do Pilar e seu fundador

Havendo recebido terras de sesmarias no local, o capitão Antonio Corrêa de Lemos passara a viver nessa região, por volta de 1677. Nascera em São Paulo. Seu pai tinha o mesmo nome e sua mãe era Maria de Quadros. Seus irmãos eram José Correa de Lemos, Salvador Correa de Lemos, Francisca e Maria das Neves. De fato, os desfechos das cartas de sesmarias setecentistas comprovam: as quais terras lhe concedo ao suplicante (capitão-mor, Antonio Correa de Lemos) para que as haja, logre e possua como coisa própria tanto ele como todos os seus herdeiros ascendentes e descendentes, sem pensão, nem tributo algum mais (do) que os dízimos N.S. dos frutos que nelas tiver a qual concessão lhe faço não prejudicando a terceiro e reservando os paus reais que nas ditas terras houverem para embarcações e cultivará as ditas terras de maneira que deem frutos e dará caminhos públicos e particulares aonde forem necessários para fontes, pontes, portos, pedreiras como é estilo e Sua Majestade. E não venderá as terras sem expressa ordem do dito senhor e será obrigado a cultivá-las, demarcá-las e confirmá-las dentro dos dois ditos anos com declaração [15]. É certo que essas terras abrangiam o enorme território já citado anteriormente, até as margens do Tietê, e que a Capela de Nossa Senhora do

Outubro de 2005 -
Estado atual da
Matriz de São
José, Ribeirão
Pires, vendo-se à
direita o remanes-
cente da arboriza-
ção criada pelo
padre Fernando
Spezzagni nos anos
40

Notas

- 12-W.S. esboço citado da História de Ribeirão Pires.
- 13-W.S. esboço citado id. lb.
- 14-Idem, ibidem.
- 15-Idem, ibidem.



Outubro de 2005 - Capela de N.S. do Pilar, Ribeirão Pires. Estado atual, após reformas

Pilar situava-se nas terras de Mauá e Ribeirão Pires, mais particularmente. Daí ter existido no Sítio de Cassaquera a *Estação (férrea) do Pilar* (depois Mauá).

No início do século XVIII, já capitão-mor, Antonio Corrêa de Lemos fora acometido de grave moléstia que, por pouco, *não lhe tirava a*

vida. Muito doente, fez um pedido e uma promessa à sua santa de devoção, Nossa Senhora do Pilar, implorando pela própria cura. A origem dessa santa remonta ao encontro da imagem, por um dos apóstolos de Cristo, [16] às margens do Rio Ebro, na cidade de Zaragoza, na Espanha. Conta a lenda que, enquanto o apóstolo e seus discípulos oravam naquela localidade, encontraram uma imagem de Nossa Senhora, rodeada de anjos e disposta sobre uma coluna de mármore, em forma de *pilar*. Daí a escolha bizarra da denominação de *Nossa Senhora do Pilar*.

Construção e benção - Havendo o capitão Corrêa de Lemos recuperado integralmente a saúde, comprometeu-se a construir uma capela em louvor à *sua santa salvadora*. Assim, com o apoio de profissionais artesãos, entalhadores, taapeiros e o concurso do trabalho de escravos que ele próprio cedeu, foi erguida a capela sobre uma colina - adrede escolhida para aquele fim - e construída pelo sistema da taipa, isto é, com pilares de madeira trançados de esteiras de palha

e barro, com paredes de 40 centímetros de espessura.

Em seguida, conforme provisão do bispo dom Francisco de São Jerônimo e respectiva benção do guardião frei Pacífico, da Igreja de São Francisco e, ainda, por despacho clerical, fundou-se e sagrou-se, no então denominado *bayrro* Caguassu, a capela, em honra de Nossa Senhora do Pilar, em 25 de março de 1714. Trata-se do templo mais antigo da região, não considerando a Capela de Santo André (1553), extinta com a *Villa Velha* em 1560, por ordem do governador geral.

Conforme registro *de datas consagradas a santos*, feito em uma tábua pendente na sacristia do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, destinou-se, o dia 25 de março, às comemorações em louvor da santa, *por haver indulgência plenária nesse dia*. Datam dessa época novos rumos para este longínquo ponto da serra que recebeu de pronto algumas famílias, transferidas para junto *da pomposa ermida*, no sopé da colina. Com a capela, o local passou a ser conhecido como *bayrro do Pilar*.

Na verdade, nessa época a capela havia de ser realmente uma *pomposa ermida*, que contava com majestoso portal, *composto de peças inteiriças de madeira, sem juntas ou dobradiças*. *E seus movimentos de abrir e fechar faziam-se girando suportes sobre eixos de madeira, assentados em orifícios no piso, junto aos batentes da porta, nas partes inferiores e superiores*. *O altar mor ostentava entalhes de madeira, pintados em branco, azul e dourado e sempre apresentaram boa conservação*.

A *imagem original de Nossa Senhora do Pilar é antiga*, contando já em torno de três séculos. Buscando fotografá-la, fomos informados de que: *Pois é, essa imagem foi furtada daqui por ladrões de antigüidades, em 1998. Recuperada*

Notas

16-Provavelmente, o apóstolo São Thiago.

meses depois, em Minas Gerais, em 1999, ela não voltou mais ao altar primitivo. A imagem atual é uma réplica da original, contou-nos Ederli Ferreira, filha do casal de zeladores da Capela do Pilar, Braz Soares Ferreira e Luzia de Farias Ferreira, que ali residem há 30 anos e mantêm em ordem essa preciosidade histórica. As demais imagens que adornam a capela são de gesso e foram elaboradas e ali entronizadas mais recentemente[17]. Atualmente, o pároco da Igreja de Santa Luzia, Padre José Silva, celebra missas na Capela do Pilar, a cada primeiro domingo do mês. Recentemente celebrou-se nessa capela o casamento de jovens da localidade.

A Família Pires - Passados dois anos, depois da construção e sagração da Capela de Nossa Senhora do Pilar, recebe o lugarejo do Caguassu, em meados de 1716, a família do mestre de campo, Antonio Pires de Ávila, filho de Manoel de Ávila e de Ana Ribeiro Razão. As terras que essa família ocupou ficaram conhecidas pelo nome de *Sítio Ribeirão Pires*, em razão do ribeirão próximo, que passava pelas referidas terras. Esse ribeirão, entretanto, fora anteriormente conhecido por (Rio) Grande, porque era de fato o maior das redondezas.

O citado mestre de campo, natural de São Paulo, distinguira-se na luta contra a invasão dos franceses no Rio de Janeiro entre 1710 e 1711 e, em 27 de dezembro de 1713, fora nomeado sargento-mor dos auxiliares de Pitangui, por dom Braz Balthazar da Silveira, conselheiro de El Rei, tendo ali erguido o pelourinho da vila em 1715. Antonio Pires de Ávila era irmão de Isabel, Maria, Tereza, Josefa, Cecília e Miguel. Sua esposa, Ana Moreira de Godoy, era filha de Ignácio Moreira de Godoy e de Catarina de Unhate de Medeiros. Acompanhavam-nos cinco filhas: Tereza, Úrsula, Catarina e outras duas, cujos nomes são

desconhecidos.

Seus feitos como sertanista e auxiliar da Coroa autorizavam-no e ele requereu, então, posse das terras mencionadas através de *Dom Braz Balthazar da Silveira, do Conselho de Sua Majestade, que Deus guarde ... Mestre de Campo General dos seus exércitos, Governador e Capitão Geral da Capitania de São Paulo*. Foi-lhe, então, concedida carta (de sesmaria) nos seguintes termos:

Faço saber aos que esta minha carta virem que tenho consideração a me representar o Mestre de Campo Antonio Pires de Ávila, que ele possui um sítio que tinha fabricado na paragem chamada Cassaquera (cercados velhos) - depois Mauá -, e por que ele se quer alongar e necessita de mais terras em que acomode cinco filhas que tem, e estão devolutas as que ficam na vizinhança do dito sítio me pedia lhas concedesse por sesmaria as quais começam da barra de um ribeiro que chama Isrricantam, correndo pelo ribeiro acima para o sertão e da barra do dito ribeiro pelo Rio dos Couros, abaixo até a barra de Itororon, dahi pelo dito ribeiro adiante até o caminho velho do mar e correrá a rumo pelo dito caminho até o Rio Grande e atendendo o que é conveniente que povoem e cultivem as ditas terras e (para) poder acomodar o suplicante nelas sua família. Dada em 24 de março de 1716.

Anos depois, já assentado na área, volta Pires de Ávila a dirigir-se à autoridade local pedindo confirmação



Outubro 2005 - Interior da Capela de Nossa Senhora do Pilar, com detalhe da imagem atual, réplica da original que não retornou ao altar após ser recuperada de furto, em 1999

Notas

17-W.S. ops. citadas - div. págs.



José Luiz Fláquer, senador estadual e vulto de projeção em todo o Estado

dessa propriedade em dez de outubro de 1733, sem

n e n h u m a o p o s i ç ã o .

H a v i a passado para São Paulo, onde fora nomeado mestre de campo dos auxiliares por patente de 21 de outubro de 1721,

seguindo depois para as minas de Cuiabá, por volta

de 1722. Fora ele classificado por documento régio de 21 de junho de 1723 *como um dos melhores sertanistas (do) seu tempo. De grande capacidade e muito prático em todo o sertão* [18].

Desse modo, estes precursores do futuro Município de Ribeirão Pires, ambos possuidores de documentos régios das terras de sua posse, tendo cumprido tarefas que os credenciaram como pioneiros setecentistas da referida paragem, poderiam merecer, cada um deles, a qualificação e a glória de *fundador*. Entretanto, parece certo que o capitão Antonio Corrêa de Lemos, que antecedeu Antonio Pires de Ávila e sua família, e que foi o fundador e artífice da Capela de Nossa Senhora do Pilar, detém o título de fundador da cidade de Ribeirão Pires, consoante afirmação do pesquisador W. dos Santos, de saudosa memória, em esboço inicial incompleto, intitulado *História de Ribeirão Pires*, citada nos *Antecedentes Históricos do ABC*. E, particularmente, consideramos que o destaque e o louvor a ambos é merecido, a fim de que não permaneçam ignorados, como simples notas de rodapé, em obras de historiadores.

Decadência da Capela e do

Bairro do Pilar – Entretanto, empobrecida, a localidade começou a definhar ainda na primeira metade do século XVIII, com a morte, em 1739, do capitão-mor, Antonio Correa de Lemos, sepultado no interior da capela que ele próprio construía, 25 anos antes. Idêntico destino deve ter tido sua esposa, falecida em 1721. Daí por diante, por algum tempo, além do negro Ignácio, ficara encarregado de cuidar da Capela de Nossa Senhora do Pilar o filho e herdeiro do capitão Correa de Lemos, Francisco Corrêa de Lemos. Mas a notícia era de que esse herdeiro estava distante, a serviço da Coroa portuguesa, também nas minas de Cuiabá, Mato Grosso.

Esse abandono foi igualmente sentido e registrado pelo primeiro bispo da Diocese de São Paulo, criada conforme decreto assinado por dom João V, em 29 de abril de 1745[19]. Por aquele decreto régio, a localidade ficou integrada no grande território da Freguesia da Sé, cujo primeiro bispo, dom Bernardo Rodrigues Nogueira, chegou a São Paulo em oito de dezembro de 1746.

Ao organizar sua diocese no campo e planalto de São Paulo de Piratininga, o referido bispo visitou todas as igrejas da Freguesia da Sé. E, quando se referiu à Capela do Pilar, observou que *no bayrro do Pilar distante desta igreja (Sé) oito léguas pouco mais ou menos, há fregueses dela, que necessitam sacerdote que lhes diga missa na Capela de N. Senhora do Pilar aí sita. Mas como no bayrro não vive sacerdote e não possuem os moradores, por pobres, com que se sustentem, porque lhes falta ainda o necessário de que vivam, a sua suma pobreza os faz passar a ouvi-la alguns dias do ano em alguma capela ou nesta Cidade (São Paulo), donde a teem sem dispêndio e ordinariamente só, vem cada ano a receber os sacramentos que nas enfermidades não perdoam ao pároco a*

Notas

18-W.S. esboço para Hist. Rib.Pires - págs. 6, 7 e 8.

19-Portugal detinha o direito de padroado, concedido pelo papa, no século XVI: a Coroa podia criar bispados, mosteiros e nomear sacerdotes etc (in O Livro das Religiões - 2002).

jornada trabalhosa para lá lhes administrar.

E, em seguida, no mesmo documento, o bispo repete a descrição sobre a instalação, benção e sagração da Capela do Pilar pelo guardião de São Francisco, frei Pacífico. E prossegue, em sua avaliação, informando que (a capela): *Acha-se com bastante ruína e mato, falta de ornamentos porque só tem duas casulas velhas e frontais. Que tem mais um negro por nome Ignácio ... Não tem protetor, ainda que dizem ficara um filho do fundador por nome Francisco Correa de Lemos, ora assistente nas minas de Cuiabá. Não consta tenha patrimônio ... Está a Capela destituída sem ter quem dela cuide ou administre e falta de toda a veneração por não ter ornamentos suficientes e com iminente ruína se acha pouco digna [20].*

Neste mesmo ano de 1748, conhecendo o estado de abandono da localidade, vereadores de Moji das Cruzes manifestaram a pretensão de incluir em seu território a maior parte da região de *Caguassu*, também conhecida como Pilar. Mas tal pretensão não chegou a ser oficializada e foi esquecida.

No censo populacional realizado pelo Morgado de Mateus, em 1765, constatou-se, no então “*Cagoassu*”, a existência de 112 pessoas (62 mulheres e 50 homens). Porém, na sua maioria, residiam distantes do centro do Pilar, na parte que mais tarde se desenvolveu como Itaquera e Guaianazes. É que a localidade de *Caguassu*, depois Pilar – que Wanderley dos Santos denomina de *célula mater* da futura cidade de Ribeirão Pires –, resumia-se realmente a *algumas casinhas abaixo da colina onde se situava a Capela do Pilar, e outras, espalhadas pela vasta mata.*

A torre dessa capela, acrescentada cerca de um século depois de erguida a própria capela, ao que consta, foi obra de

construção já no século XIX, iniciada por volta de 1809 e custeada pela colaboração de fazendeiros da região, como os capitães João Franco da Rocha e João José Barbosa Ortiz.

O bispo dom Mateus de Abreu Pereira, da Diocese da Sé, em São Paulo, determinou, em 27 de agosto de 1819, um desmembramento do território da Sé, com remanejamento de outras regiões, ocasião em que a localidade do Pilar (a comunidade paroquial) foi deslocada para a jurisdição da Freguesia do Senhor de Matozinhos, do Brás, e, apresentando minuciosa descrição das divisas, conclui o referido bispo, com a afirmação *ficando em consequência compreendido todo o bairro do Pilar para a dita nova Freguesia*. Desse modo, embora o tempo estivesse minando as estruturas da frágil capela, oficializada a transferência do Bairro do Pilar para a Freguesia do Brás vinha, de vez em quando, celebrar o santo ofício da missa no Pilar, o reverendo padre Joaquim José Rodrigues.

Doze anos mais tarde, porém, em cinco de setembro de 1831, o comendador da Ordem de Cristo e bispo de São Paulo, dom Joaquim Gonçalves de Andrade, retificou a jurisdição então vigente em 1819 e anexou o Bairro do Pilar à Freguesia de São Bernardo, visto situar-se o mesmo a três léguas da Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, sendo que, do Brás, essa distância era de cerca de sete léguas. Retornava, desse modo, a comunidade paroquial da localidade do Pilar a integrar a região que mais tarde seria conhecida como ABC, como de resto todo o território de Ribeirão Pires se mantinha sob a jurisdição da



Coronel João Baptista de Oliveira Lima, de saudosa memória. Pioneiro do progresso bernardense e ribeirão-pirense

Notas

20-W.S.

ops.



Dr. Felício Laurito, de família de Ribeirão Pires. Foi operoso prefeito de São Bernardo

mesma Freguesia de São Bernardo política e territorialmente. Por esse tempo, a denominação de *Ribeirão Pires* já se popularizara. Porém mantinha-se a idéia, ainda antiga, de que se tratava de um *sítio* e não de um bairro, distrito ou cidade.

Daí por diante, a ligação do Pilar com São Bernardo firmou-se tanto que, ainda hoje, existem vestígios dessa localidade no Município de Santo André, próximos à divisa (*Vila Gilda*) com São

Bernardo, existindo ali uma via pública, denominada *Rua Caminho do Pilar*, a qual atravessa a Avenida Pereira Barreto já nos domínios de São Bernardo atual e segue em direção à localidade conhecida como *Vila Baeta Neves*, rumando na direção da Serra do Mar, com o nome de *Rua Tales dos Santos Freire*. Aliás, em 1893, quando São Bernardo já ostentava foros de município desde 1889, o vice-presidente do Conselho, Manoel José de Oliveira Cata Preta, escreveu um relatório respondendo a um questionário, dizendo: *que havia mais uma estrada em construção, a qual tem por fim ligar o Núcleo (Colonial) de Ribeirão Pires com o de São Bernardo*. Esse caminho para o Pilar já conta, portanto, com cerca de 112 anos.

Quanto à propriedade, denominada *Sítio Ribeirão Pires*, em terras da localidade de *Cassaquera* (que depois seria Mauá e Ribeirão Pires), que pertenceu a Feliciano José Rodrigues, foi ela, em 1830, transferida a José Fernandes da Silva. No ano seguinte – 1832 – esse proprietário doou o *Sítio* a José Alves de Siqueira.

De outro lado, mesmo localizando-se próximo da Freguesia de São Bernardo,

depois da morte de seu fundador, o capitão Antonio Corrêa de Lemos, e estando seu filho, Francisco Corrêa de Lemos, nas minas de Cuiabá, no Mato Grosso, *permanecia o lugarejo do Pilar com aquele triste aspecto decadente de abandono*. Entretanto, resistindo, como de fato resistiu, mais três décadas, receberia, o Pilar Velho, *a energia do progresso*, que o faria ressurgir como a *Pérola da Serra do Mar*, com a chegada da Estrada de Ferro SPR, que por ali passaria, vencendo a abrupta Serra do Mar, a caminho do Porto de Santos. O destino do Pilar era o de incorporar-se ao progressista ABC, salvando-se da decadência e da sombria ameaça de desaparecimento.

O advento da Ferrovia SPR – Já, entre 1836 e 1838, leis provinciais autorizavam o contrato para a construção de uma estrada de ferro entre São Paulo e Santos, mas o projeto não prosperou. Vinte anos depois, o surto do café em todo o interior da Província de São Paulo e a necessidade de levá-lo rapidamente e em grandes quantidades ao Porto de Santos, para exportação, marcaram a retomada do projeto, mais seriamente. Pelo Decreto 1.759, de 26 de abril de 1856, o Imperador D. Pedro II concedeu ao conselheiro José Antonio Pimenta Bueno, (futuro marquês de São Vicente e professor da já então famosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, fundada em 1827), ao marquês de Monte Alegre e ao ilustre nobre do Império, Irineu Evangelista de Souza, o barão (depois visconde) de Mauá, o privilégio da concessão de exploração dessa ferrovia, por 90 anos. Graças aos esforços do barão de Mauá, essa concessão foi negociada e cedida à empresa *The Sao Paulo Railway Company Ltd.*, organizada em Londres, em 1860. A gigantesca empreitada dos serviços de instalação da ferrovia que devia vencer os 800 metros da Serra do Mar coube à firma Robert Sharp & Sons,

que incumbiu o engenheiro James Brunless de completar o projeto, o qual foi realizado pelos engenheiros Daniel Mackinson Fox e seu auxiliar, Bolland. O início da construção da ferrovia teve lugar no Porto de Santos. Dali os trabalhos seguiram em direção ao planalto, a partir de 15.05.1860[21].

A Estação de Ribeirão Pires -

Um ano depois, em 28 de junho de 1861, o proprietário, Antonio José de Moraes, vendeu parte do *Sítio Ribeirão Pires*, no Bairro do Pilar, à ferrovia. Estas terras, onde mais tarde foram construídos uma estação (com o nome do sítio) e os respectivos armazéns da ferrovia, pertenceram a José Alves de Siqueira, falecido em 1845, e à viúva, Francisca Alves Bicudo, que as registrou em seu nome em 1855, transferindo-as três anos mais tarde ao sobredito Antonio José de Moraes. O tráfego ferroviário foi inaugurado em 16 de fevereiro de 1867 sem, ainda, deixar *estação ou parada*, nessa localidade, talvez porque já houvesse, relativamente próximas, as estações de *São Bernardo* (primeiro nome da futura Estação de Santo André) de um lado (a *Estação Pilar*, depois Mauá, foi criada em 1883) e, de outro lado, a *Estação de Rio Grande*, já bem próxima da Serra do Mar. Todavia, com a expansão dos sitiantes de Rio Grande, que se estabeleceram nestas vizinhanças, verificou-se a necessidade da instalação de outra estação intermediária que serviria também para o abastecimento de água às locomotivas (a vapor, naquele tempo).

Desse modo, 18 anos após o início do tráfego, em primeiro de março de 1885, na altitude de 751 metros acima do nível do mar, foi inaugurada a parada ferroviária *Estação de Ribeirão Pires*, cujo nome se deveu realmente ao sítio homônimo, adquirido em parte pela ferrovia, pois que o ribeirão daqueles tempos era conhecido como (Rio) Grande,

e não como *Ribeirão (dos) Pires*, como ficou mais tarde conhecido, em razão da chegada da família Pires que manteve larga influência local. Nesta época, o *Sítio Ribeirão Pires* pertencia à viúva Francisca Maria de Lima, que o recebera, em 1881, por falecimento de seu marido, Antonio José de Moraes, o mesmo proprietário que vendera parte da propriedade à ferrovia, em 1861.

Apesar da existência, comprovada pelo histórico anterior, de povoado local, o próprio pesquisador Wanderley dos Santos admite que: *A exemplo de Mauá, o antigo Pilar, e de Santo André, a antiga Estação de São Bernardo, o Município atual de Ribeirão Pires surgiu a partir da existência da estação férrea local, ... inaugurada em primeiro de março de 1885. Antes disso existiam, no local, apenas habitantes esparsos, ao redor da colina onde foi erguida a Capela de Nossa Senhora do Pilar.*

A criação do Núcleo Colonial - E foi, então, *em torno da Estação de Ribeirão Pires, que se criou, em 1887, a Colônia dos Imigrantes Italianos. E tão bem se ajustou o Núcleo Colonial, na região, que a povoação surgida em torno da estação de Ribeirão Pires superou a do Pilar, (onde também havia uma linha do Núcleo local), mantida, desde então, como espécie de bairro subordinado a Ribeirão Pires, que foi elevado a Distrito de Paz em 1896. Mas Ribeirão Pires só alcançaria sua autonomia político-administrativa tornando-se município, em 1953, após o plebiscito autorizado por lei.*

Com efeito, não existe referência histórica alguma comprovando que o



Fioravante Zampol,
de Ribeirão Pires,
presidente da
Câmara e prefeito
de Santo André

Notas

21-W.S.
Antecedentes, op.cit.



Padre Luigi Capra, da *Pia Società Missionaria di San Carlo*, do serviço religioso na Igreja da São Caetano e colaborador emérito da construção da Capela de São José, de Ribeirão Pires

Bayrro do Pilar tenha sido elevado ou tenha recebido o tratamento de *distrito de paz, distrito fiscal ou distrito policial*, o que, aliás, só teve lugar, com *Ribeirão Pires*, em fevereiro de 1890, pois a partir da Lei nº 38, de 12 de março de 1889, que transformou a *Freguesia de São Bernardo* em *Villa* (equivalente a município), ambos os locais passaram a pertencer ao território de São Bernardo, do mesmo modo que Santo André e São Caetano. Nova mudança na territorialidade só viria a ocorrer em 30 de novembro de 1938, com o Decreto 9.775, pelo qual, *graças a seu*

maior desenvolvimento em relação à antiga Villa de São Bernardo, pela intensa atividade ferroviária e industrial, Santo André passou ao foral de município ficando, as demais áreas [22], como simples distritos ou *segundas zonas*, subordinadas ao novo Município de Santo André, que englobava, então, todo o ABC, até o alto da Serra (Paranapiacaba).

Embora Wanderley dos Santos não atribua ao trabalho e à prosperidade dos imigrantes italianos que viviam no Núcleo Colonial parte do progresso experimentado por Ribeirão Pires, é inegável que o impulso e o dinamismo recebidos dos imigrantes, vindos em 1888, a exemplo do que ocorreu com São Caetano e com São Bernardo, foram diretamente responsáveis pela rápida evolução e pelo surto de progresso ali registrados. Naturalmente, tal fato está associado e se deve também aos meios de transporte da Ferrovia SPR, à energia elétrica vinda para São Bernardo em 1905 (do qual Ribeirão Pires era um distrito) e à disponibilidade de água, decorrente da

criação das Represas Billings e Guarapiranga (1907) pela Light & Power, a empresa canadense que explorou a iniciativa durante mais de 80 anos e que, em 1946, realizou também o represamento do Rio Tietê, aumentando a vazão de água da Billings para maior turbinamento energético para Cubatão.

Desde 1871, com a Lei Provincial de 30 de março, colocou-se a base do sistema para aceitação de imigrantes. Por volta de 1874, fazendeiros de café associados a grandes proprietários paulistas decidiram recrutar diretamente na Europa a mão-de-obra que deixaria de existir com a abolição da escravatura em 1888. Antonio Queiroz Teles, futuro barão e visconde de Parnaíba, governador de São Paulo em 1878, decidira também aceitar a imigração italiana. Sob sua presidência constituiu-se a Sociedade Promotora de Imigração em dois de julho de 1886. E, em fevereiro de 1887, foi criado, oficialmente, o Núcleo Colonial de Ribeirão Pires. Entre dezembro de 1887 e março de 1888, sob a orientação do engenheiro Joaquim Rodrigues Antunes, concluíram-se trabalhos de medições de terras cedidas para a composição do Núcleo, que explorou também as terras adjacentes à localidade em torno da Capela de Nossa Senhora do Pilar (*linha do Pilar*).

O Núcleo Colonial de duas linhas - A princípio, o Núcleo Colonial se dividiria em duas linhas: a Linha Central, próxima à Estação de Ribeirão Pires, e a Linha do (bairro) Pilar. *A Linha Central, que ocupava a área onde estão atualmente os arruamentos dos jardins Colonial Boa Sorte, Dois Melros, Alvorada, Fazenda Bandeirantes, Bosque Santana, Estância Paulista e as vilas Cleide, Fonseca, Elisa, Colônia, Conceição, Bertoldo, Prisco, Maracá, Nova Fortuna e Sônia, limitava-se pelo antigo Ribeirão Grande, depois Ribeirão*

Notas

22-São Bernardo, Diadema, Rudge Ramos, Riacho Grande, São Caetano, Ribeirão Pires, Mauá, Rio Grande da Serra, Paranapiacaba.

Pires. Esta área era atravessada por um caminho, considerado a única ligação com a Capela do Pilar, caminho esse que forma hoje as ruas do Comércio (parte), Miguel Prisco e a Estrada da Colônia. Tinha 27 lotes grandes.

Já a Linha do Pilar, que se localizava entre as terras de José Franchi, José de Lima, Caetano Pires, Benedito Cordeiro, Joaquim de Brito e Salvador de Souza, constituía-se de 20 lotes, muito maiores que os da linha anterior. A Linha ou Núcleo do Pilar (que já era conhecido como Pilar Velho), com o advento da estação ferroviária do Pilar, inaugurada em 1883, no local do atual Município de Mauá, voltou a ser ponto de atração popular.

Em descrição feita pela Secretaria da Agricultura, em 1892, informa-se que este Núcleo, cuja fundação data de fevereiro de 1887, foi estabelecido parte em terras devolutas, discriminadas pela Comissão Especial, e parte em terras gratuitamente cedidas ao governo por Francisco de Paula Rodrigues. Como serra e com a salubridade de clima, o lugar é entusiasticamente procurado por abastados negociantes da praça de Santos [23].

A Capela de N.S. Pilar recupera prestígio – Nos fundos da secular Capela de Nossa Senhora do Pilar, fora construído um cemitério, que embora improvisado, determinou a paralisação definitiva das inumações no interior da igreja. O último corpo ali enterrado foi o do devoto Joaquim Mariano, falecido aos 40 anos, em 21 de agosto de 1861. No referido cemitério, ficara encarregada e era responsável pelos enterros (inumações) a senhora Palmira de Tal.

Nesta ocasião, a presença dos imigrantes, fiéis praticantes da fé cristã e assíduos frequentadores da capela, certamente moveu a comunidade a fazer, por sua conta, a manutenção e melhorias

necessárias e também a reclamar a presença de um *pastor de almas*. Aliás, a requerimento do antigo morador, Benedito Antônio Fidelis, a histórica igreja recebeu, da diocese, em dois de outubro de 1902, *provisão quinquenal*, para celebração de santas missas, realizadas pelos Missionários de São Carlos. Posteriormente, recebeu a capela outra provisão para o mesmo fim, em 25 de maio de 1904. Nova provisão anual foi passada em 20 de setembro de 1909.

Distrito Fiscal - Entrementes, em 1905, Ribeirão Pires já era distrito de paz da Villa (Município) de São Bernardo. Figuras importantes haviam tomado posse para a legislatura desse ano, como vereadores: coronel João Batista de Oliveira Lima, José D'Angelo, Alfredo Luiz Flaquer, Carlos Prugner, Benedito Cesário do Nascimento, João Evangelista de Lima, José Anibal Coleone e Manoel Costa Marques. Durante a sessão de instalação ficou decidida a divisão administrativa de São Bernardo em distritos fiscais. Desse modo, no Distrito de Paz de Ribeirão Pires foram criados dois distritos fiscais: o da sede e o do Alto da Serra, (hoje Paranapiacaba), em data de dez de janeiro de 1905. Isso motivava a diocese a fortalecer a capela.

Desse modo, em 22 de outubro de 1913, foi nomeado o padre Francisco Navarro, pelo cônego padre José Rodrigues de Carvalho[24]. Enfim, com a promoção, foi o padre Francisco Navarro nomeado zelador, com atribuições de *fabriqueiro*[25].

Como se vê, a comunidade conseguiu da diocese que fosse garantida a provisão de sacerdote para a capela, sendo celebradas missas com regularidade



Década de 1920 - O casarão do imigrante Domingos Zampol na época em que ainda era habitado por sua família

Notas

23-W.S. Esboço inédito, citado, pág. 18.

24-Já nomeado, em 14 de setembro de 1913, como vigário, pelo bispo dom Duarte Leopoldo e Silva, para a Matriz de São José, a antiga Capela de Ribeirão Pires.

25-Construtor e zelador de todos os bens daquela igreja.



15.10.56 - O casal Affonso Zampol e Thereza Bertoldo Zampol que habitou o Casarão Zampol após casamento em 1910. Affonso era filho de Domingos Zampol

pelo vigário provisionado. A Capela do Pilar tornara-se, portanto, *Matriz* provisória, onde se realizavam praticamente todas as cerimônias religiosas.

Em 20 de maio de 1916, a Capela do Pilar recebeu doação de terreno do casal José Pereira da Silva e sua mulher, Francisca Maria de Oliveira, onde se construiu a primeira casa paroquial, (da região), conhecida como *casa dos padres*. Graças a esse florescimento, a capela recebeu a prestigiosa visita de superiores, como o padre José Chiappa, em 1918.

Isolamento: o destino do Pilar -

Entretanto, ironicamente, a capela histórica estava fadada a nova decadência nas décadas de 1920 e de 1930. Provavelmente, este período foi marcado pela saída de muitos imigrantes do Núcleo Colonial que, já ostentando melhores condições financeiras, abriam negócios em locais junto ao centro, ou passavam a residir mais próximos da estação ferroviária, ou, ainda, migravam para as indústrias surgidas a partir de 1915 e que marcaram o início da era industrial do ABC. Isso determinou novo isolamento da velha Capela do Pilar e do cemitério anexo, com sepulturas – na maioria de colonos italianos – também sinalizando abandono. Não obstante isso, escrituras e registros públicos locais, relativos a imóveis das proximidades, já identificavam sua localização como

Bairro da Capela de Nossa Senhora do Pilar.

*A pomposa ermida chegou a permanecer abandonada, no meio da mata, servindo de abrigo aos animais, por mais de 20 anos! Seu piso interno mostrava sinais de ruína e crateras. Para alcançá-la fazia-se o percurso a pé, partindo-se da estação ferroviária, conforme narrativa do devoto José Obeda que, anualmente, fazia lá uma romaria particular. Morador de Santo André, José Obeda visitou a capela pela primeira vez em 1936 e prometeu recuperar o local. Cumpriu sua promessa: fez renascer, ainda uma vez, o povoado do *Pilar Velho*. Contava com o apoio de policiamento que fora reivindicado por Fioravante Zampol e pelos padres, também vindos de Santo André.*

Em antiquíssima e enorme cômoda, encontravam-se roupas (as casulas) dos padres que por ali passaram para celebrar o santo sacrifício das missas. A idéia das romarias propagou-se e experimentou grande crescimento. A partir de 1940, já eram feitas em ônibus e caminhões, crescendo cada dia mais o número de devotos de Nossa Senhora do Pilar que passaram a visitá-la a cada primeiro de maio, prática que se estendeu por mais de 30 anos. José Obeda, o iniciador das romarias, faleceu em três de maio de 1955. Desde então sua viúva, Maria Castilho Obeda, e os filhos, José, Josefina Maria do Carmo, Rosária, Beatriz, Francisca, Trindade, Rafael, Bruna Aparecida e Irani, prosseguem com a tradição das romarias à Capela do Pilar. Outras famílias adquiriram o hábito e passaram a cuidar da capela.

Em primeiro de maio de 1957, as famílias de Eduardo Flório, de Atílio Nazareth e de José Padovani, bem como outras famílias residentes em Santo André, todas devotas de Nossa Senhora do Pilar, como romeiros, inauguraram

diversos melhoramentos no templo, com a reforma total do piso, a instalação de nova porta, a pintura geral da igreja e a capina da vegetação que invadira o adro. Adornaram, ainda, a igreja com imagens de outros santos, com quadros da via sacra e doaram castiçais novos para os altares.

Risco de desabamento – Entretanto, a exemplo de outras obras congêneres, mormente as antigas, com sua frágil construção de taipa, a Capela do Pilar, por volta de 1965 – com seus 250 anos de existência – esteve sujeita a desabamentos periódicos, por seu lastimável estado, com fendas nas paredes e com o forro ameaçando ruir, devido à sua antiguidade. Para evitar o desabamento iminente, a Municipalidade de Ribeirão Pires reconstruiu as paredes e reforçou a pequena torre. A reforma, não orientada por especialistas em arte, retirou grande parte das características primitivas, daquele estilo *barroco e colonial paulista*, que a distinguiu como templo setecentista, estilo que estivera presente naquela obra artesanal do início do século XVIII, de iniciativa do capitão-mor Antonio Corrêa de Lemos e sua gente. A verdade é que suas origens, sua história, tudo estava já esquecido nessa época. Ninguém havia que soubesse ou pudesse contar com segurança a história dessa preciosidade da arte religiosa setecentista no ABC.

A busca das origens - Por isso mesmo, em 1966, com a chegada do padre Olavo Paes de Barros Filho[26], na recém-criada Paróquia (no Bairro) de Santana, que jurisdiciona a Capela do Pilar Velho, passou-se a pesquisar as origens do vetusto templo sobre o qual, até então, só se tinham suposições. Organizou-se uma comissão com o objetivo de visitar, em Moji das Cruzes, o saudoso carmelita holandês, Frei Thimóteo Van Den Broeck, que vinha estudando a matéria há algum tempo. Em



25 de agosto de 1967, Frei Thimóteo realizou, na Câmara Municipal de Ribeirão Pires, magnífica palestra a respeito, respondendo gentilmente a perguntas que lhe foram formuladas. Entretanto, suas conclusões não passavam de suposições elaboradas em torno da farta documentação existente no Convento do Carmo, de Santos, acerca das sesmarias quinhentistas de Brás Cubas. Frei Thimóteo faleceu em 13 de fevereiro de 1968.

Também a Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo publicou, em 1970, dados relativos às principais capelas de interesse histórico no interior paulista. Todavia, as informações disponíveis, sobre a Capela do Pilar, não estavam corretas no trabalho nem esclareciam sua verdadeira origem.

Afinal, a emblemática Igreja de Nossa Senhora do Pilar foi, na década de 1970, objeto das pesquisas do notável Wanderley dos Santos, a cujo trabalho devemos as luzes de sua verdadeira origem, na primeira década do século XVIII, em razão do cumprimento pessoal de uma promessa do então capitão-mor, Antonio Corrêa de Lemos, num tempo remoto em que a localidade era conhecida como *bayrro de Caguassu*. Sua benção e reconhecimento como capela deu-se em

Década de 1960 -
Casal Affonso e
Thereza Bertoldo
Zampol com filhos
e netos, por
ocasião da festa
comemorativa das
bodas de ouro do
casal

Notas

26-Padre Olavo que, nos anos 70, seria pároco do Santuário de N.S. Aparecida de São Caetano do Sul



Outubro de 2005 - Casa de Controle da Ferrovia S.P.R. na Estação de Ribeirão Pires. O prédio é de maio de 1885

novembro de 1714, como vimos.

Desapropriação no Pilar em 1971 – O prefeito eleito de Ribeirão Pires, Antonio Simões, pelo Decreto 976, de 19 de fevereiro de 1971, declarou de utilidade pública, a fim de serem adquiridas por desapropriação, as áreas de terrenos situadas onde se encontra a Igreja do Pilar, destinadas à preservação histórica e ao Centro de Turismo. Nessa ocasião, essas terras constavam pertencer à Congregação de São Carlos e ao Instituto Cristóvão Colombo.

O Externato Nerina Adelpha Ugliengo – Inaugurado em 14 de fevereiro de 1932, pela Sociedade São José de Ribeirão Pires, como asilo. Em 15 de maio de 1933, chegaram à localidade as primeiras irmãs de São José, hospedadas na casa do comendador João Ugliengo: madre Davídica Petres, as irmãs Feliciano Petres, Clorinda Baro e a postulante Abigail Romeiro César seriam as primeiras professoras do Externato Nerina Adelpha Ugliengo, hoje uma das mais tradicionais escolas de Ribeirão Pires. Fundada com o nome de *asilo*, a família Ugliengo nada cobrou pelo uso do imóvel que, posteriormente, foi doado à Congregação das Filhas de São José, pelos Ugliengo. Uma imagem dos anos 30 mostra as primeiras professoras, as religiosas de São José, ao lado de senhoras da sociedade local.

A Igreja Matriz de São José

Entre as diversas igrejas existentes

no município, está a Capela de Ribeirão Pires, iniciada provavelmente no último decênio do século XIX e construída por obra de uma comissão composta de líderes locais: major Manoel José de Oliveira Catta Preta, capitão Claudino Pinto, engenheiro Carlos Rohn e Antonio Pereira de Figueiredo. Enquanto se edificava esta capela, o povo ainda mantinha a tradição de suas romarias à Capela do Pilar Velho. Esta foi construída lentamente, mercê de donativos particulares e com a ajuda das *esmolas do povo*, sendo concluída ainda em 1893. Depois disso, aumentaram-se suas bases e alicerces para uma futura ampliação, enquanto os padres Missionários da Congregação de São Carlos vinham rezar missas e ministrar sacramentos, com a autorização do Vigário da Matriz de N.S. da Conceição da Boa Viagem, de São Bernardo. Vieram, desde o superior, padre Faustino Consoni, assim como outros, padre Carlos Pedrassino, o piedoso padre Luigi Capra e padre João Raviolli, que auxiliou com recursos próprios, foi diretor, carpinteiro e até pedreiro dessa obra. Com o concurso da devota, Virgínia Ferraz Nápoles, a obra ganhou seu revestimento interno. Uma comissão, composta e encabeçada pelo dedicado Antonio Ferraz Nápoles, Luiz Bottacin e Juvenal Rocha, passou a cuidar do andamento das obras. Aliás, o padre Luigi Capra foi grande benfeitor desta capela. Não mediu esforços para auxiliar na busca de recursos e oferecer de seu próprio bolso o apoio financeiro para prosseguir nas obras de ampliação dessa igreja.

Em 27 de junho de 1902, essa capela passou a contar com a colaboração de João Gonçalves do Canto Júnior, empossado nesse dia como *zelador* e, provavelmente, também encarregado de algumas funções de *fabriqueiro*, como vinha sendo usual em algumas capelas da região. Segundo consta, desde a fundação,

em 1895, realizavam-se, ali, solenidades da festa de São José. Talvez em razão disso mesmo, um devoto do santo, alemão, morador local, de nome Reichert, doou à capela a imagem de São José, vinda da Alemanha e que ficara por longo tempo retida na Alfândega de Santos, com alto custo de emolumentos para sua liberação.

Entronizada a imagem doada, a capela passou a ser conhecida como *Capela de São José*, sob a jurisdição da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, de São Bernardo, município esse em cujo território estava o Distrito de Santo André, onde se incluía Ribeirão Pires, além de outras localidades.

Mais tarde, em 12 de julho de 1909, o então vigário de São Bernardo nomeou, por provisão dessa data, para as funções de fabricante, a Antonio Dias Ferraz Nápoles e, como conselheiros, Juvenal Rocha, José Canto, Pedro Pellissone e Luiz Bottacin. Ainda nesse mesmo ano passou aquele vigário provisão anual para a celebração do santo ofício de missas, em 17 de setembro. Dois anos mais tarde, em 21 de novembro de 1911, a Capela de São José foi elevada à categoria de segunda matriz de toda a região do ABC, por decreto episcopal de dom Duarte Leopoldo e Silva, com jurisdição das áreas distritais de Ribeirão Pires até Paranapiacaba, no alto da Serra do Mar. O decreto diocesano foi lido ao povo de Ribeirão Pires em 31 de dezembro de 1911, pelo padre Aurélio Fraissat.

A presença do Padre Luiz Capra

- O primeiro vigário provisionado para a capela foi o reverendo padre Tarcízio Zanotti, da Congregação de São Carlos, natural da Itália e pertencente à Diocese de Brescia, da província de mesmo nome. Segundo informes locais, tratava-se de um sacerdote de 45 anos, muito distinto e bom pregador, que era também vice-diretor do



Seminário Episcopal. A provisão traz a data de 20 de janeiro de 1912, dando-se a posse do vigário nessa mesma data, na presença do vigário da recém-criada Paróquia de Santo André – figura histórica e grande benfeitor dessa mesma capela, hoje muito reverenciada no ABC – o *revero. Padre Luigi Capra*. Testemunharam o ato, como *padrinhos*, o fabricante, Antonio Ferraz Nápoles, e José Gonçalves Carli Júnior. Todavia, menos de um ano depois, padre Tarcízio Zanotti foi transferido para Rio Claro, como diretor de um orfanato local [27].

Nova provisão, com portaria episcopal assinada em 14 de fevereiro de 1913, pelo bispo, dom Duarte Leopoldo e Silva, em favor do padre Francisco Navarro, da Paróquia de Santo André, à qual, nesta época, estava anexada a Capela de São José. Figuraram como padrinhos as testemunhas do fabricante Antonio Ferraz Nápoles e do comendador Norberto Giorgi. Nessa ocasião, a população da *paróquia somava 7.500 almas*.

Data igualmente de 1913 a construção da Casa Paroquial da Matriz de São José destinada a acomodar o vigário padre Francisco Navarro. Importantes nomes da nascente sociedade rebeirão-pirense apressaram-se a fazer suas contribuições em dinheiro: Virgínia Viana Nápoles, Maria de Ataíde Bittencourt, dr. José Maria Witacker, Aristolina Bittencourt, Eugênia Maciota,

Década de 1930 -
As religiosas,
Madre Davídica
Petres, Feliciano
Petres, Clorinda
Baro e Abigail
Romeiro César,
respectivamente,
diretora e auxiliares
do antigo asilo,
depois Externato
Escolar Nerina
Adelpha Ugliengo,
acompanhadas de
senhoras da
sociedade
ribeirão-pirense

Notas

27- Cinco anos depois, em 13 de outubro de 1917, ocorreu o precoce falecimento do Padre Tarcízio Zanotti, que contava então 50 anos de idade.



Década de 1930 - Antigo prédio do asilo, depois Externato Nerina Adelpha Ugliengo, de Ribeirão Pires

prof. Domingos Loreto, Vicente Laurito, Paschoal Boareto, César Caçapava, José Julião, João Pedro Alves, Maria Nápoles Assis e Gimodécio de Castro. Outros que contribuíram com materiais de construção foram: Luiz Bottacin, Domingos Zampol, J. Faria, Francisco Serafim e comendador Norberto Giorgi.

Em 20 de janeiro de 1918, novo vigário foi para ali nomeado: o padre José Chiappa, que tomou posse em dez de fevereiro desse ano, figurando como paraninfos o mesmo fabricante, Antonio Dias Ferraz Nápoles, e João Carpinelli. Nesta ocasião a Matriz de Ribeirão Pires passou a fazer parte da Circunscrição Eclesiástica da *Penha de França*, na Capital, e os padres da Ordem dos Redentoristas passaram a freqüentar a igreja, realizando suas pregações religiosas. Por volta de 1919, a população paroquiana alcançava 9.942 *almas*.

Em dois de fevereiro de 1921, tomou posse o quarto vigário provisionado, padre Leonardi Salvador, que permaneceu por dois anos, despedindo-se no final de 1922. Em primeiro de janeiro de 1923, foi provisionado novo vigário, o reverendíssimo Carlos Porrini, oriundo das colônias do Rio Grande do Sul. Tomou posse em 15 de janeiro de 1922, e foram testemunhas do novo vigário Giovanni Ugliengo e João Carpinelli. Padre Carlos, muito dinâmico,

desenvolveu grandes esforços para dotar a matriz de novos altares, para o Sagrado Coração de Jesus e para Nossa Senhora, em cujo empreendimento foi auxiliado por João Carpinelli, Marcelina Tolesano e Judith Ugliengo. Até esse ano, a Circunscrição Eclesiástica de Ribeirão Pires fazia limite com a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, de Santos, tendo sido, nessa época, criada a Paróquia do Valongo, ocasião em que se ausentou o vigário, padre Carlos Porrini. O sexto vigário provisionado foi o padre Pedro Negri, que tomou posse em primeiro de novembro de 1924, apadrinhando o ato o dr. Virgílio Golla e Américo Bernardi. Padre Negri permaneceu ali por dois anos. Em dez de maio de 1926 retornou para a matriz o padre Carlos Porrini, agora, porém, como coadjutor, juntamente com frei Marcelino. Padre Negri ali permaneceu até dois de julho de 1928. Antes de sua partida, em setembro de 1926, a matriz recebeu a honrosa visita do reverendíssimo monsenhor Biccognani, da Congregação Consistório de Roma.

Nesse tempo, a *paróquia*, como já era conhecida, não tinha como atender a toda a comunidade, razão por que nomearam-se ajudantes, além do padre Marcos Simoni, para cuidar dos fiéis de Rio Grande e de Paranapiacaba, o qual passou em sete de julho de 1928 a vigário paroquial.

Outros padres contribuíram muito para o desenvolvimento da fé cristã local, como o padre Luiz Corsi, muito eficiente, que, vindo em novembro de 1941, remodelou inteiramente todas as irmandades da igreja e lançou, com grande solenidade, a pedra fundamental para a construção local da nova igreja matriz. O vigário seguinte, Fernando Spezzagni, que tomou posse em dez de maio de 1948, teve como testemunhas Fioravante Zampol (futuro prefeito de Santo André) e Daniel Carpinelli. Padre

Pezzagni reuniu fundos e iniciou as obras da nova matriz que antecedeu o templo atual, dirigindo ele próprio as obras, como se fora engenheiro.

Para adorná-la, construiu, do lado direito da entrada, que fazia esquina com a Rua Albuquerque Lins (atual Avenida Santo André), vistoso jardim arborizado, adornado-a com o encanto de folhagens e coqueiros, visíveis e imagem dos anos 50 ainda hoje, em 2005. Do lado esquerdo da igreja, na esquina com a Rua Herculano de Freitas, atual Com. João Ugliengo, ergueu grossa muralha de pedras bem ajustadas. Nos fundos, junto à Casa Paroquial, construiu amplo salão social para reuniões e lazer da comunidade. Desse modo, foram bastante produtivos os nove anos de permanência local do padre Fernando. Líder notável, conseguiu motivar e receber a colaboração dedicada dos paroquianos em recursos, donativos de firmas e proprietários industriais de pedreiras e olarias, além de trabalho voluntário dos paroquianos.

Em 17 de março de 1957 havia tomado posse o padre Alcides Valentini, que permaneceu até 21 de julho desse ano, sendo precocemente substituído pelo padre Maximiliano. O povo da comunidade não se conformou com a alteração e insistiu no retorno do padre Valentini. O poder eclesiástico diocesano atendeu o pedido, fazendo o padre Alcides retornar em nove de março de 1958, o que se deu com grande júbilo para a cidade. Seu retorno foi cercado de muito carinho pela comunidade dos fiéis.

Paróquias de Mauá e Rio Grande da Serra - Em 1953, vasto território foi desmembrado desta *paróquia* para formar a Paróquia de Nossa Senhora Imaculada Conceição, de Mauá. Em 1960 verificou-se novo desmembramento territorial para a criação da Paróquia de São Sebastião de Icatuaçu, atual Rio Grande da Serra. O reverendo padre



Francisco Dodi tomou posse em quatro de junho de 1961.

1936 - Data Cívica.
Alunos do
Externato Nerina
Adelpha Ugliengo.
A sra. Iole Zampol,
filha de Affonso
Zampol, com 11
anos, está entre as
alunas do 3º ano
primário, misto

A emancipação de Ribeirão Pires

Por volta de 1943, isto é, quatro anos após tornar-se um distrito de Santo André, em 1939, pela remodelação territorial, a comunidade local já dava asas ao seu próprio movimento autonomista de emancipação.

Lentamente, trabalharam para esse fim e, em 1949, a exemplo de São Caetano do Sul, criaram uma associação para cuidar da concretização do sonho. Assim, em 1949 surgiu a Sociedade Amigos de Ribeirão Pires e com ela a elaboração da proposta oficial de emancipação. Em 30 de abril de 1953, essa sociedade entregou à Assembléia Legislativa reivindicação no sentido de ser permitida a consulta popular – o plebiscito – que permitiria a elevação do distrito ao nível de município. Marcado para 22 de novembro de 1953, o plebiscito realizou-se pacificamente, sendo vitoriosa a proposta de emancipação, com o comparecimento de 649 votantes, sendo 594 favoráveis à autonomia e apenas 45 votos contrários, tendo ainda 10 votos nulos ou brancos.

O Governo do Estado de São Paulo sancionou, em seguida, a Lei 2.420, de 18 de dezembro de 1953, criando o Município de Ribeirão Pires, na mesma



Outubro de 2005 - Detalhe da antiga escadaria sobre os trilhos da ferrovia SPR (hoje Santos a Jundiá), na Estação de Ribeirão Pires

Autonomistas – Entre os dedicados cidadãos que almejavam a emancipação, destacam-se os nomes de Abdala Chiede, Alberto Cinquetti, Artur Gonçalves de Souza Júnior, Alfredo Dib, Antonio T. de Lima, Antonio Giachello, Adib Eid, Arcangelo Mano, Dorival H. Golla, Francisco Tocci, Francisco Arnoni, Francisco M. Mazzei, Gildo Giachelo, Irineu de Souza, Ivair de Souza, João Netto, José Alonso, José P. Mendes, Juvenal T. Lima, dr. José Salero, Leonardo Meca, Luiz Baroni, Manfredo C. Vonogleihn, Mário Netto, Miguel Cruz, Moacir Garcez, Lucas Angelo Arnoni, Nicolau Presti, Natalino Bertoldo, Santinho Carnavale, S. L. Scurachio, Shugi Miyasaka, Wadi Eid, Wagner Moreno, Zeferino Zampol e Luiz Bettega.

A Lei 2.456, de 30 de dezembro de 1953, que dispõe sobre o quadro territorial administrativo e judiciário do Estado de São Paulo, acrescenta: *O Município de Ribeirão Pires é criado com sede na vila*

ocasião em que criou a Comarca de Santo André, que passou a compreender t a m b é m Ribeirão Pires.

O s

de igual nome e com terras desmembradas do respectivo distrito. Por outro lado, a mesma lei cria nesse novo município dois distritos: *de Icatuaçu, com sede no povoado de Rio Grande, e Iupeba, com sede no povoado de Ouro Fino.*

Emancipação do Distrito de Icatuaçu – Em dezembro de 1963, dez anos após sua vitoriosa emancipação, o Município de Ribeirão Pires perdeu o distrito de Rio Grande. Mediante plebiscito, esse distrito ganhou foral de município com o nome de Rio Grande da Serra, sendo o fato confirmado pela Lei 8050 de 31 de dezembro de 1963, permanecendo entretanto subordinado a Ribeirão Pires, até a efetiva instalação de sua primeira Câmara de Vereadores, o que ocorreu em março de 1965.

Comarca de Ribeirão Pires – A Lei 8059, de 31 de dezembro 1963, criou a Comarca de Ribeirão Pires, considerando-a de *segunda entrância*, que foi instalada em 31 de dezembro de 1966 e iniciou suas atividades em três de janeiro de 1967. Sua jurisdição abrange Ribeirão Pires, com seu distrito, Ouro Fino Paulista, ex-Iupeba, e Rio Grande da Serra. O primeiro juiz local foi o dr. Élcio Miragaia de Souza Nogueira.

Naturalmente, muita evolução e grandes feitos públicos ocorreram nos últimos 50 anos, fatos e atos importantes que marcam o rápido progresso e precederam a consolidação da grandeza do Município de Ribeirão Pires, também chamada *Pérola da Serra do Mar*. Este período de grandes transformações deverá, naturalmente, merecer destaque em novo artigo, oportunamente, evidenciando-se também a vida política local e as obras realizadas pelas administrações pós-autonomia, em 1953.

(*) Celso de Almeida Cini é advogado, professor, pesquisador da Fundação Pró-Memória e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

Fontes consultadas e obras citadas:

SANTOS, Wanderley - *Antecedentes Históricos do ABC Paulista - 1550 - 1892* (PMSBC - 1992)

SANTOS, Wanderley - Esboços inéditos (xerox incompleto) - *A História de Ribeirão Pires* (obra inacabada)

CALDEIRA, João Netto - *Álbum de São Bernardo*

MARTINS, José de Souza - *Diário de Fim de Século*

MÉDICI, Ademir - *Migração e Urbanização*

- *Migração, Urbanismo, Cidadania*

- *São Bernardo, Seus Bairros, Sua Gente*

PESSOTTI - Atílio - *Vila de São Bernardo*



A importância das chaminés

Por definição, chaminés são tubulações verticais através das quais os gases procedentes de uma combustão ou de outros processos industriais são lançados na atmosfera. A velocidade do fluxo dos gases, ou seja, a tiragem da chaminé, é função da diferença de temperatura interna e externa e da altura da chaminé. As chaminés muito altas (40 e 60 metros),

construídas principalmente para fornos cerâmicos, têm como finalidade aumentar a velocidade do fluxo e evitar que os gases poluentes sejam lançados perto dos ambientes coletivos. No caso específico das cerâmicas, as chaminés expõem os produtos poluentes resultantes da queima de lenha, carvão ou óleo ($\text{CO} - \text{CO}_2 - \text{NO} - \text{NO}_2 - \text{SO}_3$), vapor d'água, além de partículas sólidas indesejáveis.

As chaminés sempre estiveram ligadas a nossa vida cotidiana, quer as estacionárias das fábricas, quer as móveis das locomotivas, quer as de uso doméstico como as das lareiras, churrasqueiras, padarias e, por que não dizer, as dos saudosos fogões a lenha. As chaminés fazem parte do potencial econômico de uma região, tanto assim que até há poucos anos o número de chaminés de uma cidade era considerado como um índice expressivo de sua pujança industrial. São Caetano estava entre as cidades onde se podia medir o progresso pela grande quantidade de chaminés que adentravam o céu da cidade. O próprio poeta José de Almeida Filho, ao escrever a letra do *Hino de São Caetano do Sul*, mencionou em uma estrofe:

*Mais e mais chaminés se levantam...
apitos fazem-se ouvir
do trabalho a tua glória
da grandeza será teu porvir.*

São Caetano, berço da cerâmica brasileira, chegou a possuir quase uma centena de grandes chaminés que, aos poucos, foram sendo desativadas e demolidas a fim de acompanhar a transformação político-social da cidade e a alteração dos processos industriais. Com a inovação tecnológica e a necessidade do controle da poluição ambiental, elas foram aos poucos sendo substituídas por equipamentos mais adequados. Com a exigência da retenção dos detritos sólidos, da lavagem e da despoluição dos gases a expelir, o seu lançamento na atmosfera passou a ser feito por pequenas chaminés metálicas de exaustão dinâmica.

Os tempos mudaram. Na atualidade, as altas chaminés de alvenaria já não são sinais de progresso, mas símbolos de nosso glorioso passado.

Em todas as partes do mundo as

velhas chaminés têm um valor de memória considerável, quer pelo seu desempenho durante anos quer para conhecimento das futuras gerações. Se alguma ainda resta na cidade, como a das antigas Indústrias Matarazzo, construída na primeira metade do século XX, no Bairro da Fundação, ela deve ser preservada, pois é um marco histórico da produção de azulejos e de diversos produtos químicos em São Caetano do Sul. Como uma das últimas obras do mestre *Silvio Caneco Buso*, ela guarda a lembrança de um passado industrial e da luta de um povo pelo seu desenvolvimento em épocas difíceis sob todos os seus aspectos políticos e sociais. Aquela chaminé deve permanecer ativa, altaneira, dando aos futuros sancaetanenses uma demonstração do trabalho de seus antepassados. Temos a certeza de que assim estaremos protegendo o patrimônio histórico e cultural da cidade. (*Urames Pires dos Santos.*)

Caminhos da Memória



Participantes em frente à Paróquia de São Caetano, construída por imigrantes italianos

Marco Polo imaginava responder (ou Kublai imaginava a sua resposta) que, quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá, e reconstituía as etapas de suas viagens, e aprendia a conhecer o porto de onde havia zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores de casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando era criança.

Italo Calvino, *As cidades invisíveis*.

Em São Caetano do Sul, várias ruas da cidade escondem uma pluralidade de espaços singulares, estruturas arquitetônicas e artefatos urbanos significativos para a identidade coletiva de seus moradores, mas nem sempre são claramente reconhecidos, interpretados e valorizados pela comunidade como marcos a serem preservados. Sejam quais forem os motivos, o importante é que o resgate, a pesquisa histórica e a identificação dessas singularidades urbanas, que se expressam na paisagem como valioso patrimônio histórico e cultural, fruto de ação coletiva,

são um dos caminhos para que a sociedade mude a forma de ver e usufruir a cidade, passando, desse modo, a intervir objetivamente nos processos de transformações que envolvem o espaço coletivo.

Pensando na valorização desse patrimônio cultural urbano, a Fundação Pró-Memória criou o projeto *Caminhos da Memória* com o objetivo de pesquisar, resgatar e divulgar o patrimônio histórico e arquitetônico da cidade, através de uma caminhada em que a comunidade percorre os principais marcos culturais da cidade, estimulando o sentido de educação, valorização e preservação do patrimônio



cultural urbano. Com esse projeto, a Fundação Pró-Memória de SCS procura cumprir sua principal função perante a sociedade, que é a de *criar, organizar, instalar e manter estabelecimentos e atividades voltadas para a preservação, manutenção e divulgação do patrimônio histórico do município.*

Educação Cultural

O projeto *Caminhos da Memória* teve início no primeiro semestre de 2002, visando à pesquisa e ao resgate histórico do patrimônio cultural edificado. Os trabalhos iniciaram-se com a pesquisa histórica que identificou os principais marcos de interesse cultural e histórico. Depois de analisadas, as informações converteram-se em vários produtos que foram repassados ao público por meio de mapas, roteiros históricos de visitação, informa es sobre os marcos culturais e, principalmente, por meio da própria caminhada, em que a comunidade percorre as ruas reconhecendo *in loco* o patrimônio cultural de sua cidade. Dessa forma, o projeto aborda de forma interdisciplinar os principais focos de interesse, entre eles o *educacional*, que estimula o sentido de valoriza o do patrimônio cultural urbano, e o de

identifica o, que envolve a pesquisa histórica e a sinaliza o dos bens com placa de cerâmica contendo informa es sobre o local.

Desde sua cria o, já foram realizadas três caminhadas abrangendo alguns bairros da cidade. O público participante, de acordo com o Departamento de Esportes e Turismo, chegou a aproximadamente 1100 pessoas, distribuídas por diversas faixas etárias, tanto do município quanto da região, tendo sido também notória a presença efetiva do público da terceira idade, de membros do governo da cidade, de representantes de entidades locais e de grupos organizados, como os da guarda mirim e dos escoteiros. Esse dado mostra tanto a diversidade do público participante como o interesse da sociedade em conhecer melhor o espaço urbano, a arquitetura histórica e o patrimônio cultural de sua cidade.

Entre os pontos visitados, destacamos os que fizeram parte das três caminhadas: Primeira Caminhada - 7/04/2002 - *Museu Histórico Municipal, Indústrias Reunidas F. Matarazzo, Paróquia São Caetano, Escola Senador Fl quer, Cinema Central, Casas dos Ferrovi rios, Viaduto dos Autonomistas, Matriz Sagrada Família, Pa o Municipal*; Segunda Caminhada - 19/10/2003 - * rvore da Amizade, Porcelana Teixeira, Capela dos Cavanas, Loja Ma onica Fraternidade São Caetano, Edifício Cine Vitória, Sociedade Religiosa Israelita, Gr mio Ideal e Rádio Cacique, Edifício Fortaleza, Primeira Prefeitura Municipal, Capela Santo Ant nio e Antigo Grupo Escolar Roberto Simonsen*; Terceira Caminhada 10/07/2005- *Estátua de São Pedro, Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucrâniana Paróquia São Waldomiro e Paróquia Prote o da Santíssima Virgem, Associa o Beneficente Brasil Unido,*

Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Edifício da COOP, Instituto Rocha Pombo, Painel Artístico de Sinval Correa e Painel de Azulejos "Anhanguera" de Jayme da Costa Patrão.

Reunindo a população para um passeio pelos pontos de interesse histórico da cidade, o projeto é também um exercício lúdico de *educação cultural* e de *cidadania*, colocando a sociedade em contato direto com o seu patrimônio histórico, para que ela possa compreender a importância desse patrimônio tanto para a história da cidade como para a manutenção da identidade social e memória coletiva. Com esse propósito, o projeto também objetiva tornar a sociedade mais consciente em relação ao seu patrimônio cultural, a sua história e a sua cidade.

Por ser uma iniciativa de caráter prático, lúdico e educacional, a participação direta da comunidade é um dos focos fundamentais de interesse desse projeto. Num contexto mais amplo, pode-se dizer que é a própria sociedade que dá respaldo às atividades de preservação de um bem cultural, pois é em função dela que a história, a memória, a arquitetura e as várias manifestações artísticas e culturais, criadas pelas antigas gerações, são preservadas. É para ela e para testemunho das gerações futuras a prática de preservação de um determinado bem, seja pelas suas qualidades excepcionais, seja pelo simples fato de esse bem conter características intrínsecas que dão suporte às relações de identidade entre o homem e o seu meio ambiente, devendo, portanto, receber medidas que resguardem o valor imaterial desse patrimônio. Por outro lado, esse sentido de preservação só pode ser alcançado na medida em que a sociedade passa a (re)conhecer a importância desses bens históricos como suporte de sua própria identidade, de sua história e de sua memória.

Valorizando os aspectos históricos do patrimônio cultural, a sua importância na formação da identidade local e da cidadania, tirando-o do terrível anonimato e envolvendo a população para (re)conhecer, em seu próprio ambiente cotidiano, a riqueza de sua história, o projeto ganha projeção singular tanto para a sociedade quanto para a Fundação Pró-Memória.

Tombamento

Palco das manifestações humanas, a cidade passa por contínuo processo de transformação e desenvolvimento, tornando o trabalho de identificação e preservação dos bens históricos, muitas vezes, impraticável, pois nem sempre é possível a identificação clara e objetiva das antigas estruturas que compunham aquele espaço, uma vez que sofreram várias interferências humanas e ações climáticas que as descaracterizaram. Em alguns casos, nem mesmo vestígios simbólicos sobraram dessas antigas estruturas. Assim, o trabalho de preservação é um caminho que corre em sentido contrário ao da ação modificadora desses espaços. Para se evitar que esses artefatos desapareçam da história da cidade e da memória social de seus habitantes, o *tombamento* é uma das ações destinadas a preservar o bem material.

Em São Caetano, o único bem tombado é a Igreja da Paróquia de São Caetano, construída no final do século XIX, que foi considerada *Monumento Histórico Municipal* pela Lei Municipal 1.412 de 12 de novembro de 1965,



Placa Cerâmica com histórico da Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucrâniana Paróquia São Waldomiro, inaugurada em 1953



Fachada da Porcelana Teixeira, fundada em 1940, inicialmente com o nome de Porcelana São Paulo

recebendo, assim, seu devido mérito. Mesmo tendo apenas um único bem material tombado, São Caetano contém outras valiosas edificações e sítios

urbanos que merecem o mesmo tratamento. Ainda que a cidade não disponha, até o momento, de uma legislação específica para preservação de seu patrimônio histórico e cultural, a medida acima tomada garantiu o reconhecimento e a salvaguarda desse monumento.

Outra questão importante é em relação à própria palavra *tombamento*, que é mal compreendida pela sociedade, que a entende como “congelamento”, isto é, como uma determinação que impede qualquer intervenção após o tombamento, principalmente quando se trata de bens particulares. Neste caso, o proprietário recorre, até mesmo, à demolição da edificação para se evitar a intervenção legal em seu imóvel. Tal processo ocorre em vários municípios e conseqüentemente também em São Caetano do Sul.

Percebe-se a nítida falta de esclarecimento por parte da população quanto às questões de tombamento e patrimônio histórico, seu conceito e seu significado para a valorização da própria sociedade. O que não se leva em consideração é que o imóvel, uma vez inserido na cidade, faz parte de um contexto coletivo urbano e, portanto, a sua preservação ou não depende de seus valores intrínsecos e imateriais para a memória e para história daquela sociedade.

A antigüidade não é o único nem o mais importante critério, tampouco a nostalgia dos “bons

tempos”. (...) *Só podemos contar com o presente, e dele depende o futuro – e este, sim, está a merecer nosso esforço de imaginação. É imprescindível que cada cidade mantenha um inventário atualizado de seus bens culturais, do qual a população deve estar ciente, de forma a acabar com a triste mania de se descobrir a importância de um edifício somente quando estiver em via de demolição. Esse inventário deveria integrar o código de edificações e ser incorporado à lei de zoneamento.*[1]

A tarefa de preservação dos bens culturais é um grande desafio para as instituições, entidades, ONGs e também para São Caetano. A identificação dos bens é o primeiro passo para a longa tarefa de preservação até se chegar ao tombamento. Mesmo não dispondo de legislação específica, salvo a da Paróquia de São Caetano, a igreja mais antiga da cidade, a *caminhada da memória* e os produtos que dela derivam sugerem um “caminho” para as questões de preservação do patrimônio cultural urbano. Principalmente quando expõe à sociedade a riqueza cultural de seus bens históricos, sua paisagem urbana e seu patrimônio arquitetônico, por meio desse passeio.

Esse projeto é uma forma de se inverter o modo como a comunidade relaciona-se com o patrimônio cultural da cidade, além de tirá-lo do anonimato e valorizá-lo como bem cultural estruturador das relações de identidade entre o homem e seu meio ambiente. Chamando a atenção dos participantes para a riqueza de seu patrimônio cultural urbano, o projeto também propicia a formação de um público mais consciente em relação ao patrimônio cultural da

Notas

1-TOLEDO, Benedito Lima. Dar futuro ao passado. *Jornal O Estado de São Paulo*, 30 de julho de 2001.



Igreja Ortodoxa
Autocéfala
Ucrâniana Paróquia
Proteção da
Santíssima Virgem,
iniciada em 1951

cidade e de sua importância para a formação da cidadania e a manutenção da qualidade de vida.

A participação da coletividade é fundamental. A educação deveria começar nas escolas, aproveitando a curiosidade natural das crianças. Com os idosos temos muito a apreender, mas são as crianças que futuramente irão preservar nosso acervo cultural.

(...) é preciso lembrar que a maior garantia para preservação do patrimônio cultural, em qualquer lugar do mundo, é a afeição que a população tem por seus bens culturais.[2]

Pela forma como abordou a questão do patrimônio histórico urbano, o projeto abre *caminhos* para a criação de outros projetos nessa área e para futuros

trabalhos que contemplem meios legislativos mais abrangentes para a proteção dos bens culturais da cidade. Como forma de mobilização social, o projeto *Caminhos da Memória* demonstrou que, com poucos recursos, pode-se desenvolver um bom trabalho de educação patrimonial junto à sociedade, fazendo-a valorizar o seu patrimônio ambiental urbano através de entretenimento e de diversão.

(*) André Luis Balsante Caram é arquiteto e pesquisador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Notas

2-Idem.

E o Papa era brasileiro?!

Cada um de nós tem uma forma carinhosa e muito pessoal de chamar e tratar pai e mãe. Desde que me conheço por gente, sempre chamei meu pai de *papa*, não de *papá*, como seria normal para nós descendentes de italianos.

Por outro lado, sempre pensamos em duas figuras de pai: a do pai da terra e a do Pai do Céu. Existe, porém, outra figura de pai: da terra e do céu, ao mesmo tempo. Dois pais num só: o pai da terra porque igual a nós, origem humilde, pobre, sofrido, da luta; o outro, Pai do Céu, porque consegue falar de paz, amor, perdão, palavras de vida eterna. Essa figura dupla de pai é a do Papa e aqui, especialmente, a figura de João Paulo II.

Ele tinha carisma de pai da terra, ou de *papa*, e carisma de Pai do Céu, ou de Papa.

Quando o carismático Papa João Paulo II faleceu, brotaram do mundo inteiro manifestações de pesar e de especial carinho pelo pontífice. Aqui no Brasil, os sentimentos de profunda admiração e apreço foram tão eloquentes quanto os expressos a ele quando de suas visitas ao nosso país. Poderia alguém dizer que ele era assim com todo mundo?

Ou que, gentilmente, ele sabia agradar a todos os povos que, durante seu papado, teve oportunidade de conhecer?

Nós gostaríamos de guardar uma imagem de João Paulo II e mostrá-la aos que tiverem a boa vontade de ler este pequeno artigo. Nós somos daqueles católicos leigos, de pouca expressão, até mesmo em nossa cidade natal, São Caetano do Sul, mas que, por capricho do destino, tivemos o privilégio de estar na presença do Papa e “conversar” com ele. O “conversar” está entre aspas exatamente porque, quando se estava diante de João Paulo II, era muito mais fácil ouvir do que falar. E é essa experiência que queremos contar aos amigos leitores de *Raízes*. Tenham a certeza de que essa história nada tem a ver com a pretensão de contar alguma vantagem pelo ocorrido, e sim justificar, com um fato vivenciado há 12 anos, a afirmativa inicial de que a empatia do povo brasileiro com João Paulo II marcou-o e mereceu dele recíproca de igual e até maior intensidade.

Meu irmão, Alberto F. Mariani, que em 2006 completará 50 anos de sacerdócio, estava trabalhando na sede de sua congregação religiosa em Roma e nos



Acervo: João Tarcísio Mariani

Da esquerda para a direita: Alberto F. Mariani, João Tarcísio Mariani, Lia Elisa Pisaneschi Mariani e o Papa João Paulo II, em cinco de outubro de 1993

convidou, (eu e minha esposa), em 1993, para visitá-lo. Era seu último ano de mandato como secretário geral da Congregação Estigmatina, que há 80 anos dirige os destinos da Paróquia Sagrada Família, a tradicional Matriz Nova de São Caetano.

Em cinco de outubro de 1993, dia do aniversário de meu irmão, enquanto eu e minha esposa imaginávamos comemorar a data levando presentes aqui do Brasil, o padre Alberto Mariani havia preparado uma surpresa para nós. Iríamos festejar o aniversário dele no Vaticano, participando da missa rezada por nada mais nada menos que o Papa João Paulo II. A nossa

posição na capela interna do Vaticano era nas últimas fileiras de bancos, lá no fundão, e, ainda assim, apesar da distância, a emoção de estar no mesmo ambiente que o Sumo Pontífice era indescritível. A figura do Papa dominava o recinto, até porque ele estava em plena forma nessa época. Terminada a missa, acompanhamos, até onde foi possível, todos os detalhes da movimentação e saída de João Paulo II. Comentávamos, eufóricos, eu e minha esposa, a oportunidade de ter estado tão próximos do Papa, enquanto saíamos, levados por meu irmão, da capela para um salão nobre ao lado.

Das 500 pessoas que haviam assistido à missa, agora só aproximadamente 50 estavam nesse salão, (enorme para tão pouca gente), espalhadas de maneira a formar um semicírculo.

Enquanto todos falavam animadamente sobre a recente experiência, eis que de repente um silêncio tomou conta do salão. Adentrou o local o Papa, sem pompa nem circunstância, manso e humilde, saudando alegremente a todos num largo aceno de braços e num sonoro *Buon giorno!*

Eu e minha esposa, estupefatos, acompanhávamos cada gesto do sumo pontífice, que iniciou um passeio cumprimentando, um a um, todos os que estavam no salão.

Conforme João Paulo II parava diante de cada um dos visitantes, era-lhe anunciado de onde provinha a pessoa. Após um cordial aperto de mãos, o Papa conversava animadamente com os indivíduos na língua natal de cada um deles.

Parecia a passagem bíblica dos discípulos de Cristo falando as línguas de todos os diferentes povos. E, como no episódio da Sagrada Escritura, poderíamos todos perguntar: mas ele não é polonês? Como é que cada um conversa com ele em sua própria língua? A gente pensava que ele só era capaz de ler textos em muitas línguas; mas não, ele falou, com desenvoltura, tantos idiomas quantos eram os visitantes. A perplexidade e a emoção de ter o Papa na minha frente não me permitiam sequer responder às perguntas dele, quanto mais dizer alguma coisa ou manifestar a comoção experimentada. Além de cumprimentar e conversar, o Papa dava a cada um de nós um terço como lembrança do encontro.

Quando ele cumprimentou minha esposa, os italianos que depois viram as fotos referiram-se à postura dela naquele momento, em bom dialeto, como

verdadeiramente *immagata* (enfeitada, magnetizada).

Já eu, desastradamente, não percebia que João Paulo II falava comigo em bom português e eu insistia em querer falar italiano, que, se ao menos fosse “macarrônico”, vá lá - mas nem isso era.

Meu irmão, fluente em italiano, explicou ao Papa que eu e minha esposa iríamos comemorar, em breve, *nocello d'argento* (bodas de prata). O Papa me cumprimentou naquele momento, dizendo: *Muito bem; “nocello d'argento”, eh? Felicitades*. Eu não me lembro bem se eu repeti para ele: *Si, “bodas d'argento”,* ou, *Si, “nocello de prata”*. Só sei que me embananei por completo.

Ele, sem ligar para os meus deslizes lingüísticos, me disse, como conclusão, algo que ficou guardado até agora e que compartilho, nesta oportunidade, com vocês que estão lendo.

O Papa falou, com o sotaque característico: *Eu gosto muito do Brasil. Leva meu abraço ao povo do Brasil. Eu rezo sempre pelos brasileiros*. Estas palavras calaram fundo pela sinceridade e alegria com que foram ditas e pela satisfação e emoção com que foram ouvidas e, carinhosamente, guardadas.

Papa João Paulo II, agora que o senhor já está no Céu, por favor, continue rezando pelo Brasil. A coisa aqui anda politicamente preta. Nós estamos precisando muito de suas orações.

(*) João Tarcísio Mariani, filho de Primo Mariani, é consultor de empresas nascido em São Caetano do Sul

Mulheres de fé

Palavras mágicas, rezas, terços, santos e a sabedoria ancestral das benzedoras mantêm viva uma tradição que recebemos dos antigos colonizadores europeus e africanos. Essas mulheres de fé doam-se em uma corrente de energia, ajudando milhares de pessoas....

Acervo: Priscila Gorzoni



Acervo: Priscila Gorzoni



Acervo: Priscila Gorzoni



A primeira vez que ouvi falar em benzedoras foi quando minha mãe disse que só dona Maria poderia dar jeito no meu medo de sair de casa. Eu era então uma menina de dez anos, que gostava de brincar pelos quintais e praças de São Caetano. De repente, sem saber o porquê, deixei de gostar de sair e passei a ter medo de brincar na rua. Foi então que nos indicaram uma benzedora. Ela morava a duas quadras de casa, no Bairro Santo Antônio. Quando cheguei lá, percebi que a mulher tinha muitos santos católicos distribuídos pela casa e um olhar terno de avó. Ela pediu calmamente para que eu me sentasse em uma poltrona diante dela

e ficasse de olhos fechados. Fiquei parada, mas dei uma leve olhada e a vi rezando, com um pequeno santo nas mãos. Percebi que ela fazia o sinal da cruz com um terço em minhas costas e senti uma sensação de tranquilidade. Foi assim e não sei explicar o motivo: simplesmente deixei de ter medo de brincar na rua. Mais tarde ouvi falar de dona Angelina, uma senhora italiana muito simpática que benzia com carinho quem lhe procurasse. Quando cheguei a sua casa, encontrei-a sentada em uma poltrona. Semblante tranqüilo, olhos claros e aparência de uma daquelas nonas italianas. Dona Angelina, 85 anos, continuava benzendo, mas andava doente, por isso estava parando com o ofício. Com

Dona Dolores passa os dias benzendo as pessoas que chegam de várias partes da cidade e de regiões vizinhas

a voz suave e uma certa dificuldade em ouvir, ela contou um pouco de sua história antes de me benzer. Foi seu pai, um fazendeiro italiano, quem lhe ensinou a arte ainda na Itália. No início, ela o observava de longe enquanto ele benzia; depois, com sete anos de idade, também passou a benzer. *Naquele tempo não tinha médico, então nós ajudávamos as pessoas. Quando alguma criança ia nascer, chamavam o meu pai, que benzia a mãe e o bebê nascia*, conta. Foi assim que dona Angelina deu continuidade à arte do pai, interrompida por doença decorrente da idade. Depois que terminou de contar a sua história, dona Angelina olhou para mim com olhar atento, como se visse algo além, e disse: *Preciso te benzer. Você tem muita facilidade em pegar olho gordo*. Pediu, então, para que eu me sentasse diante dela e começou a fazer suas orações. Durante alguns momentos rezou e fez com as mãos o sinal da cruz. Terminada a reza, levantei-me, sentindo-me melhor. Os anos se passaram e, muito

tempo depois, dona Maria já falecida, perdi o contato com dona Angelina; porém, descobri outras mulheres com os dons nas mãos e nas palavras. Entre elas está Dolores Avalo Canhedo, uma espanhola de 94 anos, conhecida nas redondezas do Bairro Santo Antônio por suas benções infalíveis. Dona Dolores vive há mais de 85 no Brasil, dos quais 50 em São Caetano do Sul com sua filha Terezinha. Antes de visitá-la, resolvi telefonar para sua filha, que me explicou como chegar à casa de dona Dolores. Quando cheguei a sua simpática casa, de imediato me recordei dos velhos tempos.

Contudo, antes de entrar na história de dona Dolores, é preciso voltar um pouco no tempo e resgatar as lembranças das primeiras benzedeadas de São Caetano, Celestina De Nardi entre elas. (Ela não media esforços para ajudar quem a procurava. Fazia chás para socorrer as crianças que precisavam de ajuda.) Outra pioneira, mais conhecida, foi Flávia Coradini Veronesi.



Arquivo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dona Celestina socorria as crianças com chás e rezas



Arquivo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dona Flávia travou uma grande luta contra o Mal de Simioto, nos primeiros tempos de São Caetano, e salvou milhares com rezas e carinho

Nos primeiros tempos em São Caetano

Segundo o artigo “Solidariedade”, escrito por Manoel Cláudio Novaes no livro *Nostalgia*, nos primeiros 30 ou 40 anos de sua fundação São Caetano não contava com médicos nem farmácias. Por isso, muitas vezes, a população buscava

nas benzedeadas, rezadeiras e “raizeiras” um alento para suas doenças. Nessa época, as pessoas recorriam a ervas, a óleos de cozinha, a banha de animais: tudo com base em receitas - transmitidas via tradição oral - de suas avós e bisavós. Mas

todos esses medicamentos naturais vinham acompanhados de rezas e benções, pois se tinha a idéia de que a doença é um castigo de Deus. Alguns problemas, como o “mijação” e o quebrante, (segundo relatos do texto “Medicina Caseira”, de Henry Veronesi), nas primeiras décadas imediatamente posteriores à fundação de São Caetano do Sul, eram tratados apenas com benções específicas e, muitas vezes, usados como desculpa para outras finalidades. *O quebrante, diziam, era causado pelo mau-olhado. Isto serviu de pretexto para que os portugueses, após o século XVI, motivados pela ganância do enriquecimento da realeza portuguesa, viessem a confiscar bens e propriedades de brasileiros, condenando-os por crime de deitar mau-olhado em criança* [1]. Curiosamente, outra doença muito comum nessa década, o Mal de Simioto, só era curada, segundo os velhos moradores de São Caetano, se houvesse “benzimentos” e rezas. *Em São Caetano poucas pessoas tinham esse dom, porque tal qualidade era transmitida de pai para filho, tendo se diluído no tempo em razão da extinção de muitas gerações*

“Benzimentos” em espanhol

Dona Dolores tem com certeza uma vida que daria o enredo de um filme. Vinda para o Brasil com os pais aos dez anos, a espanhola morou em várias cidades do interior de São Paulo antes de descobrir São Caetano. Inicialmente, estava previsto que somente o pai da benzedeira viria, pois pretendia arranjar emprego aqui e começar uma vida nova. *Lá na Espanha não tinha serviço para ninguém, pois o país passava por uma grande crise econômica. Então meu pai nos disse: “Ou vamos todos para o Brasil*

familiares, escreve em seu texto Henry Veronesi [2]. A respeito desse assunto, o próprio autor foi testemunha de um “benzimento” contra Mal de Simioto feito por sua mãe, Flávia Coradini Veronesi, em 1939. Depois desse “benzimento”, dona Flávia tornou-se conhecida e salvou milhares de crianças que sofriam do mal com muita reza, carinho e fé. Atualmente, algumas mulheres preservam a tradição do “benzimento”, embora um dos problemas maiores das benzedeadas seja encontrar pessoas interessadas em dar continuidade a essa arte. Apesar de o “benzimento” ser um legado rural, católico, nas metrópoles ele acabou sendo diluído entre outras religiões; no entanto, o objetivo continua sendo o mesmo: auxiliar nas dificuldades espirituais e físicas. Aqui, como na maioria das cidades grandes, as benzedeadas se concentram em bairros mais afastados do centro, locais onde existem poucos hospitais e postos de saúde. Nesses lugares elas são mais requisitadas. Mas existem exceções. Uma delas é dona Dolores, que vive no centro da cidade e nos relata uma vida cheia de aventuras.



Arquivo: Dolores Avalo Canhedo

ou irei sozinho para a Argentina”. Como queríamos ficar juntos, resolvemos vir. Viajamos de barco. Naquela época a

Dona Dolores Avalo Canhedo juntamente com o marido e os filhos. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Eduardo Lopes Avalo, Maria Carmem Lopes Avalo e Fernanda Lopes Avalo. Em segundo plano, da esquerda para a direita: Francisco Lopes, Dolores Avalo Canhedo, Felicidade Lopes Avalo, Terezinha Lopes Avalo e Francisco Lopes Avalo

Notas

- 1-Veronesi, Henry. "Medicina Caseira nas primeiras décadas da fundação de São Caetano do Sul". Revista *Raízes*. Janeiro de 1998. 2-Idem

viagem era sofrida e diferente: os homens ficavam de um lado do convés e as mulheres do outro, conta. Chegando ao Brasil, a família de dona Dolores partiu de trem para o interior do Estado e lá, durante anos, viveu na roça. *Nos primeiros anos sofremos bastante. Minha avó não se acostumava com a comida. Ela estranhava muito o arroz branco, a mandioca (...) Entender o português também era bem complicado*, explica a espanhola. Como a maioria dos imigrantes, a família de dona Dolores foi trabalhar na lavoura de café. *Meu pai e eu apanhávamos café e minha mãe cuidava da comida. A mãe levantava às quatro horas da manhã para buscar lenha*, conta. Nessa época, a miúda velhinha ainda não sabia que teria uma grande missão na vida: a de benzer. As rezas e os “benzimentos” entraram na vida de dona Dolores (quando ela contava com 17 anos de idade) através das mãos de sua tia Carmem, que já benzia e se ofereceu para lhe ensinar a arte. Dona Dolores tinha facilidade para aprender e, por isso, logo absorveu as rezas em espanhol. Depois de pouco tempo começou a receber pessoas. *Eu rezo e benzo cobreiro, erisipela,*

quebrante, mau-olhado. Antes de morrer, o meu filho dizia que eu deveria benzer até o fim. Então é isso o que farei. Gosto muito de ajudar os outros, relata dona Dolores. Todas as rezas são feitas em espanhol e devem ser repetidas três vezes, evitando-se os domingos e dias santos. *Converso muito com quem chega. Se vejo que é um caso de reza, eu rezo, mas sempre indico a visita ao médico*, relata. Todos os dias a sua casa fica cheia de pessoas. Elas vêm de toda parte da cidade e de regiões vizinhas. São mães com crianças no colo, mulheres com dor de cabeça e até homens com problemas no joelho. *Vêm pessoas inclusive do interior do estado. Tem vezes que nem dou conta, mas tenho que atender a todos*, diz. Quando a criança ou o adulto está com mau-olhado, só de olhar dona Dolores já percebe o problema. *Começo a bocejar. Mas isso logo sai, porque eu sempre estou rezando. Nada de ruim fica em mim*, ressalta a espanhola, que pretende benzer até o dia de sua morte. Junto de dona Dolores outras mulheres de fé trazem alento aos doentes. Entre elas estão dona Pia e dona Sílvia.

Comecei por necessidade...

Dona Sílvia começou a benzer para curar os filhos. Depois também passou a receber os vizinhos



Acervo: Priscilla Gorzoni



Acervo: Priscilla Gorzoni

Sílvia Ribeiro Gonçalves, 62 anos, de Ribeirão Pires, começou a benzer há 20 anos, por pura necessidade. *Eu sempre morei afastada dos centros e naquela*

época não havia tantos postos de saúde. Por isso, para tratar dos problemas de meus filhos comecei a benzer. Mas o aprendizado foi puramente intuitivo,

ninguém me ensinou, conta. No início, dona Sílvia preparava chás, com ervas de seu quintal, para as crianças com dores. Depois, percebeu que a eficácia dependia de algo mais: a reza e a fé. Eu dava o chá e pedia pelo meu anjo da guarda, rezando o Pai Nosso e a Ave Maria. Não dava nem uma hora e a criança já estava bem, lembra. Com o tempo, a fama da benzedeira foi se espalhando e, além de seus filhos, apareciam outras crianças com problemas. Hoje Sílvia estuda o esoterismo e se utiliza dele também para curar as pessoas. Antes eu não usava nenhum elemento simbólico. Agora uso faca, adaga e o punhal para cortar as más energias que afetam a pessoa. São elas

que trazem as doenças, explica. Ela benze qualquer um que aceite e não diferencia o “benzimento” de criança do de adulto. Para todos antes é preciso fazer uma limpeza energética e depois o “benzimento” para determinado problema, ensina. As ervas e as rezas são escolhidas em função da doença. Só de olhar numa pessoa já sei se ela está com energia negativa. Isso é o que traz os outros males, sentencia. Para se proteger, Sílvia usa o pentagrama e o cordão mágico (um terço com 100 contas e mais 11 pedras). Depois do “benzimento”, costume rezar nele. Vou ao quintal e faço também um “escalda-pés”. Afinal, ninguém é de ferro, finaliza.

“Benzimentos” em família

Dona Pia, 92 anos, veio da Itália com nove anos, morou durante muito tempo em São Caetano e hoje vive na divisa da cidade. Nunca conseguiu entender por que motivo, ao chegar perto de uma criança, consegue fazer com que ela melhore de quebrante ou mal-estar. Ela aprendeu o “benzimento”, (alguns anos depois que se converteu ao espiritismo), por um acaso, um dia, com uma vizinha sua. *Ela chegou até mim e disse: “Estou ficando velha e preciso passar os meus ‘benzimentos’ para você continuar”. Então me ensinou a benzer quebrante, lombriga. Às vezes a vizinhança sabia que eu benzia, então trazia a criança. Mas não precisa, eu benzo a distância. Mentalizo e faço a prece do quebrante. Se, ao jogar o óleo dentro da água, ele se espalhar, é porque é quebrante bom; do contrário, é ruim. Mas é preciso fé e ter pensamento bom, conta. Segundo dona Pia, qualquer pessoa pode benzer: é só ter fé e convocar a proteção divina. Sem entender como curava as pessoas, um dia resolveu*



Dona Pia começou a benzer por acaso, quando uma vizinha quis lhe passar a continuidade da missão

perguntar ao seu mentor, que lhe explicou: Só de pensar em benzer já se faz o bem. Adepta do espiritismo há mais de 33 anos, mediante essa religião ela aprendeu a compreender a vida. Nada é por acaso. Se não for fruto daqui é de outro local. Você encontra as respostas para tudo. Lá me encontrei. Acho normal benzer.

A energia da fé

Mulheres como dona Dolores, Sílvia e Pia são procuradas diariamente por milhares de pessoas em busca de ajuda para a resolução de problemas emocionais e de saúde. Nas sociedades ocidentais, a existência de benzedeadas revela uma busca pela compreensão do mundo espiritual. No entanto, para a “magia” funcionar é necessária a existência de três pontos: o feiticeiro, o enfeitado e toda uma coletividade que dê respaldo ao processo. Por isso, geralmente, as benzedeadas não são pessoas quaisquer, mas personalidades reconhecidas nas comunidades. *Elas ocupam uma posição especial e estabelecem relações de reciprocidade pelos seus saberes e poderes*, relembra Sônia Weidner Maluf, antropóloga da Universidade Federal de Santa Catarina e autora do livro *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*: Ed. Rosa dos Tempos. A maioria das benzedeadas é católica, vinda da roça, com conhecimentos místicos absorvidos de outras áreas no intuito de obter aceitação nos meios urbanos. *Num primeiro momento, pode-se pensar que a benzedura seja um resíduo de tempos passados*, reflete Alberto M. Quintana, professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Santa Maria do Rio Grande do Sul e autor de *A Ciência da Benzedura*: Edusc. Seu papel é fundamental nessas sociedades, pois elas criam um vínculo com a natureza e proporcionam alentos às doenças mais diversas. *As benzedeadas são mulheres que aprenderam com os seus antepassados rezas para curar quem precisa. Elas adquirem esse conhecimento oralmente e o empregam para tratar os males físicos, emocionais e psicológicos*, reflete o dr. José Antipa Ward, médico e pesquisador de benzedeadas. Segundo Ward, em São

Caetano, atualmente, elas se concentram nos bairros Nova Gerti, Cerâmica, Prosperidade e São José, onde existem mais nordestinos. *Na década de 60 muitos vieram para São Caetano trazendo seus saberes populares, entre eles o uso de ervas, rezas e curas* [3].

As benções, curas e magias

Os “benzimentos” e rezas são, sem dúvida alguma, algumas das formas de cura mais antigas do mundo. O conjunto desses conhecimentos remonta aos curandeiros antigos, nos primórdios da humanidade, há pelo menos 30 mil anos. Os xamãs de todos os continentes usavam ervas, rezas e invocações para curar. Todos os benzedores receberam influências da tradição xamânica, especialmente os das regiões norte e centro-asiática e os das Américas do Norte, Central e do Sul. No Brasil, a imagem do xamã equivale à do pajé, e as benzedeadas são originárias dessa tradição secular passada de mãe para filha. Os “benzimentos” são praticados por várias culturas, de formas o mais diferentes possível, e contam com o auxílio dos elementos da natureza e da religião. No entanto, todos visam às mesmas coisas: abençoar, curar e proteger os seres das forças negativas do universo. Na maioria das religiões, as benções são praticadas com o objetivo de pedir proteção e boas energias.

Benções em outras culturas

Entre os judeus é comum os pais abençoarem seus filhos pedindo a Deus que os proteja antes das refeições, das sextas-feiras e nas noites de festas. A benção das meninas evoca as boas qualidades das *quatro matriarcas* do povo judeu: Sara, Rebeca, Raquel e Léa. Para os meninos, as benções de Jacó para os

Notas

3-Ward, José Antipa. "Rezas, benzeduras e simpatias". Revista *Raízes* nº 6.

netos Efraim e Menashe. Entre os hindus, existe o Sadhu, ou homem santo hindu, comum em cidades e aldeias da Índia. Tal homem apresenta uma marca horizontal na testa, que simboliza ser ele um seguidor de Shiva. No pescoço carrega um rosário de contas sagradas; no corpo, roupa em cor-de-açafrão, considerada sagrada. Ele abandona todas as suas posses para dedicar a vida às orações e meditações. Os Sadhus caminham pela cidade recebendo oferendas de alimentos e dinheiro das pessoas. Em troca, agradecem com benções. Por outro lado, em várias culturas ancestrais encontramos semelhanças entre o poder das benzedeadas e o dos feiticeiros. Entre os azandes, das fronteiras do Congo, a crença nos feiticeiros é tão forte que se acredita sejam eles os responsáveis pelos infortúnios, acidentes, doenças e mortes. Assim como as benzedeadas, os feiticeiros recebem o dom da magia hereditariamente - dom esse que curiosamente é identificado no interior de seu intestino. Os feiticeiros e os curandeiros, na maioria das culturas, são os intermediários entre os seres terrenos e os divinos. Por essa razão, têm a capacidade de curar as enfermidades da terra. Também se costuma dividir a magia entre branca e negra. A primeira é direcionada para o bem; a segunda, ao contrário, para o mal. Existem feiticeiros que trabalham para os dois lados. As benzedeadas e rezadeiras, porém, estão do lado da magia branca, pois tradicionalmente recorrem a Deus, aos anjos e aos espíritos para conseguir o poder de que precisam. Nas sociedades primitivas, a magia branca sempre esteve associada a uma extensa variedade de atividades. Tanto que o mago das comunidades rurais atuava, inclusive, como “veterinário”, tratando das doenças dos animais com palavras, rezas e ervas. Por isso, a posição hierárquica do mágico era elevada dentro dessas comunidades.

Mas nem sempre foi assim. As *benzedeadas viveram momentos sombrios durante a história. Na Idade Média, elas foram perseguidas e queimadas em praça pública*, relata Mário Luís Cabral da Silva, terapeuta filosófico e autor de *Filosofia como terapia*, do Centro de Ciências Clínicas de Campinas. Isso porque o seu poder passou a competir com o da Igreja Católica, que também praticava rituais de exorcismos e prestava assistência no campo da saúde. Mesmo assim, naquela época, em algumas regiões seus serviços continuaram a ser usados, especialmente nas zonas rurais, onde faltavam recursos médicos. A noção de doença continuava associada ao castigo divino: daí a importância das rezas.

Sensação do bem

É comum irmos às benzedeadas e voltarmos curados. Se não voltamos assim, pelo menos ficamos melhor do que quando fomos. *Podemos dizer que a cura é um efeito de fé, boa energia, fenômeno de sugestão ou inspirada por bons espíritos. As benzedeadas são pessoas de Deus e isso já é um grande fator para curar os males*, lembra Léo Artése, xamã e autor de *O Vôo da Águia*: Editora Roka. Por outro lado, os “benzimentos” só farão efeito se a comunicação entre benzedeadas e paciente for feita. *A eficácia de seus serviços está em sua linguagem mágico-simbólica, muitas vezes só compreendida por quem está aberto aos seus serviços*, exemplifica o terapeuta filosófico. Essas palavras também funcionam como mantras. *Elas têm um toque mágico que a gente não sabe explicar. São como os mantras*, relata Ward. Por outro lado, as benzedeadas possuem uma energia psíquica muito acentuada, e por isso suas atividades surtem tanto efeito. *Elas trazem dentro de si conteúdos inconscientes que jamais*

serão totalmente conhecidos ou interpretados. São pessoas que trocam energia a partir da fé de quem as procura, diz o *acupunturista* Carlos Frederico Maia de Carvalho. Também do ponto de vista psicológico e antropológico os “benzimentos” resolvem vários problemas. *O ritual do “benzimento” ajuda a organizar uma situação de caos, desordem, como é o caso de uma doença,* resume Sônia. A maioria das benzedeiças lança mão de utensílios domésticos, rezas e ervas. Algumas curam apenas determinados problemas, enquanto outras se propõem a curar vários. Isso dependerá de sua afinidade com o tema e de seu aprendizado. Os objetos usados também são simbólicos: geralmente machados, facas e adagas que servem para cortar o medo e a doença. Os “benzimentos” que usam a costura são empregados nos casos de torções, dores musculares ou fraturas e imitam uma cirurgia através de linha e agulha. As ervas receitas após o “benzimento” servem cada qual para determinada finalidade e complementam o tratamento.

Uma visão espiritual

Por outro lado, os benzedeiros e “rezadeiras” possuem uma energia psíquica muito acentuada, e por isso suas atividades surtem tanto efeito. Do ponto de vista espiritual, os “benzimentos” encontram respaldo em uma energia sutil, que a benzedeira detecta e possui. *Elas percebem uma energia que a ciência ainda não comprovou, que está para as benzedeiças assim como o ar está para nós,* explica Paulo Giralde, administrador, pintor mediúnico e espírita. Além dessa função, sua eficácia se deve em parte à sintonia que mantém com o paciente. *Quando nos sintonizamos com algo, passamos a ter contato, percebê-lo, e então nos curamos,* conta Giralde.

(*) Priscila Gorzoni é jornalista e pesquisadora da Fundação Pró-Memória.

BIBLIOGRAFIA -

Weidner, Sônia Maluf. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*: Ed. Rosa dos Tempos.

Quintana, Alberto M. *A Ciência da Benzedura*: Edusc.

Cabralão da Silva, Mário Luís. *Filosofia como terapia*: Centro de Ciências Clínicas de Campinas.

Artése, Léo. *O Vôo da Águia*. Ed. Roka.

Pinacoteca como vitrine de arte



Maria Bonomi visita a Mostra de Gravura na Pinacoteca após sua palestra - 2005

A Segunda Vitrine de Arte foi a terceira exposição que a Pinacoteca Municipal realizou em 2005.

Um início de ano muito bom. Em termos de qualidade artística, de comparecimento de público e do trabalho educativo, a primeira mostra do ano, *Gravura – Arte e Técnica*, possibilitou à cidade acolher um acervo importante de obras dos grandes artistas dessa linguagem especial que é a gravura. Além das obras que pertencem à própria Pinacoteca, (Hanna Brandt, Evandro Carlos Jardim, Paulo Mentem, Hans Sullivan Grudzinski, Gregório Gruber entre outros), recebemos, para essa mostra, obras de Aldemir Martins, Maria Bonomi, Livio Abramo e Carlos Oswald, do acervo particular do mestre impressor Roberto Gyarfi. O público, não só da cidade, mas de toda a região, visitou a exposição, participou de oficinas, assistiu aos vídeos e ouviu e viu Maria Bonomi em palestra, no teatro Santos Dumont. Com satisfação registramos o maior número de visitantes jamais recebido e

atendido pela pinacoteca, (3.932), sendo digno de registro que todos, alunos, professores, visitantes espontâneos ou induzidos, receberam a mesma atenção da equipe de Ação Educativa. O relatório final, engrossado por material fotográfico e trabalho de ateliê, é ainda motivo de satisfação para toda a equipe. Inauguramos nessa mostra um contato pós-visita: através da Internet remetemos às escolas, aos professores e aos estudantes fotografias realizadas no espaço expositivo e nas atividades do ateliê. Além da agradável surpresa que lhes proporciona o recebimento de e-mails com fotografias deles próprios, as imagens ainda reforçam as experiências que ocorreram durante a visita.

Em julho abrimos uma exposição diferenciada, pode-se dizer, bastante arrojada, que celebrava a liberdade de expressão, a sensibilidade acima da técnica, o estar e o fazer. Os integrantes do Grupo Poeticidade – Artur Cole, Edson Baeça, José Romero e Flávio –, percorrendo a cidade de São Caetano do Sul, registraram a paisagem conforme seus sentimentos, conforme as emoções



Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Visita de alunos da Escola Estadual Cel. Bonifácio de Carvalho à Segunda Vitrine de Arte na Pinacoteca Municipal - setembro de 2005

que os locais despertavam. Desenhos, realizados durante esses percursos, foram apresentados de forma espontânea, em suportes de papel de várias gramaturas e texturas; experiências sensoriais do *estar-onde-estou*. Uma interferência coletiva, que teve como suporte um dos brancos e sagrados painéis do espaço expositivo, inteiramente utilizado como uma tela ou parede, recebendo riscos agitados de carvão, grafite, pastel, lápis-cera, ou colagens e impressões.

No espaço reservado ao acervo, fizemos um contraponto, colocando obras emblemáticas da segunda metade da década de 1960 até 1980. Restauramos três obras do artista João Parisi Filho, nunca antes expostas, premiadas no Segundo Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul em 1962. Parisi foi localizado pelo setor de pesquisas da Fundação Pró-Memória e compareceu para rever sua obra, depois de mais de 30 anos!

E então, em setembro, chegamos à terceira exposição do ano: a esperada, trabalhosa e sempre polêmica mostra dos artistas da cidade, a Vitrine de Arte.

Embora o título possa sugerir alguma dose de superficialidade, esta é uma mostra muito séria, importante e, como as demais ações da pinacoteca, também faz parte de um projeto, de uma filosofia de trabalho.

A idéia de uma vitrine de arte

surgiu em uma das reuniões da comissão orientadora em 2002, quando se discutia o retorno dos Salões de Arte. E surgiu porque, pessoalmente, questiono o interesse ou a validade desses salões que já não cabem no universo da arte contemporânea. Ressalto que essa não é uma posição da instituição, mas minha. Acredito que os Salões de Arte já cumpriram sua missão, pelo menos em sua forma original. O fato de que o acervo de nossa pinacoteca é constituído basicamente de obras que participaram dos Salões de Arte Contemporânea da cidade, promovidos entre 1962 e 1981, prova que os salões foram muito bem realizados e renderam frutos, mas, ainda assim, considero a realização desse tipo de mostra como inócua e desnecessária hoje.

Entendemos que os salões, de belas artes ou contemporâneos, tiveram grande influência e formidável utilidade, mesmo depois de sua desmedida proliferação, mas agora mostram o ranço, não da idade, mas dos vícios e conceitos que trazem em sua concepção.

Acredito que os salões devam ser substituídos por vitrines e amostragens que envolvam a sociedade, as ações manuais, a tecnologia de ponta e suportes inéditos recolhidos na sucata do mundo contemporâneo, como nas grandes mostras bienais (São Paulo, Veneza, ou Kassel). E o artista volta, nem na proa nem na popa, mas na quilha do navio do tempo, local menos cômodo e de maior risco, mergulhado no sal e na água, à frente.

Pode ocorrer, como sempre aconteceu, que em dado momento haja maior quantidade, menor qualidade e proliferação de falsos conceitos (como a tolice, ouvida até em ambientes *artísticos*, segundo a qual na arte contemporânea *cada um vê na obra o que quer ver*, como se o artista não tivesse nada a dizer, nada a mostrar, nada tivesse criado). Ou a arte

vendida aos metros, nos shopping centers, ou realizada como em linha de montagem, nos ateliês! Ou ainda a mostra internacional de vacas! (algo que percorre várias capitais do mundo colhendo cheques de sete dígitos de multiparceiros, multinacionais). Tudo isso não cabe a nós destruir, coisa que o tempo fará, mas (e quando digo nós, refiro-me aos museólogos, críticos, mestres, professores, estudiosos e todos os que fruem da Arte) perceber, separar, estudar, fazer reflexões.

Muitas vezes, nos salões, a experimentação, a busca e o arrojo cedem lugar ao conhecido, ao menos chocante, ao menos contestador, porque há sempre um prêmio em jogo: o artista participante irá sempre saber que o julgamento trará um benefício material e de certa forma isso corrói a essência do fazer. A premiação e a classificação instigam a segregação e a opinião parcial em relação ao vasto universo da arte contemporânea.

Mesmo para instituições e pessoas acima de quaisquer ingerências ou pré-julgamentos, que agem com total lisura quando da escolha dos trabalhos, julgar arte contemporânea e classificá-la como numa disputa esportiva vai contra a essência das aberturas arduamente buscadas. E isso exatamente no momento em que são discutidas a validade de coleções fechadas, a importância da arte pública, a participação do espectador na obra, a obra que se desfaz ou se modifica pela ação de elementos naturais, as novas mídias ou meios, enfim, tudo o que a pós-modernidade, ou seja, a arte contemporânea, nos trouxe.

(Isto é, amostragens que fornecem informações e propiciam reflexões em campos que, embora pareçam distintos, na verdade são parte integrante da Arte: sociologia, história, ecologia e tecnologias.)

Voltando ao nosso caso particular,

a Pinacoteca Municipal, que deseja estar entre os espaços contemporâneos de Arte, tem vocação para formar públicos aptos a fruir o objeto artístico, tem acervo bem cuidado e, embora muito jovem, vem caminhando com firmeza em busca da qualidade do trabalho sério e responsável. Há mais sentido em promover uma vitrine do que um salão. E vamos nos lembrar de que não se trata de cuidado ou temor em premiar ou não premiar nem de medo das repercussões no ambiente de uma cidade tradicional. Aliás, justamente por isso, realizar uma mostra aberta, mas ao mesmo tempo criteriosa, é um desafio que não causa temor quando se tem o propósito de trabalho em sintonia com o atual estágio de entendimento da Arte.

A Segunda Vitrine foi mais ampla, em número de participantes e em linguagens representativas, do que a Primeira Vitrine, realizada em 2003, mas seguiu com os propósitos iniciais de aprimoramento e formação: não julgou, não segregou, não proibiu. Apenas apresentou e propôs reflexões.

Nossa Segunda Vitrine acolheu, em um mesmo espaço, trabalhos produzidos pelo pessoal que faz grafite e pelos acadêmicos mais sérios, obras representativas ao gosto da *arte de shopping center*, desenhos realizados com tinta em *spray* e trabalhos em sofisticada encáustica. Desenhos - ao estilo de François Boisrond, artista contemporâneo - em formato de selos, expostos, seguindo a orientação do artista, para serem vistos com lupas, e também trabalhos em ferro retorcido. O mais jovem participante tem 17 anos e o mais idoso 83. Bastante democrática, não acham?

E ainda é preciso que nos lembremos da importância da comissão de seleção. Claro está que seus membros entenderam a proposta da pinacoteca ao aceitarem, com entusiasmo, o nosso convite. Todos demonstraram muito



Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Alunos preparam-se para trabalho no Ateliê Pedagógico da Pinacoteca, depois de visitar a Mostra Gravuras 2005

interesse e se dispuseram a doar tempo e atenção para analisar e selecionar as obras.

Célio Rosa, professor de artes plásticas e visuais da Faculdade Belas Artes de São Paulo, que reside e tem seu ateliê em Santo André. João Delijaicov, crítico de arte, coordenador do Espaço Henfil e da Pinacoteca Municipal de São Bernardo do Campo, onde reside. Marilucia Botallo, mestra em arte contemporânea pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, que trabalha no setor de museologia do Museu de Antropologia e Etnologia dessa mesma universidade e reside na Capital. Valdo Rechelo, coordenador dos cursos de Arte da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, que possui ateliê e reside em São Paulo. Foram esses os participantes da comissão de seleção. Trabalharam em tranqüila liberdade, sem nenhum contato com o currículo dos artistas, analisando unicamente as obras.

Antes do final da exposição alguns membros da comissão participaram de um profícuo encontro com os artistas. Esse encontro informal e aberto representa a complementação dessa etapa da nossa bienal de arte.

A Pinacoteca tem agora novas ações em *arte-educação*. Estamos colocando em prática uma proposta de trabalho acalentada já há algum tempo. É

nossa intenção que a orientadora, pedagoga, arte-educadora trabalhe no sentido de instigar, ao invés de oferecer conceitos prontos. Ela deve ser questionada, muito mais do que questionar. A visita dos alunos será vazia se forem oferecidas orientações banais, porque a intenção não é propiciar entretenimento. Estamos em 2005, e já não há sentido em mandar o aluno copiar trabalhos de arte sem saber o motivo, ou então *dar uma mãozinha* no desenho para *melhorá-lo*, segundo a vontade do professor, (como se pudéssemos *melhorar* um desenho infantil!), ou, ainda, tolher a ação criativa e a mente inquieta.

Estimular atitudes de emancipação, inclusivas e críticas, estimulantes para o intelecto e para os sentidos. São ações que impõem conhecimentos atualizados e conscientização da pós-modernidade, e esta traz à tona códigos simbólicos, significados anteriores, *interculturalidade* e respeito às múltiplas versões da realidade. Sabemos que é uma proposta complexa, difícil. Mas uma vez compreendida pela arte-educadora, torna-se muito agradável, lúdica, indo ao encontro de ações naturais na infância, muitas vezes tolhidas por um sem-número de fatores coercitivos. O mestre e o aluno descobrem o prazer de montar, cortar, formar, impor clareza, limpeza e ordem, mesmo quando todo o trabalho tem uma aparência caótica.

Soluções de *como* deve ser pintada uma obra, *como* deve ser esculpida uma escultura, parâmetros rígidos, regras escritas, datadas, consagradas, que não permitiam dúvidas sobre o tema, a forma, a abordagem e as soluções, tudo isso estava claro e conhecido. Mas hoje é preciso ter um repertório mais amplo e sintonizado com o tempo. Ao contrário do que parece, a pós-modernidade, a contemporaneidade exigem mais

conhecimento, exigem mais pesquisas e mais atenção. As pobres releituras, tão mal interpretadas, nada são sem o referencial - passam a ser cópias mal acabadas. Os simulacros têm sentido quando a criação sobre um ícone tem a intenção de mostrar-se como réplica irônica, crítica ou sugestiva. Ensinar Arte, (se isso for possível), não é nosso objetivo, mas sim formar pessoas aptas a reconhecer-se e reconhecer o mundo ao seu redor e interagir com ele através da Arte.

Quando se abre a mente do educador para a arte contemporânea, ele reconhece que já não é possível elaborar um *manual do como fazer arte!* Receitas para bolos, decididamente, não se prestam para orientar o verdadeiro artista, aquele que entende o momento em que vive, que intui o momento futuro e que escolhe, entre milhões de materiais, o suporte, a ferramenta e o meio com os quais irá se expressar.

Encerramos o ano de 2005 com uma exposição integrante da Bienal de Gravura da Casa do Olhar de Santo André: *Vinte e cinco anos do Ateliê de Iole Di Natalle*.

Para 2006 já estão compromissadas cinco exposições muito importantes, inclusive com a mostra de doações recentes, que incluem 24 obras de Colette Pujol, que a Fundação Pró-Memória, gestora da pinacoteca, recebeu do grupo responsável pela preservação das obras da artista em mais uma prova da confiança e do respeito que nossa jovem Pinacoteca já adquiriu.

Infelizmente, na imprensa local ainda há jornalistas que não praticam o verdadeiro jornalismo cultural. Muitas matérias “culturais” apenas listam eventos de qualquer natureza. As entrevistas já nem são feitas por telefone: limitam-se a sintetizar o já sintético *press-release* e discorrem sobre exposições não visitadas.

Quem perde com isso são as pessoas, pois recebem poucas informações, quase inúteis em termos culturais, mas que fazem imaginar que nada acontece na cidade.

Os Salões de Arte surgiram em 1667, na França, e receberam essa denominação devido ao fato de serem realizados no *Salon Carré*, do Louvre. De início não eram periódicos, o que só veio a ocorrer a partir de 1831, quando passaram a ser realizados anualmente. Mas já em 1863 foi realizado o primeiro *Salon des Refusés*, seguindo-se outros, como o Salão dos Artistas Independentes, em 1884, e o Salão de Outono, a partir de 1903.

No Brasil, devido à forte influência francesa, a Academia Imperial de Belas Artes passou a realizar Exposições Gerais da Academia, a partir de 1840, por iniciativa do pintor Félix Émile Taunay. As obras premiadas, geralmente com bolsas de estudos na França, passavam a fazer parte da Pinacoteca da Academia. Anos depois, o Salão Nacional de Artes Plásticas substituiu as Exposições Gerais. Outros Salões foram surgindo em diversos estados brasileiros. A respeitada Academia Imperial ditava as regras, e as obras, embora apresentassem inegáveis qualidades, seguiam as rígidas regras acadêmicas. Poucos artistas que receberam bolsas tiveram oportunidade de entrar em contato com novas propostas. Em realidade, a maioria deles precisava seguir as regras dos ateliês franceses mais retrógrados, sob pena de perder suas bolsas de estudos. O próprio imperador, homem que respeitava e incentivava as artes, tomava conhecimento do progresso desses artistas no exterior. E as regras da pintura ou escultura acadêmicas deveriam ser seguidas.

O Salão Nacional e os demais, em suas versões estaduais ou regionais, apresentavam o artista aos apreciadores e colecionadores. As premiações e participações forneciam ao apreciador/comprador segurança quanto à qualidade do trabalho artístico, ofereciam uma forma de valorização da obra e faziam crescer o número de obras dos acervos oficiais, com benefícios inegáveis para as instituições e para os artistas.

O sistema, se podemos assim dizer, de Salões de Arte, permaneceu mesmo depois dos modernistas e chegou à contemporaneidade, influenciando, de início, as Bienais Internacionais. Mas, estas sim, traziam uma nova proposta, um novo posicionamento dos críticos e estudiosos de Arte, oferecendo espaço para a liberdade de criação, diminuindo as classificações e ampliando as participações. Proposições mais saudáveis e adequadas à pós-modernidade.

(*) Neusa Schilaro Scaléa, fotógrafa, professora, designer gráfica, especialista em museus de arte. Atualmente é coordenadora da Pinacoteca Municipal da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo: Geraldo Braido

Pietro Braido, (apontado com a seta), pai de Geraldo Braido, na Olaria dos Perrellas

Geraldo Braido, nascido em 29 de janeiro de 1924, resgatou, por conta própria, boa parte da história de sua família. Remontou a muito antes do ano de seu nascimento, chegando mesmo a conseguir documento escrito que registra o desembarque de seu avô Giovanni e de seu pai Pietro no Porto de Santos. Além disso, preservou imagens antigas de seus familiares, quer no dia-dia das olarias quer em momentos de descontração, bem como objetos relacionados ao passado (tijolos de olaria, equipamentos antigos etc.), construindo, por assim dizer, um pequeno museu particular. Esses vestígios materiais, aliados a sua boa memória, resultaram num relato bastante rico da trajetória dos Braidos desde a Itália até São Caetano do Sul.

Em Treviso, Itália, no final do século XIX, Giovanni Braido sofreu uma perda bastante dolorosa: Ágata Coan, sua esposa, morreu no parto do primogênito Pietro, nascido em 26 de julho de 1886. Desolado, Giovanni, no início do ano seguinte, zarpou com o filho recém-nascido para o Brasil. Aportou em Santos no dia 18 de janeiro de 1887, com 31 anos de idade e um filho de seis meses, como

Giovanni, Pietro e Geraldo

está escrito em documento oficial da Associação Pró-Memória do Imigrante.

Foi enviado, com Pietro ainda no colo, para Jundiaí. Lá trabalhou durante algum tempo, mas, decepcionado e desiludido, (pois na Itália lhe fora pintado um retrato bastante irreal do Brasil), voltou para sua terra natal. A desilusão com o Brasil era algo bastante comum entre os imigrantes europeus que vinham para o país em busca de prosperidade. No mais das vezes, encontravam dificuldades imensas e pouco retorno financeiro. É o que se lê, por exemplo, em carta de Giacomo Garbelotto preservada por sua neta, Adazir Joana Garbelotto, esposa de Geraldo Braido:

São Caetano, 14 de fevereiro de 1889

Caro amigo,

... [a] carta [de] abril de 1888 [é] para que saibas o quanto é necessário que qualquer dos nossos conterrâneos com o intuito de vir para o Brasil antes se informe muito bem a respeito de tudo, pois, no mais das vezes, quando aqui chegam, na Imigração, em São Paulo, precisas ver o que lhes sucede: são tantos os italianos enviados aos “senhores” (...)

Um promete uma coisa; outro, outra coisa (...) Garanto-te que poucos estão contentes (...) e há quem chore de fome sem poder encontrar trabalho (...). (Esta carta, no original, está escrita em italiano inculto. Traduzimos apenas alguns trechos, adaptando-os ao português culto.)

Quando Giacomo Garbelotto escreveu esta carta, em 1889, Giovanni Braido já havia tomado coragem e retornado, pela segunda vez, ao Brasil. Neste segundo retorno, estabeleceu-se, de início, na casa do próprio Giacomo Garbelotto, em São Caetano. A despeito das dificuldades, os italianos já fixados no Brasil costumavam ajudar os conterrâneos recém-chegados na medida do possível – e foi isso que aconteceu entre Giacomo e Giovanni.

(Pietro, ainda pequeno, também se instalou na casa de Giacomo, lá tendo sido cuidado pela avó daquela que um dia seria a esposa de seu filho Geraldo.)

Não demorou muito e Giovanni Braido arrumou trabalho em olarias de São Caetano. (Também em São Caetano Giovanni casou-se novamente, desta vez com Tereza Garbelotto.)

Pietro, seguindo os passos do pai, já aos oito anos de idade exercia a função de auxiliar de oleiro. Em 1912, quando ainda trabalhava na Olaria dos Perrellas, Pietro casou-se com Maria Carmela Fiorotti. Recém-casados, Pietro e Maria foram morar em uma casa de colonos dentro da própria olaria. Nessa casa nasceram quatro dos sete filhos do casal – inclusive Geraldo Braido, em 1924. (Águeda, Rosa, Laura, Renato, Geraldo e Waldemar são os filhos de Pietro e Maria. Houve uma criança que morreu ainda na infância.)

Depois meu pai saiu da Olaria dos Perrellas (...) Em 1935, ele teve de fechar uma olaria na Vila Alpina, da qual ele era



Acervo: Geraldo Braido

dono, e perdeu muito dinheiro (...) Vendeu todos os seus tijolos, pela metade do preço, para as docas de Santos (...) Quando acabou o negócio na Vila Alpina, meu pai arrendou uma olaria no Jardim Independência (...) Um pouco depois, com sócios, arrendou a Olaria dos Parentes, nela trabalhando até 1944. Em 1944, ele comprou um armazém de secos e

Da esquerda para a direita: Alfio Garbelotto, Giacomo Garbelotto, Adazir Joana Garbelotto e Mafalda Garbelotto diante da casa de Francisco Garbelotto, que se situava perto do atual Carrefour



Acervo: Geraldo Braido

molhados na antiga Travessa São José (...), comentou Geraldo Braido.

Em 1944, aos 20 anos, Geraldo Braido foi trabalhar com o pai no armazém. Antes disso, contudo, já havia feito muita coisa. *Já com seis anos eu estudava no Colégio Santo Antônio, onde fiquei até os oito anos. Então fui para o Grupo Escolar Senador Flaquer (...) Estudava de manhã e ajudava meu pai à tarde nas olarias (...)* Aos 13 anos arrumei um trabalho na Farmácia São Caetano, propriedade de João Cambaúva. Depois, fui trabalhar no escritório comercial de

Filhos de Geraldo Braido. Da esquerda para a direita: Ivone Braido, Neusa Braido e Eunice Braido (em cima); Selma Braido e Sueli Braido (em baixo)



Acervo:Geraldo Braido

Lua-de-mel de Geraldo Braido e Adazir Joana Garbelotto Braido. Da esquerda para a direita: Francisco Garbelotto, Pedro Braido, Maria Braido, Maria Mantovani Garbelotto, Marilene Molinari, Renato Braido, Adazir Joana Garbelotto Braido, Geraldo Braido, Alfio Garbelotto, (?), (?). Ano de 1947

Giardullo e Lorenzini (...) Em 1941, fui trabalhar na Raiom (Matarazzo). Saí de lá em 1942, ano em que me transferi para a Argilex (...) Em 1942 também me formei em contabilidade (...) Em 1944, fui trabalhar com o meu pai.

Quando se casou, em 1947, Geraldo ainda trabalhava no armazém do pai. Sua esposa, Adazir Joana Garbelotto, filha de Francisco Garbelotto e Maria Mantovani Garbelotto, era neta de Giacomo Garbelotto, italiano que acolhera o conterrâneo Giovanni Braido, avô de Geraldo, em sua casa. (Do casamento entre Geraldo e Adazir

Acervo:Geraldo Braido



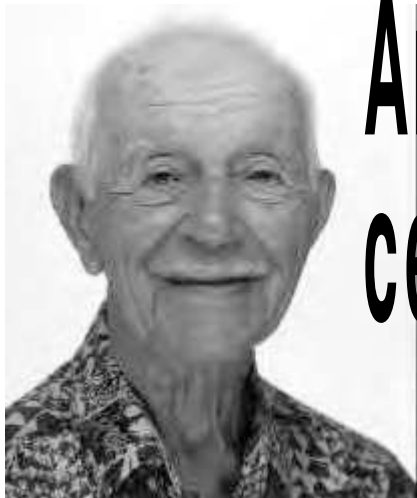
nasceram Neusa, em dois de agosto de 1948; Ivone, em 30 de novembro de 1950; Eunice, em 24 de dezembro de 1952; Selma, em 15 de março de 1958; e Sueli, também em 15 de março de 1958. Os filhos geraram netos: Fabiano Braido Capelasso, filho de Neusa Braido, nascido em 21 de abril de 1973; Fabíola Braido Capelasso, filha de Neusa Braido, nascida em 24 de julho de 1974; Giovana Braido Mateus, filha de Eunice Braido, nascida em 17 de janeiro de 1980; Eugênio Voltarelli Braido, filho de Ivone Braido, nascido em 27 de março de 1984 – já falecido. Os netos geraram bisnetos: Bruna Portillo Capelasso e Lorenzo Portillo Capelasso, filhos de Fabiano Braido Capelasso e Mariana Portillo Capelasso.)

Em 1949, Geraldo Braido deixou o armazém do pai e foi trabalhar, como diretor financeiro, na Cerâmica Sul-Americana. Em 1969, isto é, 20 anos depois, deixou o emprego e montou, com amigos, a Recolax – Madeira e Revestimentos. Aos 81 anos Geraldo Braido ainda pode ser visto, diariamente, na empresa que montou há 36 anos.

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista

Família de Geraldo Braido. Da esquerda para a direita: Fabiano, Mariana, Arthur, Neusa, Michele, Fabiola, Eunice, Giovana, Eugenio, Ivone, Eugenio Neto, Lorenzo, Bruna, Selma, Adalzir, Geraldo e Sueli

Antônio Alves, nordestino centenário, em São Caetano



Acervo: Antônio Alves

Em 15 de março de 1999, quando completou 100 anos, Antônio Alves distribuiu uma lembrança. Tratava-se de uma foto com os dizeres: A vida é simples. Faça só o que o coração pede. Amor, Trabalho e Paciência. É o meu lema. São 100 anos de vida. Antônio

Antônio Alves, neto de Raimundo Alves Rocha e filho de João Alves Rocha, nasceu em Pernambuco, na cidade de Bom Conselho de Papacaça, no dia 15 de março de 1899. Completou, em 2005, 106 anos de idade, com lucidez e boa saúde. Segundo ele, passou a infância na Fazenda Guaribas, propriedade do avô, que mantinha ali toda a família, em regime patriarcal.

Quando Antônio Alves tinha 16 anos de idade, seu pai, João Alves Rocha, mandou-o para Alagoas, onde morou com parentes, trabalhando, como colono em uma fazenda, até 1923.

Foi, então, que o jovem Antônio resolveu correr o mundo, em busca de seu lugar, conforme ele mesmo nos disse em sua entrevista.

Veio para São Paulo, onde passou por várias cidades, inclusive por São Caetano: *Aqui era só campo*, nos contou ele, referindo-se a São Caetano.

Foi viajando por diversos pontos do interior de São Paulo, trabalhando um pouco de tempo em cada cidade, geralmente em fazendas. Em suas

andaçadas, o jovem Antônio acabou indo para o Rio de Janeiro e, não se sentindo satisfeito em lugar algum, decidiu voltar para Alagoas, numa difícil viagem de navio, conforme nos relatou.

FORMANDO FAMÍLIA – Uma vez em Alagoas, Antônio Alves trabalhou, por algum tempo, como colono, conseguindo, afinal, comprar sua própria fazenda. Foi, então, que conheceu a jovem Maria, também filha de nordestinos, nascida no dia 12 de dezembro de 1906, com quem se casou, na cidade de Quebrângulo (Alagoas), no dia 28 de julho de 1926.

Já com uma filha, Alzira, o casal mudou-se para São Paulo, instalando-se, primeiramente, em Cafelândia, onde nasceram os filhos Jorge e Manoel.

Mudaram-se, em seguida, para Mirandópolis, cidade da qual Antônio Alves foi um dos fundadores. Foi em Mirandópolis que nasceram mais sete filhos do casal: João, Martins, Joaquim, Aurora, Ilda, Alceu e Marilisa (esta veio para São Caetano com apenas 40 dias de nascimento).

Como em Mirandópolis era comum a construção de casas de madeira, Antônio Alves, sempre preocupado em melhorar suas condições de trabalho para

Acervo: Antônio Alves



Ano de 1952. Antônio Alves e Maria Alves na casa da Rua Maceió, 755



Festa de bodas de ouro em julho de 1976. Aurora Alves Pereira (filha) e Maria Alves (mãe)



Missa de aniversário de 100 anos de Antônio Alves. Logo atrás, o filho Joaquim Alves



Durante a oração do Pai Nosso, na celebração das bodas de ouro, toda a família deu volta ao redor do altar

Acervo: Antônio Alves

Acervo: Antônio Alves



Antônio Alves, Luiz Augusto Alves (neto) e Lucas (bisneto)

sustento da família, decidi aprender o ofício de carpinteiro, ofício no qual se especializou e que acabou sendo sua profissão até os cem anos de idade: *Sou carpinteiro até hoje*, afirma ele, com muito orgulho.

EM SÃO CAETANO –

Em 1950, Antônio Alves veio para São Caetano, com toda a família. Comprou o terreno, onde o filho Jorge já morava, e, juntos, construíram a casa que até hoje é da família, na Rua Maceió, nº 755, Bairro Barcelona.

Acervo: Antônio Alves

Excelente profissional em carpintaria, Antônio Alves (nosso entrevistado) pôde sustentar sua família de dez filhos fazendo o madeiramento da maioria dos prédios da cidade. Fez, segundo ele, todo o madeiramento da parte nova do Hospital Beneficência

Portuguesa. As filhas lhe levavam o almoço, porque ele não queria interromper o trabalho nem para comer.

Segundo Ilda, sua filha, Antônio fez o madeiramento de um prédio, na Rua Tibagi, quando já estava com mais de 80 anos de idade. *Todos os meus filhos estudaram, só eu que não. Aprendi a ler e a escrever sem ir para a escola*, nos confidenciou Antônio.

CASAMENTO FELIZ – Enquanto Antônio trabalhava incansavelmente, para que os filhos pudessem crescer saudáveis, preparando-se cada qual para a profissão de sua escolha, a esposa, D. Maria,

cuidava da casa e administrava os gastos. Foi, realmente, um casal perfeito. Celebraram bodas de ouro, na igreja São Francisco, em 1976. D. Maria Alves faleceu em 1989, vítima de câncer. Antônio nos conta: *Vivi sessenta e três anos e quatro meses com a minha velha*.

HOJE – Atualmente, Antônio Alves, já com 106 anos de idade, mora na mesma casa que construiu, em 1950, sob os cuidados das três filhas: Ilda (enfermeira), Aurora (professora) e Alzira (costureira), todas já aposentadas.

Os dez filhos lhe deram 21 netos e 24 bisnetos.

Antônio Alves leva uma vida saudável e tranqüila.

Adorou nossa visita, sentou-se conosco à mesa para o café da tarde e fez questão de participar da conversa.

Contou-nos, ainda, que é católico, mas reza em casa. Sempre gostou muito de ler, mas a vista já não ajuda. Deita-se às oito horas da noite e levanta-se quando quer. Gosta muito de doce, principalmente de chocolate. Também fez questão de nos contar que tem um neto que é juiz de direito.

Despedindo-nos de Antônio Alves, que nos deu uma grande lição de vida, ousamos lhe perguntar quantos anos mais gostaria de viver. Abraçando-nos, com carinho e doçura na voz, ele concluiu: *Isso Deus é que sabe*.



Família de Antônio Alves. 1) Neta: Maria Helena Alves; 2) Bisneto: Guilherme Alves; 3) Neta: Odila Alves; 4) Filho: Alceu Alves; 5) Nora e Neto (colo): Aparecida Rúbio Alves e Bruno Daniel Alves; 6) Antônio Alves; 7) Bisneto e Neta: Lucas Alves e Lúcia Alves; 8) Neta: Estela Maria Alves; 9) Neto e Bisneto (colo): Luiz Augusto Alves e Cecília Alves

(*) Yolanda Ascencio, professora, pedagoga, advogada, escritora

Lembranças do meu pai

Acevo: Maria de Lourdes Verticchio



Eunice (neta de Bernardino Verticchio) na escadaria da Igreja de Santa Maria Maggiore, em Roma

Ea o mês de setembro, o outono já começava a mudar. Meu pai, Bernardino Verticchio, (que neste tempo tinha 13 anos de idade), percebeu que algo diferente estava acontecendo na casa.

Homens, que ele não sabia quem eram, muita conversa em segredo, o nono viajando para Perugia, aprontando os documentos, a nona Maria que chorava e fazia a arrumação das poucas roupas. Mas nenhuma palavra aos filhos, que eram muito pequenos.

Naquele tempo os pais não comentavam nada de suas decisões com os filhos, tivessem eles a idade que tivessem. A recordação triste que ficou na mente de meu pai foi a despedida dos parentes, tios e primos, em Castelnuovo di Farfa. Depois meu nono Sabatino Verticchio, nona Maria Pezzotti e os seis filhos pequenos tomaram o trem para Roma.

O trem chegou a Roma de tarde, e a lembrança que sempre o comovia era ter visitado a e rezado na Igreja de Santa Maria Maggiore.

À noitinha tomaram o trem para Gênova. Depois, chegaram ao porto. Lá estava o grande navio. Lá estava o pouco

do mar que viram...

Só muitos dias depois meu pai entendeu que Roma, Laquila, Casaline de Preturro, Castelnuovo di Farfa, Fara Sabina, a Itália, iam ficando para trás, longe, longe. A viagem foi demorada e triste. Eles não viam nada além daquelas pessoas estranhas. Nenhum amigo ou conhecido. Nos porões do navio, muitos italianos, todos juntos, mas cada um com a sua família e com suas próprias idéias. Os jovens eram alegres, com pressa de chegar. Os casais estavam esperançosos; os velhos, tristes e já saudosos dos que haviam ficado.

Meu pai também contava que, depois de uns dias de viagem, um senhor de idade, muito alegre, animava as crianças, cantava com elas, contava histórias, recitava versos e poesias. As crianças aprenderam com ele a declamar versos e poesias. Muitas dessas poesias meu pai aprendeu e nunca mais esqueceu. Pela idade do nono e da nona e pelas suas palavras, eles não vieram em busca de aventura. Vieram pressionados pela pobreza e pela falta de trabalho. Tinham medo de não poder criar os filhos, pois o pequeno já andava doentinho. As promessas de trabalho e de uma vida bem melhor eram convincentes.

Sabatino, Maria e os filhos



Acervo: Leonilda Verticchio

Bernardino
Verticchio e
a bisneta Cíntia

Bernardino, com 13 anos, Josefa com dez anos, Nazareno, oito anos, Domingas, seis anos, Laura, quatro anos e Domenico, dois anos.

Desembarcaram do navio em Santos no dia primeiro de novembro de 1901. Depois, de trem, atravessaram mata fechada e chegaram à cidade de São Paulo. Foram levados para a Hospedaria dos Imigrantes. Ficaram dias aguardando uma definição. As famílias com pais fortes e filhos jovens eram levadas para as fazendas em franca produção. As famílias com crianças e idosos eram levadas para lugares distantes e mais afastados. Iam sem saber o lugar que deveriam desmatar a fim de preparar a



Bernardino
Verticchio junta-
mente com seus
familiares. Da
esquerda para a
direita: Leonilda,
Josefa, Alexandre,
Lídia, Maria de
Lourdes e
Bernardino

terra para novas plantações.

Foram se acostumando com os hábitos do lugar e, com muita força de vontade, muita fé e esperança, cuidaram de cumprir as tarefas e de plantar hortas caseiras para o consumo da família. Depois que moraram em outras fazendas, nasceu mais um filho, meu tio Arcângelo. Os filhos foram crescendo. Meu pai aprendeu a ler e a escrever com um senhor que ensinava na fazenda. E a vida continuava.

Já adultos, os filhos de Sabatino e

Maria se casaram com italianos ou descendentes.

Bernardino casou-se com Josefa Coscia. Josefa casou-se com Francisco Andrieto. Nazareno casou-se com Maria Pecinini, (em memória), depois com Luíza Morrone. Domenico casou-se com Fortunato Escarassate. Laura casou-se com Caetano Marchiori. Arcângelo casou-se com Catarina Andrieta. O menininho Domenico faleceu logo que chegou ao Brasil. Já com os filhos todos casados e com netos, em 1930, meu nono e minha nona Maria vieram morar em São Caetano. A cidade já oferecia trabalho sem depender do clima das secas ou das chuvas. Vieram morar na Rua Santo Antônio, (atual Avenida Senador Roberto Simonsen), e o dono da casa era o sr. Elizeo Carnevale e sua esposa D. Palmira. Infelizmente, em 1933, meu nono faleceu.

Em 1936, foi a nossa vez de vir para São Caetano do Sul. Meus irmãos mais velhos haviam arrumado emprego na cidade: uns foram trabalhar nas Louças Adelinas; outros, nas Louças Cláudia (Matarazzo); outros, ainda, na Raiom (Matarazzo). Meu pai foi trabalhar como guarda, à noite, em uma metalúrgica, durante três meses. Em dezembro, no dia 26 do mesmo ano, foi trabalhar na Raiom Matarazzo, até se aposentar. Trabalhou 23 anos. Meus irmãos trabalharam com mecânica, desenho mecânico, ferramentaria, solda. Cada qual, com o fruto do trabalho, pôde sustentar sua família.

Nós somos em sete irmãos. O mais velho, Alexandre, casou-se com Lídia Bertucci. Ângelo casou-se com Maria Sandrini. Antônio casou-se com Carmem Rinaldi. Aparecida casou-se com José B. Calamari. Ivo casou-se com Jandira Miam Maluchi. Leonilda, que é solteira, costureira, sempre atendeu uma ótima clientela. Costurava vestidos de noiva, de madrinha, para formaturas, vestidos de

bailes, roupas de primeira comunhão e, até hoje, quando a saúde permite, ela costura, pois a essa profissão se dedica com amor. Também lê e escreve muito bem em italiano, pois é ela que se comunica com nossos parentes na Itália (em Roma, Casaline e Preturo).

Já comentei que meu pai sempre se lembrava de um senhor de idade que animava as crianças, cantava com elas, contava histórias, recitava poesias e versos em italiano. Meu pai aprendeu uma poesia da qual nunca mais se esqueceu. Quando, já na fazenda, aprendeu a ler e a escrever, procurou pela poesia que carregava na memória em diversas livrarias. Contudo, como não sabia o nome do autor, foi difícil encontrá-la.

Porém um dia, almoçando com sua neta, Eunice, falou da procura por essa poesia. A neta pesquisou com a professora de português e descobriu que a poesia que o avô havia decorado se encontrava na célebre *Divina Comédia*, de Dante Alighieri.

Meus pais são falecidos. Hoje, nossa família é grande: filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

Eu cheguei a São Caetano com nove anos de idade. Vim com meus pais, Bernardino e Josefa, e meus irmãos, Alexandre, Ângelo, Antônio, Aparecida, Leonilda e Joãozinho (falecido). Ivo, meu outro irmão, nasceu em São Caetano do Sul. Cursei e concluí, com muito orgulho, o primário no Grupo Escolar Senador Flaquer. Tenho ótimas lembranças dos meus professores e de meus colegas. Lembro-me muito bem das professoras Cacilda Pinto, Maria de Lourdes Silveira, Maria Virgínia de Moura, Dona Ilka Leite de Souza e da nossa querida professora do orfeão, Bruna Cassetari Ricci, que animava as festas com cantos e poesias. Lembro-me da comemoração de datas como sete de Setembro, 15 de novembro, entre outras. Também não me esqueço dos

trabalhos escolares, do encerramento do ano com exposições, bordados, pinturas e artes em madeira. Tudo com muita dedicação e capricho. A todas as nossas professoras, meu muito obrigado pelos seus ensinamentos, não só relativos ao saber, mas também ao amar, ao viver e ao servir. Passei minha adolescência alegre e tranqüila. Meus irmãos, minhas tias, meus primos e primas faziam do domingo um dia muito alegre. Logo cedo, íamos à missa, na Matriz. Depois, diante de nossa casa havia sempre um circo ou um parquinho de diversões, com muita música ...

Havia ainda os clubes que promoviam peças de apresentação teatral com um ótimo grupo de artistas do bairro e alguns de São Paulo. Lázio, Monte Alegre, Cerâmica, Ideal, São Caetano ...

Escrevi tudo isso motivada por um único propósito: homenagear os mais de 100 anos da chegada de minha família ao Brasil. A maioria das histórias aqui contadas remonta, em última instância, ao dia primeiro de novembro de 1901, data em que meus avós Sabatino e Maria, meu pai Bernardino e meus tios Nazareno, Josefa, Domenica, Laura, Domenico e Arcângelo chegaram a Santos.

Hoje, graças a esses pioneiros, a família é bem maior.

Mandamos celebrar, em homenagem a nossos queridos antepassados, Missa em Ação de Graça no Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Padre Geraldo Vicente Voltolini presidiu à celebração.



Acervo: Leonilda Verticchio

Maria Pezzotti Verticchio, avó de Bernardino Verticchio

Acervo: Maria de Lourdes Verticchio



Maria de Lourdes Verticchio

(*) Maria de Lourdes Verticchio é memorialista e moradora de São Caetano do Sul

Apelidos e expressões usados na várzea

Acervo:Narciso Ferrari

América do Sul Futebol Clube. Da direita para a esquerda, em pé: Maneco, Fritola, Tin-Tin, Oire, Mosquito e Durval Monteiro (técnico). Agachados: Artur De Menis (Passa-Óleo), Nevada, Joaquim, Binga, Macalé e Fifo. Local: Campo do América do Sul Futebol Clube, no Bairro Fundação, em 1950



Quando os clubes varzeanos disputavam os campeonatos organizados pela Liga Santoandreense de Futebol, no início da década de 1940, não possuíam técnicos especializados para dirigir suas equipes. Elas eram dirigidas pelo diretor esportivo escolhido pelo presidente da diretoria. Era mais fácil dirigi-las, pois era comum, inclusive nas equipes da Capital, a adoção da seguinte formação: goleiro; beque (*back*) direito e beque (*back*) esquerdo; *half* direito; *center-half* e *half* esquerdo; ponta-direita;

meia-direita; centroavante; meia-esquerda e ponta-esquerda. Era o tradicional 2-3-5.

Com a promulgação da lei do acesso e descenso, em 1948, os entendidos em futebol criaram fórmulas para não descer. Estas fórmulas começaram com os pequenos clubes. Caetano de Domenico, técnico do SPR, hoje Nacional, e Newton Anet, técnico do Canto do Rio, do Rio de Janeiro, já extinto, inventaram a famosa “cerradinha”: 11 jogadores na defesa para garantir o empate de 0 a 0.

Posteriormente, os grandes técnicos inventaram outras fórmulas, como por exemplo o 4-4-2: zagueiro

central, volante, armador, meia de ligação, desarmador, ponta-de-lança.

Em São Caetano, como em outras cidades que possuíam representantes nos campeonatos da segunda divisão de profissionais, começou-se a adotar a mesma tática. Francisco Marinotti, técnico do São Caetano EC, e Mário Venelli, conhecido como Gostoso, do General Motors EC, bem como os diretores esportivos dos clubes varzeanos, adotaram esse sistema.

Hoje em dia, há escolas para técnicos de futebol em todo o mundo. Os jogadores são submetidos a treinamentos o dia todo, com esforço físico além de sua capacidade, o que provoca sérios problemas de saúde nos atletas profissionais.

Os clubes bem organizados mantêm, além do técnico, um auxiliar técnico, um treinador de goleiro, um preparador físico, um psicólogo, um gerente de futebol e um fisioterapeuta.

Com a popularização do futebol e graças à alegria do povo brasileiro, em muitos casos os nomes e os sobrenomes dos atletas foram trocados por apelidos. No meio esportivo de São Caetano, para ser mais específico, muitos desses atletas - até hoje - não são conhecidos senão pelo apelido.

Quem conheceu Antônio Brazi, Mário de Sordi, Benevenuto Spagnuolo, Benedito Silva e Vicente Braco? Talvez pouca gente. Todavia, certamente muitas pessoas já ouviram falar do Bobeira (Lázio), do Chipio (Lázio), do Bombes (Comercial), do Lão (São Caetano EC) e do Coador (Cruzada).



Arquivo Narciso Ferrati

(O “chipio”, aliás, sabemos que é um pássaro de peito amarelado. Em função do som de seu cantar, “chipio”/ *cipio*, foi apelidado pela colônia italiana com este nome, mas seu nome exato é *tipió*.)

Ainda com referência aos apelidos, devem ser mencionados aqueles usados no âmbito familiar, os domésticos, geralmente criados a partir do diminutivo dos nomes próprios. Citamos alguns. (Expusemos vários outros nos quadros em anexo.)

De origem italiana, os mais conhecidos são: Keko, Nino, Ninin, Gijo, Toni, Dinho, Tico, Tonico, Zinho.

De origem espanhola, temos: Pepe, Paquito, Manolo, Chiquito.

De origem lusitana: Maneco, Mané, Quim, Juca.

Além dos apelidos, o futebol de várzea também foi marcado por uma série de gírias e expressões bastante peculiares nascidas do encontro de diversas raças de povos nos campos e nas arquibancadas. De fato, para falar apenas de São Caetano, tínhamos italianos (Lázio e Cruzada, por exemplo), alemães (Teuto), espanhóis (Monte Alegre), lituanos (Vila Bela e Vila Alpina), entre outros.

São Cristóvão Futebol Clube, 1965. Da esquerda para a direita, em pé: José Bonesso (massagista), Binga, Branco, Dito, Nego, Baia, Date e Rodolfo Amorim (diretor). Agachados: Nivaldo, Ticinha, Mário, Zacarias e Tuna. Estádio Municipal Anacleto Campanella

Nos quadros que se seguem das expressões e gírias mais usadas por procuramos, no primeiro, listar alguns dos jogadores e torcedores da cidade. apelidos mais populares das várzeas sancaetanenses e, no segundo, algumas

(*) Narciso Ferrari é empresário e memorialista de São Caetano do Sul

Apelidos usados na várzea

Bobeira	Antônio Brazi	Centroavante - Lázio
Coador	Vicente Braco	Lateral esquerdo - Cruzada Esportes
Fome	Renato Lugli	Centroavante - Cruzada Esportes
Passa-Óleo	Artur Demenis	Centroavante - América do Sul FC
Zé Granfo		Lateral direito - Bonsucesso FC
Máquina	Geraldo Mosca	Lateral direito - CA Ipiranguinha
Meia-Noite		Meia-esquerda - Cerâmica FC
Boxeador	João Bernhard	Ponteiro-esquerdo - Teuto
Escovinha	Tradinoro Strufaldi	Lateral esquerdo - São Caetano EC
Fubá	Vivieri Perego	Meia-direita - São Caetano EC
Chico Canapia		Centroavante - São Caetano EC
Vinte e Sete	Aristides Balsamo	Centro-médio - São Caetano EC
Fritola	Alberto Codello	Meia-esquerda - América do Sul FC
Bisteca	Olímpio Scardelatto	Goleiro - Corinthinha
João Pandeiro		Lateral - CA Tamoio
Prego	Paschoal Corsato	Ponteiro-esquerdo - Cruzada Esportes
Parpite	Antônio Sanches Garcia	Carregador de camisetas - Teuto
Biju		Lateral esquerdo - Atlético V. Alpina
Dedão	Vitório Boscolo	Lateral - Cerâmica FC
Bororó		Meia-direita - União Jabaquara FC
Mijola	Edmilson Cavalcanti	Zagueiro central - V. São José FC
Caculé		Lateral direito - Atlético Vila Alpina
Bitcha	Otaclio Dardin	Lateral direito - América do Sul FC
Focinho		Centro-médio - Botafogo FC
Brahma	Cláudio Defendi	Zagueiro central - CA Tamoio
Pistão	Edson	Centroavante - Grêmio Pontiac (GM)
Botega		Centroavante - CA Ipiranguinha
Picão	Bedani	Zagueiro - Atlético Vila Alpina
Chulé	Salvador Martins	Goleiro - América do Sul FC
Zé Malandro		Zagueiro - CA Tamoio
Sabugo		Médio-volante - Guarani FC
Fala Fina	Mário	Goleiro - Flamengo - Vila São José
Paletó		Lateral direito - V. São José FC
Toicinho	Odécio Brogliato	Zagueiro central - América do Sul FC
Stiopa	Stephan Gerbali	Árbitro - Liga Sancaetanense
Mário Gostoso	Mário Venelli	Técnico - General Motors EC
Leiteiro		Goleiro - Barcelona
Peneira	Fernando Gil Garcia	Goleiro - Cruzada Esporte
Chevrolet	Luiz Pereira	Zagueiro - GM

Quindão	Moacir Favime	Centroavante - Arco-Verde e GM
Abobrinha		Ponta-direita - Flamengo V. São José
Bananeira	Frederico Corduglo	Lateral direito - América do Sul FC
Espiga	Cláudio Celiberti	Centroavante - Transauto FC
Jararaca		Lateral direito - Paulistano
Garnizé	Ângelo Perin	Meia-esquerda - Corinthinha
Cavalinho	Nickfor Terpan	Ponteiro-esquerdo - CA Ipiranguinha
Canguru	Humberto Ferrari	Lateral esquerdo - Cruzada Esporte
Bode	Valter Bortoletto	Centroavante - América do Sul FC
Burro	Luiz Munari	Centroavante - São Caetano EC
Pato		Centro-médio - A.A. Matarazzo
Mão de Onça		Goleiro - CA Piratininga
Boi	Paulo Zanoni	Ponteiro-direito - C.A Ipiranguinha
Marreco		Centroavante - Grêmio Pontiac (GM)
Peixinho	Eduardo Lorenzini	Ponta-esquerda - São Caetano EC
Peru	Orlando Tomé	Lateral direito - América do Sul FC
Bodinho	Clélio	Meia-direita - EC Vila Bela
Javali		Zagueiro central - Guarani FC
Macaco		Centroavante - Cruzeiro FC
Mono	João Guita	Lateral esquerdo - Corinthinha
Bigato		Ponteiro-direito - Bonsucesso FC
Mosquito	Emígdio Perrella	Lateral direito - Lázio
Besouro	Oswaldo Ferraz	Lateral direito - Olinda FC
"Bisorrinho"		Meia-esquerda - Tamoio
Pulga	João Toth	Meia-esquerda - Atlético Vila Alpina
Chipio	Mário Sordi	Goleiro - Lázio
Corruíra	Bortoletto	Repórter Esportivo - Jornal de São Caetano
Sabiá		Centroavante - CA Monte Azul
Pica-pau		Meia-esquerda - EC Vila Bela
Laranja		Meia-direita - CA Monte Azul
Marrom	Vilmar	Zagueiro - CA Ipiranguinha
Amarelo		Meia-esquerda - V. São José FC
Titaco	Nelson A. Oliveira	América do Sul FC
Bombes	Benevenuto Spagnuolo	Comercial FC
Tarzã	Ernesto Novi	Jabaquara FC
Bolão	Lauro Fiorotti	São Caetano EC
Balila	Alexandre Orasmo	São Caetano EC
Sossego		Goleiro - V. Prosperidade
Lão	Benedito Silva	Zagueiro - São Caetano EC

Expressões usadas na várzea

Escafedeu	Perder o gol praticamente feito
Frege	Briga entre torcidas
"Sédia"	Sede local de reunião de diretores
Ofício	Proposta para disputa de uma partida
Fubecada	Encontro entre dois jogadores
Góde	Driblar o adversário
Embirocar	Acertar a bola no ângulo
Chanca	Chuteira
Bigolin	Bico de borracha para encher a bola
Estrumbicado	Jogador contundido
Peteleco	Agressão a um jogador
Bagaçada	Chute forte
Pelada	Partida mal jogada
"Enviizada"	Bola chutada em curva
Carreira	Jogador rápido
Bicanca	Chutar a bola com o bico da chuteira
Sururu	Briga em campo
"Vargea"	Várzea local onde eram disputados vários jogos
Fiança	Chute com o lado de fora dos pés
Tirombaço	Chute forte
Cacetada	Chute forte
Gaveteiro	Juiz que atuava com parcialidade
Banheira	Jogador em impedimento
Fingido	Jogador que simula contusão
Melê	Confusão na área
Bichado	Jogador permanentemente contundido
Tento	Gol
Cidadela	Trave
Rabudo	Goleiro com muita sorte
Fundo	Jogador de pouca categoria
Ents *	Mão na bola
Fuçador	Atacante que vivia entre os zagueiros
Chapa	Chutar com a parte de dentro dos pés
Gomo	Divisão do couro da bola
Se apincha	Goleiro que se atira ao chão para praticar a defesa
Esgueio	Chutar a bola com efeito
Freiquiqui **	Sobrepasse cometido pelo goleiro
Gortipa ***	Goleiro
Petardo	Chutar a bola com perfeição e forte
"Artibancada"	Arquibancada: lugar para acomodar a torcida
Tunda	Levar uma goleada
Esbórnica	Torcedor que ficava bêbado durante o jogo
Chiveta	Mulher que comparecia aos jogos de futebol
Tabefe	Bofetada entre os jogadores
Esteca	Torcedor que bebia antes do jogo

Notas

* Ents - pronúncia errada da palavra Hands - Mãos
 ** Freiquiqui - pronúncia de três quiques misturando três em inglês "three" com o verbo "quicar" (derivado do som da bola batendo no chão) - três quiques
 *** Gortipa - pronúncia errada da palavra Goalkeeper - Goleiro

Memórias do nosso futebol

Acervo: Paulinho Villa



Sítio do João Cristiano

Rodovia Fernão Dias... Uns 50 minutos de São Paulo a Mairiporã. O túnel da Mata Fria, hoje modernizado. Passando por ele, a entrada ou a *estradinha* que vai ao encontro do sítio dele. Quantas e quantas vezes estive lá. Não sei... inúmeras... incontáveis.

Numa delas, da varanda, eu contemplava..., à frente e por entre as árvores, depois do regato, a *estradinha*... e, no alto, uma plantação. De quê? Não sei. Acho que de melancia ou de abóbora. Sei lá... Sei que era uma verdadeira pintura e, naquele momento, um céu moreno-azul extraordinário, às 18 horas: uma visão de paraíso... Esta, além do sítio... Aquém, perto de mim, em frente, a churrasqueira e a mesa de snooquer... Ao lado direito, a piscina de uma ladrilhada água azul... E, abaixo, o campo de futebol, esse da foto. E, algum tempo depois, o aniversário do meu cunhado: para mim, o Cris; para a família dele, o (Zé) Quinha; para o mundo, o José Cristiano.

Uma festa de arromba no sítio dele... Era o aniversário do Quinha... Houve de tudo: churrasco, música (não só do aparelho de som, mas também através do meu violão) ... Nesse dia, acho que todas as filhas do Gone cantaram comigo, e também a Cláudia, namorada do seu irmão Cláudio, hoje falecido, infelizmente. Antes do churrasco, o jogo de futebol. Nesse campo que vocês, leitores, vêem na foto acima.

Pequeno, mas gramado... Vocês

não vêem, mas, ao lado direito, muitas bananeiras. Ao esquerdo, um imenso bambuzal que projetava sombra sobre o gramado e canalizava um ventinho delicioso, trazendo um frescor que aliviava o calor do jogo e dos participantes. A disputa estava empolgante. Meu concunhado, o Quinha, era o nosso goleiro. Eu e o Marcinho, seu filho, na linha. Do outro lado o Roberto, genro do Gone, que *metia o pé pra caramba*. Eu e o meu sobrinho *deitamos e rolamos* em cima deles. E, num lance mais agudo e um tanto violento sobre mim, ele (o Gone) berrou: - *Futebol é pra homem... meu!*

Um tanto receoso, em virtude do lance, pensei: *Pô, já pensou quando ele jogava pra valer...* Depois, ao comentar o lance com o Quinha, este foi taxativo. - *O Gone nunca foi desleal... Sempre jogou duro, mas na bola... Agora, quando queriam fazer "gracinhas" diante dele...* Entusiasmado, o Quinha me contou a história, primeiro do dono do sítio, o cidadão, João Cristiano, depois do dono da bola, para a família o Gone, para o mundo do futebol, o Cristiano.

No primeiro dia do ano de 1932, na Fazenda Poty, em Sertãozinho, Estado de São Paulo, nascia o segundo filho do casal Geraldo Cristiano e Justina Bachega. Cristiano, o primeiro; a Ziza; a terceira a Amélia; o quarto o meu cunhado Quinha; o quinto o Cláudio; a sexta, a caçula Cleide, hoje esposa de um corintianíssimo amigo, o Toninho. Uma família da qual tenho boas recordações, menos da Ziza, que realmente não conheci.



Acervo:Paulinho Villa

João Cristiano, com as mãos para trás, numa pose de xerife, (pose que sempre ostentou como jogador de futebol), e seu irmão Quinha - irmão e maior fã

Eles vieram, por volta de 1942/43, para a Vila Alpina, Bairro de São Paulo, vizinho de São Caetano, e fixaram residência na Rua Ilha Seca. Alguns anos depois se mudaram para a Vila Gerti, para a Rua dos Meninos.

Aqui, “seu” Geraldo, que gostava de jogar truco, percebeu que seu segundo filho, o João Cristiano, fumava escondido, aos 20 anos de idade. Isso revelava que, sob um espírito rebelde como o dele, até hoje ainda havia *um certo respeito* pela educação tradicional. Educação esta que, mesmo que não quisesse, passaria a seus filhos.

Esse o homem que conheceu, na Tecelagem Samara, no Jardim Samara, Zona Leste de São Paulo, (firma na qual era contra-mestre), uma linda moça: alta, bonita, simpática, olhos azuis, como ele: a Helena Perez. Foi um namoro tranquilo que se transformou num noivado e que, em 24 de dezembro de 1955, transformou-se em casamento. Com este, os frutos: o Sidney, único varão, e as filhas Ivani, Nanci, Roseli e Gisleni. Todos os nomes terminavam em “i”... Por quê? Não sei, esqueci de perguntar.

João Cristiano, o irmão mais velho do Quinha... Sempre se deram bem, tanto que juntos já viajaram muito. E aí estão eles, nesta foto, em Goiás, nada mais, nada menos que no Serra Dourada, um dos mais badalados estádios de futebol do país. Um campo que nada tem a ver com aqueles em que o João Cristiano jogou, em sua época de ouro, aqui, em São Caetano do Sul. E é deste jogador de futebol que, agora, iremos falar.

Cristiano. Era assim, pelo seu sobrenome, que o já *nosso Gone*, caros leitores, era conhecido no futebol de nossa várzea. Vocês viram, na foto anterior, ele e o Quinha no majestoso Serra Dourada, em Goiás. Pois bem! Os campos em que no seu tempo jogou não tinham nada de Serra

Dourada. Como já dissemos, eram, sim, campos abertos (serras sim, mas não douradas) através do trabalho dos componentes do time.

Assim eram os campinhos de futebol das peladas, e também o do XV de Novembro da Vila Alpina, primeira equipe pela qual ele jogou. De lá, a família veio para a Vila Gerti. Ele, então, começou a jogar no Estrela, que felizmente não conheci. Com ele, segundo o Quinha, nomes famosos na época: Walter, Lonha, Argemiro, Abílio... E a foto acima foi tirada num campo, aqui na Vila Gerti, situado na Rua Nelly Pellegrino.

De manhã, era do Estrela; à tarde, do Santa Helena, time em que ele também jogou. De um lado, uma casa cuja dona xingava todo mundo, porque a bola batia na parede de trás, deixando-a completamente suja; do outro, o não pobre, mas paupérrimo, vestiário onde os atletas se trocavam.

Mas, sobre a carreira dele, nem o questionei muito. Deixei com o Quinha a palavra e este soltou o verbo...

- *O Gone... nem te conto... aprontou demais.*

- *Sério... Quinha! Me conta...*

Pensou bastante e lembrou-se.

- *O Bar do Serafim... que, alguns anos depois, seria dono de um supermercado. Ele era muito amigo do Cristiano (o João). Neste local, aconteciam as reuniões do Estrela, porque na verdade era a sede do clube; além disso, havia inúmeros jogos, como bilhar, pebolim, carteado ... Neste último, geralmente, os jogadores “passavam a noite”. Acho que era a “concentração” dos craques do Estrela.*

- *E o Estrela, Quinha?*

- *Ah! Na época era considerado o melhor time de São Caetano... E muitos eram os rivais: Guarani, Santa Helena, Vitória... Aliás, uma das maiores atuações do Gone foi num festival, contra o Vitória. O prefeito Samuel Massei, não só doou um*



João Cristiano. Personalíssimo, um ar um tanto irreverente, com as mãos para trás, num gesto que revela comando.



Acervo:Paulinho Villa

jogo de camisa e os troféus, como deu o pontapé inicial... Ele (o Gone) foi um dos melhores em campo... Fez o gol da vitória, de cabeça, em cima do Abílio, central do Vitória, (que jogou no Corinthians), num cruzamento do nº 11 Calói.

- Pô... Quinha, que rivalidade, observei.

- É... Num outro Estrela x Vitória, a briga foi feia... As torcidas desmontaram a cerca que circundava e separava a casa... do campo de futebol..., e os torcedores usaram as ripas... como armas... O Gone deu uma sova no Barba Azul...

- Barba Azul, Quinha... Quem é? – perguntei.

- Você não conhece? É o irmão da Geny..., amiga da Marisa... E, se você quer saber, ... prima do Arizão.

- Do Arizão? – perguntei, perplexo. Do Arizão? – repeti.

- Do Arizão..., meu amigo de infância...

- E meu também, Quinha! Dos tempos em que joguei no Bonsucesso.

- E... Haja recordações... ! Eu... e o Quinha... Questionei novamente:

- Quinha... e o festival, no campo da Sociedade Amigos da Vila Gerti, na época em frente da hoje Sabesp, lá na Rua Boa Vista?

- Você sabe... - e deu uma risadinha, de quem detém a resposta - os festivais da época eram assim. O dia inteiro todos os convidados jogavam, uns contra os outros, de acordo com o regulamento. O vencedor, o melhor de todos os festeiros, (como eram denominados os times convidados), jogava contra o idealizador do festival ... E o Estrela, nesse dia, ganhou o direito de disputar, contra o dono da festa, a taça de vencedor... Bem disputado o jogo... Mas, com uma porrada que o Gone levou, possivelmente do Cacetão (irmão de Mirão e do Meia-Noite), o Estrela perdeu... Com a ausência dele (Gone).

- É, Quinha, percebe-se que, se tivesse tido condições, o João Cristiano, o Gone, teria sido profissional.

- Com certeza, respondeu. Tanto que treinou no Corinthians e no Juventus, na tentativa de se profissionalizar.

- E... aí, como foi, Quinha? - perguntei.

- Tanto no Corinthians como no Juventus ele foi aprovado, mas precisava trabalhar, para ajudar no sustento da família... E daí não adiantou o Rato, treinador do Corinthians na época, tê-lo convidado para voltar... Nem ele ter praticamente dado um nó no Bonfiglio, no treino do Juventus, fazendo dois gols em cima dele.

- O homem era fera! Mas, para encerrar, conte o episódio Priminho/Wilsinho/Gone...

- O Wilsinho você conheceu. Jogava no Ipiranguinha da Vila Paula. O Priminho era “olheiro” do Sport Club Corinthians Paulista. Havia uma certa pressão para que o Priminho levasse o Wilsinho para o Timão, mas ele não gostava do Wilsinho... Achava-o fraquinho.

- E daí, Quinha? – questionei, curioso.

- No domingo, o Estrela enfrentaria o Ipiranguinha. O Priminho, muito matreiro, chamou de lado o Gone e ordenou: “Não deixa o cara pegar na bola!”. No primeiro lance, o Gone chegou “junto”, e o Wilsinho fugiu da raia. Nesse dia ele perdeu a oportunidade de ir para o Corinthians... E justificou a opinião do Priminho.

Como vimos, leitores, o Gone, irmão do meu concunhado, o Quinha, tem histórias. Estas são algumas. As muitíssimas outras que possui ele as guarda para si mesmo. Tanto que se lembrou desse time da foto acima, no qual jogou. Ele é o primeiro, em pé, no destaque, da esquerda para a direita (notem o ar de liderança expresso pela mão na cintura).

(*) Paulinho da Villa é professor aposentado da rede municipal e estadual de São Paulo

Giuseppe Pietro Lorenzini:

“In weiter ferne, so nah!”

A história é um grande presente e não somente um passado.

Émile Chartier (Alain)

As águas verdes da memória, onde tudo cai. É necessário remexer.

Algumas coisas tornam a subir à superfície.

Jules Renard

In weiter ferne, so nah! (Demais distante, tão perto!) é o título do filme do alemão Wim Wenders, realizado em 1993 e que teve sucesso nos Estados Unidos com o título *Faraway, so Close* (Tão longe e tão perto).

Nesse filme existe o anjo-signo que é capaz de aproximar os distantes. Aqui neste artigo temos as fotos que parecem repetir o que os anjos dizem naquele filme: *Somos os mensageiros que aproximam os que estão distantes*. E de fato acredito que as fotos abaixo exibidas nos aproximam dos distantes, como uma apresentação para muitos e como uma grata lembrança para outros. Elas não são apenas um meio privilegiado de acesso ao real, mas também de acesso ao tempo.

Conforme ensina Paulo Menezes[1]: *A foto assume aqui não seu lugar como representação, mas seu papel mágico como re-presentificação ao nos colocar em presença de algo já distante, no tempo e no espaço.*

Vamos privilegiar neste artigo as fotos, mas acredito que o texto

(comentários sobre as fotos) vai ser útil por trazer novas informações sobre o passado dos nossos antepassados e de nossa cidade.

COMENTÁRIOS - Para Ernest H. Gombrich[2]: *A foto não é uma réplica simples da realidade em questão, mas sim uma transformação visual que deve ser novamente interpretada pelo observador a fim de assegurar a informação necessária.*

FOTO 1 – Acredito que esta foto seja a *pièce de résistance* de nosso artigo, pois apresenta pela primeira vez ao público - e a muitos familiares - Giacomo Lorenzini, O Patriarca dos Lorenzini. (Como diz Kandinsky em *Sonoridades: Daher fängt auch alles an* - É a partir daí que tudo começa.) Giacomo nasceu na Itália, na Província de Treviso, em 1839. Chegou ao Brasil pelo Porto de Santos, no navio *Adria*, em 11 de abril de 1891. Tinha na ocasião 52 anos e era casado com Sarah Garatti, nascida na Itália em 1853. Acompanhavam o casal os filhos: Giuseppe Pietro (nascido aos 13 minutos



Foto 1

de 11 de setembro de 1874 e falecido em três de novembro de 1935); Pietro Giuseppe (nascido em sete de setembro de 1878 e falecido em 30 de dezembro de 1968); Massimiliano (Maximiliano: nascido em 18 de julho de 1882 e falecido em 21 de julho de 1948); Napoleone (nascido em 1884 – falecido criança em 188?) e Giuseppe (nascido em 1886 – falecido criança em 188?).

É interessante citar que existem várias famílias na Itália com o sobrenome Lorenzini. Sem dúvida alguma, o Lorenzini mais famoso da história é o escritor Carlo Lorenzini, conhecido pelo pseudônimo de Carlo Collodi, autor d' *As aventuras de Pinocchio* (o boneco/menino que quando mentia tinha seu nariz aumentado). Carlo Lorenzini nasceu em Firenze, em 24 de novembro de 1826, e tinha o pseudônimo de Collodi em homenagem à cidade natural de seus pais. **FOTO 2** – Giuseppe Pietro Lorenzini (também conhecido como José Pedro Lorenzini ou Pedro Lorenzini) e Santa Leoni Lorenzini em 1899. Eles se casaram em 29 de abril de 1899. José Pedro nasceu na Itália, região do Veneto, na Província de Treviso, região *Vittoriese*, na Comuna de Colle Umberto, próxima da cidade de Vittorio Veneto (originária da união das antigas Ceneda e Serravalle, que já existiam na época romana). O pai de Santa Leoni Lorenzini era habitante de Vittorio Veneto e veio em 1877 para São Caetano do Sul (na primeira leva de imigrantes, sendo considerado um dos “fundadores” da nossa cidade). A forte influência de Giuseppe (meu *nonno*, avô) sobre os familiares chegou a marcar o comportamento do autor, tantas foram as histórias ouvidas a seu respeito.

Apesar de o autor ter nascido dez anos após o falecimento de José Pedro, os costumes, a moral do antepassado sempre lhe vêm à mente. Vieram-lhe à mente, inclusive, no momento em que escrevia

este artigo, fazendo com que se lembrasse da poesia do filósofo norte-americano George Boas:

*Beside me while I
slept, has walked behind
Me like my shadow,
silent when I would
Some warning voice
might speak. He is not kind,
No, nor unkind, sim-
ply a presence standing
C o n g e a l e a d ,
unspeaking, dead-and yet
demanding.*

*Ao meu lado enquanto durmo
caminha atrás
De mim, como minha sombra,
silencioso quando eu desejo
Que fale alguma voz admostratória.
Não é bom
Nem mau, só uma presença
Congelada, muda, morta, mas
exigente.*

FOTO 3 – Eliseo Leoni e Maria Varoli em 1896. Estão presentes na foto os três filhos: Bárbara (à esquerda), Santa e Andrea. Vide o artigo deste autor, *Eliseu Leoni(e), um dos primeiros imigrantes italianos do Núcleo Colonial (Raízes nº 23, julho de 2001)*. Aqui gostaria, numa espécie de *fiat lux*, de estender o assunto da possível origem judaica dos Leoni, conforme tratei naquele artigo. O fato de nomes bíblico-judaicos serem usados na família - Jacob ou Sarah - não é conclusivo, uma vez que muitos cristãos usavam nomes bíblicos. Recordando a frase dita por Sherlock Holmes ao Dr. Watson - Você não sabia para onde olhar e, portanto, você perdeu tudo o que era importante - e aprofundando a pesquisa sobre a família, descobri que o nome Jacob era utilizado na Itália só por pessoas



Foto 2



Foto 3

Gentile etc.

O nome Jacob também era utilizado por pessoas de língua alemã. Pode-se citar, por exemplo, o historiador suíço Jacob Burckhardt. Na Itália, contudo, o nome equivalente a Jacob utilizado pelos não judeus era Jacobo ou Iacobo. Raramente encontramos Jacopo, Giacobbe ou Jacobi, mas não Jacob! Nos países de língua inglesa o nome Jacob foi mudado pelos judeus para Jackson.

Da mesma forma o nome Sarah não era utilizado por não judeus na Itália. O nome utilizado normalmente era Sara (sem o h). Como exemplo de Sarah de origem judaica podemos citar Sarah Clava.

Indícios da possível origem judaica dos Leoni e de outras famílias da Província de Treviso, da cidade de Vittorio Veneto e de outras pequenas cidades vizinhas encontramos no fato de que nessa região *Vittoriese*, diferentemente do que ocorria na Itália em geral, (onde existiam poucos *ghettos* judaicos), havia pelo menos dois *ghettos* judaicos: um na antiga Ceneda (que hoje faz parte da cidade de Vittorio Veneto) e outro em Conegliano (também bem próxima de Vittorio Veneto). Às vezes as famílias judaicas adotavam o nome da cidade onde haviam nascido, e assim encontramos: Sansone Cenede, Salomon Conegliano (1660). Em Ceneda, no ano

de origem
j u d a i c a .
A s s i m
temos, por
e x e m p l o :
Jacob Daniel
Olmo, Esther
ben Jacob
Montalcino,
Jacob Bonfil,
Jacob Calo,
Jacob Binfil,
Jacob Hai

de 1619, moravam um Joel e uma Rachel Conegliano.

Pesquisando na minha *Enciclopédia Judaica* e navegando por sites da Internet descobri que o antigo nome de Judah deu origem aos nomes das famílias judaicas Leon, Leoni, Lyon e Lionel. Já em 1200, na Espanha, Moses ben Shem Tov Leoni escrevia tratados *kabalísticos* (sobre a cabala, ou melhor, a *kabalá*). Existe na coleção de Cecil Toth (University of Leeds, 1997) um livro de 1600 sobre poemas e hinos que devem ser lidos no momento de uma circuncisão. Ele foi escrito por Israel Mondolfo, em Pesaro, Itália. Nele consta, numa das páginas, que esses hinos eram executados por Moses Leoni, Samuel Altaras e outros.

Encontramos na Itália um Moses ben (que significa filho de) Isaac Leoni nascido em 30 de novembro de 1566 e falecido em 1641. Myer Lyon (também chamado Leoni), falecido em 1796, era cantor na Grande Sinagoga de Londres.

Parece a este autor que, além das dificuldades financeiras por que passavam alguns habitantes da região *Vittoriese*, em 1876, havia ainda outro motivo que incentivava a emigração: era o livrar-se do estigma de *crístãos de sangue hebreu*. Aqui é interessante ressaltar que Sarah Garatti, esposa do patriarca Giacomo Lorenzini, passou, depois de vir morar no Brasil, a utilizar o nome de Chiara, no lugar de Sarah. Outro fato, que nosso querido ex-prefeito Walter Braido deve ignorar e que demonstra essa possível origem judaica de várias famílias antigas de São Caetano do Sul, é que descobri que a família Braido tem origem judaica, sendo que durante a Segunda Guerra Mundial alguns membros dessa família foram levados pelos nazistas para um campo de concentração na Alemanha. Além do sobrenome Braido, a avó de Walter chamava-se Ágata Coan (um

nome certamente judaico). Então podemos concluir que os Braido tinham essa origem. E, com todos os indícios que já descobri, também é praticamente certo que os Leoni e outros imigrantes tenham essa origem judaica. Pode ser que para alguns esse fato não agrade, mas para este autor que admira a cultura judaica, sua escrita, a Tora, a Kaballah e nomes como Sigmund Freud, Alfred Adler, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, Hannah Arendt, Saul Bellow, Bernard Berenson, Sir Isaiah Berlin, Leonard Bernstein, Bruno Bettelheim, Harold Bloom, Martin Buber, Marc Segal, Jacques Derrida, Émile Durkheim, Albert Einstein, Sergei M. Eisenstein, Max Factor, George Gershwin, Allen Ginsberg, Marc Bloch, Carlo Ginzburg, Samuel Goldwyn, Meyer Guggenheim, Eugéne Ionesco, Howard Jacobson, Franz Kafka, Vladimir Ilyich Lênin, Arthur Miller, Helena Rubinstein, Leon Trotsky, só para citar alguns nomes do século XX, é motivo de orgulho.

Ainda com relação à cidade de Vittorio Veneto, na parte da antiga Ceneda existe uma *Via F. Marinotti*, o que significa que lá existia um antepassado do meu finado sogro, Francisco Marinotti (antigo proprietário da Cerâmica Marinotti e antigo jogador e técnico do São Caetano Esporte Clube).

Neste momento vem a idéia da origem dessa família tradicional de nossa cidade e da qual tenho dois filhos descendentes: Daniel e Laura. Há algum tempo havia descoberto uma família de origem alemã, de sobrenome Marenholtz, que teria vindo para a Itália e mudado o seu nome para Marinotti. Agora, com essa ligação com Ceneda e Vittorio, fica a mesma pergunta feita com relação aos demais imigrantes que vieram para São Caetano do Sul: qual a verdadeira origem da família?

Para terminar o assunto Vittorio Veneto, devo mencionar o seu filho mais ilustre: Lorenzo Da Ponte, nascido em dez de março de 1749, no *ghetto* de Ceneda, com o nome de Emiliano Conegliano. Quando tinha 14 anos, em 24 de agosto de 1763, durante a festa de São Bartolomeu foi convertido ao catolicismo juntamente com seu pai, Geremia, e seus irmãos, Baruch e Anania. A partir dessa data, mudou seu nome para Lorenzo Da Ponte (nome do bispo local). Ficou famoso por ter sido o autor de alguns libretos de algumas das óperas de Wolfgang Amadeus Mozart e porque, mais tarde, morando nos Estados Unidos, foi professor na Columbia University e introduziu Dante Alighieri naquele país.



José Pedro Lorenzini e Santa Leoni Lorenzini em 1916.

*Sforza animosamente il tuo destino.
E i lacci rompi, e poi leggiadra e ciolta
Dirizza i tuoi passi a piu sicur cammino.
(Ite, pensier fallaci e vana spene – Veronica Franco)*

[Força com alento o teu destino.
E os laços rompe, e depois graciosa e livremente
Dirige os teus passos para mais seguro caminho
(Ide, pensamentos ilusórios e vã esperança – Veronica Franco)]

Na foto estão sete dos oito filhos (só falta Olga Maria, que nasceu em 22 de fevereiro de 1922). Os filhos são, da esquerda para a direita: Zulmira (Argemira), Henrique Mario, Jacob Elyseu, André Arthemio, Palmira, Ida e Eduardo.

A ruminação do olhar. O sobrado (*palazzoto*) da família Lorenzini em 1926. Ficava na Travessa São José (atual Rua Perrella) nº 25, perto da esquina com a Rua São Caetano (atual Av. Conde Francisco Matarazzo), defronte da Estação de Trem de São Caetano do Sul. No fundo havia um quintal enorme com muitas árvores frutíferas. Existiam também parreiras com cujos frutos a família fazia vinho.

O autor nasceu nesse sobrado aos 15 minutos do dia 20 de fevereiro de 1945. Boa parte de sua infância viveu ali e do local guarda algumas recordações. Nos dois lados do portão, no alto, ficavam dois leões de pedra, que eram o símbolo dos Leoni. A residência era ladeada por enormes hortênsias que deixavam o ambiente com um perfume típico. A bomba de água que fornecia o precioso líquido era de cor vermelha, funcionava manualmente e ficava no quintal do sobrado. Todo final de semana a família se reunia em torno da "Santa" para jogar baralho (ela adorava isso). Nos dias de festa a família costumava tocar e cantar músicas italianas. Nas festas juninas havia fogueira, queima de fogos e balões. No carnaval havia *guerra de confetes e lança-perfumes*. Quanto ao futebol, havia certa rivalidade entre os familiares: a maioria era palmeirense (incluindo a *nonna*, a avó Santa), havia dois tios são-paulinos e meu pai e o tio João eram corinthianos. Mais duas recordações não tão agradáveis vêm à memória: o barulho dos trens e da estação que ficava na frente do sobrado e o ponto de carroças de aluguel que também ficava bem próximo, com suas inconveniências: estrumes e moscas



Travessa S. José (atual Rua Perrella) vista próxima do portão do sobrado. A aproximadamente 60 metros ficava a propriedade dos primos Leoni (prédio à esquerda). Lá funcionava a "padaria dos Leoni".



José Pedro Lorenzini e Santa Leoni Lorenzini, em 1933, com a filha caçula, Olga Maria Lorenzini Del Rey. Olga nasceu em 22 de fevereiro de 1922 e faleceu em quatro de novembro de 1984.

Relembrai vossa origem, vossa essência.
Dante Alighieri (Divina Comédia)

Em 1950, na Travessa S. José, João Lopes Sanches (marido de Palmira Lorenzini Lopes). Ele está na sua "possante máquina italiana", diante do portão do sobrado. Ao fundo, a linha de trem que ficava em frente do sobrado (só havia uma cerca de arame separando os trilhos da rua e, uma vez, brincando no local, o autor cortou a perna nesse arame farpado e levou dez pontos de sutura no pronto-socorro local, que ficava na Rua Baraldi).



A irmã de Santa, Bárbara Leoni, com seu marido Desire Malateaux (sic). Bárbara nasceu em 12 de junho de 1879 e faleceu em 20 de outubro de 1958. Desire Malateaux nasceu em 21 de julho de 1879 e faleceu em 18 de março de 1961.



Pedro José Lorenzini (irmão de José Pedro) com sua esposa, Josephina Moretti. Ele nasceu em sete de setembro de 1878 e faleceu em 30 de dezembro de 1968. Josephina nasceu em 24 de setembro de 1889 e faleceu em 30 de dezembro de 1967. O casal teve 11 filhos: Jacob João Lorenzini, Santana, Maria, Tereza, Hugo, Frugoli, Celestina, Escolástica, Edna, Joaninha e Anacleto.



Eduardo Lorenzini com a esposa, Maria do Carmo Lorenzini, em 19 de março de 1952. O vereador Jorge Salgado é filho de Edith Lorenzini e neto de Eduardo e Maria. O casal teve três filhos: Pedro, Eduardo e Edith. Maria do Carmo Lorenzini nasceu em 25 de novembro de 1909 e faleceu em 25 de novembro de 1955. O autor tinha dez anos quando a tia Maria faleceu, mas se recorda de toda a ajuda médica que seu pai e o genro dela, o vereador Oswaldo Salgado, procuraram durante meses na tentativa de salvá-la. Eduardo, da mesma forma que o irmão Henrique, foi campeão paulista de futebol pelo São Caetano Esporte Clube.



O vice-prefeito de São Caetano do Sul, Giacomo Lorenzini, em 1956. Ele nasceu em sete de setembro de 1904 e faleceu em 16 de abril de 1988. Ele era filho de Pedro José Lorenzini e Josephina Moretti. Foi casado com Assumpta Maria Tregon Lorenzini. O casal teve três filhos: Hélcio José, José João e Maria Tereza. Parece que todos os Lorenzini tinham uma grande paixão pelo nome José! Giacomo foi diretor-presidente da Casa Bancária S. Caetano do Sul S/A. Foi vereador na primeira legislatura da cidade e seu vice-prefeito.



Massimiliano (Maximiliano) Lorenzini, irmão mais novo de Pedro José. Nasceu em primeiro de julho de 1882, em Vittorio Veneto, e faleceu nesta cidade (São Caetano do Sul), em 21 de julho de 1948. Foi pioneiro na construção de cinemas nesta cidade (Cine Central, Cine Max, Cine Primax e Cine Urca). Casou-se com Maria Garbelotto. O casal teve seis filhos: Hermírio Jacobb, Gentil, Ricieri, Mafalda, Anésia Clara e Guiomar.



Ricieri Lorenzini, sobrinho de José Pedro. Nasceu em 13 de janeiro de 1910 e faleceu em 20 de março de 1960. Ele participou, em 30 de abril de 1940, da primeira iniciação maçônica nesta cidade. A cerimônia foi realizada no Templo da Fraternidade São Caetano. Na ocasião, ele foi feito aprendiz maçom, juntamente com Benito Campoi. Ricieri casou-se com Victoria Escanô Lorenzini e com ela teve quatro filhos: Aldo, Décio Maximiliano, Walter e Marilena.

A família junto ao primeiro piano em 1950. Estão na foto, da esquerda para a direita: Zulmira Lorenzini, Maria Aparecida Lopes Perrella, Santa Leoni, Maria Helena Del Rey, João Alberto Lopes Sanches e Palmira Lorenzini Lopes. A Olga e a Palmira tocavam piano, sendo que a Palmira dava aulas de piano. Pela influência do período fascista na Itália, a família às vezes cantava a *Giovenezza*, acompanhada no piano pela Palmira (o autor foi presenteado pela tia com uma partitura antiga). Segundo contava Palmira, ela chegou a tocar piano no Cine Central, acompanhando os filmes mudos. Dizia que havia um intervalo no qual jogavam água na tela porque ela ficava superaquecida.



Jacob Elyseu Lorenzini com o pai (José Pedro) em 1934. Elyseu teve durante muitos anos um armazém de secos e molhados na Rua Manoel Coelho. O autor lembra-se do seu tio brincando, dizendo que toda a colônia judaica comprava no seu armazém e o chamava de patricio, por causa de seu nome Jacob e de sua aparência. Pelas últimas pesquisas sobre a família, acho que eles não estavam muito errados! Elyseu era o tio com o qual o autor tinha maior amizade e do qual sempre se lembra pelas suas gentilezas e bom humor.



Olga Lorenzini Del Rey (à moda *Charleston*) com Santa Leoni Lorenzini em 1928. Como filha caçula, Olguinha era paparicada pelos familiares e estava sempre vestida na moda. Andava sempre atrás das saias da mãe (*sempre attaccata alle gonne della ...*). O autor, como filho da caçulinha, era sempre chamado pela *nonna*, no dialeto Veneto: *Caro mi putin* (Meu querido menininho).



*Mamma
Vorrei poter cangiar vita com vita,
Darle tutto il vigor degli anni miei,
Veder me Vecchio, e lei
Dal sacrificio mio ringiovanita".
(Edmond De Amicis – A mia madre).*

[Mamã
Gostaria eu de poder trocar vida com vida,
Dar-te todo o vigor dos anos meus,
Ver-me velho e ver-te,
Pelo sacrifício meu, rejuvenescida.
(Edmond De Amicis – Para minha mãe)]



Henrique Mario Lorenzini. *Presença afirmando a ausência... Ausência afirmando a presença.* Nasceu em 26 de maio de 1902 e faleceu em 17 de abril de 1985. Ele foi campeão de futebol do interior paulista pelo São Caetano Esporte Clube em março de 1929. Também foi presidente do São Caetano Esporte Clube.



Rosa Fiorotti Lorenzini, casada com Henrique Mario Lorenzini em 28 de novembro de 1926. Nasceu em dois de fevereiro de 1904 e faleceu em oito de setembro de 1980. Teve três filhos com Henrique: Celso, Clara e Henrique Filho.



Padre Olavo, Grão-Mestre José Trevisan, Ignácio Del Rey e Olga Lorenzini Del Rey em 1965.



André Arthemio Lorenzini em 1931. Ao lado as filhas, Odete Lorenzini Bettini e Lourdes Lorenzini Braido (ou Elza?). Arthemio nasceu em 18 de fevereiro de 1900 e faleceu em 15 de dezembro de 1984. Foi um dos líderes do comércio de materiais para a construção, juntamente com seu genro Renzo Bettini e seu neto, César Bettini Lorenzini (querido primo e "irmão" do autor, falecido recentemente). *Mortalem vitam mors cum immortalis ademit* [Esta vida mortal a morte imortal a destruiu – (sic)]. *Lucrécio – De rerum natura* (Sobre a natureza das coisas) – I.A.C.



Reunião com a *nonna* (avó) em 1948. Da esquerda para a direita: Ignácio, Mario, Maria Helena, Olga, Zulmira e Santa. Ignácio e Olga casaram-se em 28 de outubro de 1939 (perto do início da Segunda Guerra Mundial). Ignácio nasceu em 20 de setembro de 1913 e faleceu em sete de janeiro de 1969. Olga nasceu em 22 de fevereiro de 1922 e faleceu em quatro de novembro de 1984.



Zulmira Lorenzini, Nicolino Pucetti e Olga Lorenzini Del Rey. Nicolino era casado com a prima Nezia Lorenzini Pucetti e foi presidente do Hospital São Caetano e construtor de sucesso na cidade.



Henrique Lorenzini presidindo reunião do Partido Republicano. Henrique era um excelente jogador de bocha, e o autor sempre tem na memória as maravilhosas partidas que disputaram juntos. (Parece que o primo Henrique Lorenzini Filho também é um ótimo jogador de bocha). Em 1998 o autor jogou pela seleção carioca de bocha de rafa e obteve o terceiro lugar no campeonato brasileiro nessa modalidade. O gosto por este esporte parece que está no sangue dos Lorenzini. O *nonno* (avô) do autor, Pedro José Lorenzini, jogava uma partida de bocha em três de novembro de 1935 quando teve um derrame cerebral, vindo a falecer naquela data.



Concurso da mais bela voz de São Caetano em 1960. Da direita para a esquerda: o prefeito, Oswaldo Samuel Massei; o vencedor do concurso; Olga Lorenzini Del Rey; Ignácio Del Rey; vereador Odilon de Souza Mello.

Arthemio Lorenzini visitando em 1954 a biblioteca do cunhado Ignácio. Arthemio foi vereador por São Bernardo (naquela época São Caetano pertencia a São Bernardo) entre 1936 e 1937. Foi também presidente da Associação Comercial e Industrial de São Caetano.



BIBLIOGRAFIA

- [1] – MENEZES, P. - *A Trama das Imagens*. São Paulo, Edusp, 1997.
 [2] – GOMBRICH, Ernest H.- *Image and code: Scope and limits of conventionalism in pictorial representation in image and code*, org. STEINER, W. Michigan, University of Michigan, 1981.

(*) *Mario Del Rey, escritor, tradutor e pintor, é membro da União Brasileira de Escritores e do Conselho Editorial da Revista Raízes*

Exposições



Acervo Arqueológico - Um passeio pelo subsolo de São Caetano

O Museu Histórico Municipal conduziu seus visitantes a uma volta pelas profundezas da cidade através da exposição *Acervo Arqueológico - Um passeio pelo subsolo de São Caetano*, que revelou o material encontrado nas escavações realizadas no Bairro Fundação, dentro de um projeto da Fundação Pró-Memória em parceria com o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

O projeto teve início nos primeiros anos da década de 1990 e consistiu na escavação de áreas

próximas da Paróquia São Caetano, principalmente no entroncamento das ruas 28 de Julho e Mariano Pamplona. O objetivo era localizar os vestígios da Fazenda São Caetano e da ocupação dos imigrantes, na época do Núcleo Colonial.

A escavação encontrou fragmentos de diversas peças como telhas, materiais de construção, lajotas, ladrilhos de cerâmica, pregos, vidros e metais. Depois de coletado e limpo, todo o material foi identificado e numerado, passando a formar o Inventário de Peças do Museu Histórico Municipal. Peças originais e fotografias do processo estiveram na exposição *Acervo Arqueológico*, (14 de junho a 27 de agosto), que mostrou ainda uma réplica de um campo de escavação.



As impressões de quatro artistas sobre a cidade de São Caetano do Sul estiveram na mostra *Poéticidade*, de 30 de junho a três de setembro, na Pinacoteca Municipal.

Artur Cole, Edson Beça, Flávio Camargo e José

Romero percorreram os espaços urbanos da região durante três meses. Depois de avaliar aspectos como o significado de São Caetano através da história, topografia, vias principais e seus limites, os artistas produziram os desenhos e aquarelas presentes na mostra. Segundo eles, tais desenhos e aquarelas servem

Poéticidade

de instrumentos de interpretação e representação do acontecimento da imagem em São Caetano.

Neste mesmo período, a mostra de longa duração exibiu obras do acervo da Pinacoteca, produzidas nas décadas de 1960 e 1970, dos artistas Bethe Giudice, Guima, Jandira Martini, João Parisi Filho, Lya Amaral Souza, Sergius Ederlyi e Ubirajara Ribeiro.

As duas mostras permitiram ao visitante fazer uma análise comparativa entre os trabalhos produzidos na época da censura, tempos em que havia um severo controle das manifestações artísticas e intelectuais, e obras feitas com total liberdade, tanto no processo de produção quanto no de exposição.

Quadros da vida sul-sancaetanense



Fotografias de famílias oriundas de diferentes partes do Brasil e do mundo, que adotaram São Caetano do Sul como terra natal, estiveram na exposição *Quadros da vida sul-sancaetanense*, que ficou em cartaz no Salão de Exposições I, da Fundação Pró-Memória, de 26 de julho a 30 de setembro.

Através de 79 imagens de diferentes famílias, a mostra prestou uma homenagem aos povos que

contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Estiveram expostas fotografias dos primeiros imigrantes italianos que chegaram a São Caetano em 1877, como a família Rossi, que apareceu em imagem de 1894 (a mais antiga da exposição), além de grupos de outras nacionalidades que imigraram durante as primeiras décadas do século XX. Os migrantes também estiveram presentes na mostra, como a família Cunha Leite, que chegou à cidade em 1939.



Astros e Estrelas em São Caetano

Inaugurada no dia 12 de agosto, no Salão de Exposições II, a mostra *Astros e Estrelas em São Caetano* apresentou 28 imagens que servem como registro das inúmeras personalidades do cenário artístico nacional que passaram pela cidade de São Caetano do Sul.

Entre o final da década de

1950 e meados dos anos 70, a Rádio Cacique, cujos estúdios situavam-se na Rua Santa Catarina, foi uma das grandes responsáveis pela vinda de artistas consagrados a São Caetano. Figuras famosas na televisão, rádio e cinema eram presença garantida nos eventos realizados. Outros destaques desta época foram os programas e shows que mobilizaram a população sul-sancaetanense ao longo das atividades da emissora.

Bonifácio de Carvalho – Ano 55. A memória de uma escola



De cinco de setembro a 26 de novembro, o Museu Municipal apresentou a exposição *Bonifácio de Carvalho – Ano 55. A memória de uma escola*, em

homenagem ao aniversário de 55 anos da Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho.

A exposição contou a história da escola desde a época de sua fundação, em primeiro de março de 1950. Estiveram expostas mais de 50 fotos, em tamanho natural e ampliadas, além de flâmulas e jornais que foram elaborados pelos próprios alunos na época em que estudaram no colégio. Também foi homenageado na exposição o primeiro diretor da escola, o professor José Teixeira Gonçalves. O visitante conheceu, através de fotografias, os primeiros funcionários e professores da instituição, bem como viu de perto antigos boletins e históricos escolares.

2ª VITRINE - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano



De 20 de setembro a quatro de novembro, a Pinacoteca Municipal exibiu 83 obras de 58 artistas plásticos da cidade, dentro da 2ª *VITRINE – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul*.

A segunda edição do projeto foi uma parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Diretoria de Cultura.

Tendo como objetivo o conhecimento e a divulgação da produção artística da cidade, além de revelar novos talentos, a *VITRINE* movimentou o

cenário das artes plásticas no município. Foram 73 artistas participantes, que inscreveram 189 obras, entre pinturas, esculturas, objetos e instalações.

A seleção dos trabalhos foi feita por uma comissão formada por Célio Rosa, artista plástico e professor da Faculdade Belas Artes, João Delijaicov, crítico, curador e coordenador do Espaço Henfil de Departamento de Ações Culturais e da Pinacoteca de São Bernardo do Campo, Marilúcia Botallo, mestra em Arte Contemporânea pela ECA/USP, e Valdo Rechelo, coordenador da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes de São Caetano do Sul.



São Caetano, por Waldomiro Chomem

Em comemoração aos 30 anos dos supermercados Carrefour no Brasil, a Fundação Pró-Memória exibiu, de 20 a 30 de setembro, a mostra *São Caetano por Waldomiro Chomem*. A filial de São Caetano, que passou por uma reforma, foi palco da exposição que conta com 30 imagens de paisagens urbanas das décadas de 1950 a 1960.

A mostra transportou o passado para o presente, produzindo uma história visual que enfoca o espaço

social em suas constantes transformações urbanas. Todas as obras fazem parte do acervo da Fundação e foram doadas pelo próprio Chomem. Encontramos na coleção fotos do momento em que o trem chega à estação e das chaminés das fábricas exalando fumaça, numa imagem panorâmica da cidade.

Nascido em Curitiba, Waldomiro Chomem mudou-se para São Caetano quando tinha oito anos e permaneceu na cidade por mais 20. Atualmente, mora na cidade de Extrema, em Minas Gerais.

Fé Bahá'í - 50 anos em São Caetano do Sul

A Fundação Pró-Memória expôs, de 15 de outubro a dois de dezembro, no Salão de Exposições II, a mostra *Fé Bahá'í - 50 anos em São Caetano do Sul*, em comemoração aos 50 anos da instalação, em São Caetano, da mais jovem das religiões mundiais independentes.

A exposição apresentou um acervo de imagens e toda a filosofia criada por Bahá'ulláh (1817 – 1892),

fundador da religião, além de seus seguidores presentes na cidade. A *Fé Bahá'í* foi trazida para São Caetano por Abdulláh Sahihi e sua família em 1955. Mais tarde, outras famílias também se estabeleceram na cidade.



A ÉTICA AMERICANA PARA O MUNDO



No dia 22 de julho de 1975, nas páginas do jornal *Diário do Grande ABC*, era publicada a primeira tira do personagem *Cubinho*, de autoria de Mário Mastrotti. Desde então, foram diversos outros personagens, publicados em várias páginas. Para comemorar os 30 anos de publicações do cartunista de São Caetano, a Fundação Pró-Memória preparou a exposição *Mastrotti: três décadas de traço*, que ficou

Mastrotti: três décadas de traço

em cartaz no Salão de Exposições I de 17 de outubro a 17 de novembro.

A mostra fez uma ampla apresentação do cartunista, que atualmente é também professor universitário e editor. Divididos por décadas (1975-1985, 1985-1995 e 1995-2005), painéis apresentam reproduções de tiras, quadrinhos institucionais, ilustrações de seus livros, charges, cartuns e caricaturas premiados nacional e internacionalmente.

Mastrotti já publicou seus trabalhos em mais de 30 jornais do Brasil e editou livros de mais de 80 autores de todo país. Suas participações em salões de humor já renderam premiações no Brasil, na Síria e no Irã.

Ateliê Calcográfico Iole – 25 anos: uma coleção

Desde o dia oito de novembro, a exposição *Ateliê Calcográfico Iole – 25 anos: uma coleção* é a atração da Pinacoteca Municipal. Integrando a programação da 3ª Bienal de Gravura de Santo André, a mostra apresenta uma verdadeira retrospectiva da produção do ateliê da artista italiana, com 91 obras. Trabalhos de seus alunos, gravuras de artistas que visitaram o local e algumas aquisições também fazem parte da exposição, que ficará em cartaz até o dia sete de fevereiro de 2006. Destaques para gravuras de Renoir, Babinsky, Marcelo Grassman, Lívio Abramo, Evandro Carlos Jardim, Carlos Oswald e Nereo Tedeschi.

A gravadora, aquarelista, desenhista e escultora Iole Di Natale chegou a São Paulo, vinda da Itália, em 1949. Licenciada em Desenho e Artes Plásticas pela Faculdade Santa Marcelina, frequentou o curso de

xilogravura da Escola Belas Artes de São Paulo e cursou calcografia e xilogravura com Evandro Carlos Jardim. Estudou escultura com José Van Acker. Sua formação artística ainda conta com curso de gravura calcográfica na Calcografia Nazionale (Itália) e curso de caligrafia chinesa, com o mestre Shinshu Goto.

De 1969 a 2001, Iole foi professora da Faculdade Santa Marcelina e ministrou aulas de Expressão em Superfície, Movimento e Volume (1969 a 1981), Técnicas de Gravura e História da Gravura (1976 a 1984) e Aquarela (1984 a 2001).

Já expôs em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Nordeste. No exterior, seus trabalhos foram vistos em países como Itália, Egito, Paraguai, Iugoslávia, México, Alemanha, Hungria, França e Holanda. Desde 1980, mantém o Ateliê Calcográfico Iole para cursos de gravura.

Eventos

3ª Caminhada da Memória

A Fundação Pró-Memória realizou, no dia dez de julho, mais uma etapa do projeto *Caminhos da Memória*. Um verdadeiro passeio pela história da cidade, a 3ª *Caminhada da Memória* teve como ponto de partida a Igreja Ortodoxa Ucraniana – Paróquia São Waldomiro, no Bairro Barcelona.

O projeto *Caminhos da Memória* consiste na sinalização de locais (geralmente antigos prédios ou construções) que podem ser considerados marcos históricos ou que têm importância dentro da evolução da cidade. Placas de cerâmica definem cada local como *Bem Cultural de Interesse Histórico*. Com essas demarcações, o objetivo é informar e fazer com que os cidadãos desenvolvam o hábito de valorizar o patrimônio da cidade e despertar na população o interesse pelo assunto.

Para divulgar o projeto, a Pró-Memória realiza

as Caminhadas da Memória, que percorrem os pontos sinalizados, combinando

conhecimento histórico com atividade física. As duas primeiras edições do evento movimentaram cerca de 600 pessoas, que passaram por 16 pontos emplacados.

A 3ª *Caminhada da Memória* passou pelos seguintes locais históricos: Igreja Ortodoxa Ucraniana – Paróquia São Waldomiro, Instituto Rocha Pombo, Igreja Nossa Senhora Aparecida, Associação Beneficente Brasil Unido, Igreja Ortodoxa Ucraniana – Paróquia Santíssima Virgem, prédio da COOP e o mural do artista plástico Sinval Correa Soares, localizado no Teatro Paulo Machado de Carvalho.



Encontro de artistas na Pinacoteca

A Pinacoteca de São Caetano promoveu, no dia 20 de outubro, um encontro entre os artistas participantes da 2ª *VITRINE – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul*, e Valdo

Rechelo, artista plástico, coordenador da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes de São Caetano do Sul e um dos membros da comissão que efetuou a

seleção das obras que integraram a exposição.

A reunião aconteceu no próprio espaço expositivo da Pinacoteca e permitiu que os 32 artistas presentes ficassem próximos de suas obras. Os objetivos foram promover a integração entre os profissionais e demonstrar, de forma clara, como se desenvolvem os trabalhos da Pinacoteca, suas intenções e projetos, além de permitir que todos soubessem quais haviam sido os critérios de seleção da 2ª *VITRINE*.



Semana da Autonomia

No dia 24 de outubro, São Caetano do Sul comemorou os 57 anos de sua autonomia política e administrativa. Para celebrar a data, a Fundação Pró-Memória participou da

Semana da Autonomia, com três eventos.

No dia 21 de outubro, o Museu abriu uma exposição especial sobre a autonomia. Durante um mês, a maior sala do local ficou repleta de fotografias, objetos e documentos que permitiram ao visitante conhecer todo o processo que levou à emancipação da cidade. Entre os objetos, destacam-se a mesa ocupada pelo primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, e as cadeiras da primeira Câmara Municipal.

Continuando sua homenagem, a Fundação Pró-Memória abriu, no dia 22, a exposição *A Autonomia Político-Administrativa de São Caetano*, no Espaço Verde Chico Mendes. Oito painéis, localizados nos corredores do quiosque principal do parque, apresentaram 15 fotografias que retratam o caminho percorrido pelos autonomistas na busca pela liberdade para a cidade.

As comemorações da Fundação terminaram no dia 24 de outubro com o lançamento do livro *Um Jornal, uma Vida – A Saga do Jornal de São Caetano e outras mais*. De autoria de Mário Porfírio Rodrigues, um dos líderes autonomistas, a publicação foi editada pela Pró-Memória e enfoca a história do *Jornal de São Caetano*, peça chave do movimento que levou São Caetano da condição de subdistrito de Santo André para a de município independente.



Palestra de Iole Di Natale

A artista plástica italiana falou sobre sua carreira e obras em palestra promovida pela Pinacoteca Municipal, no dia 12 de novembro. Uma exposição comemorativa aos 25 anos do ateliê da artista já está em cartaz no espaço desde oito de novembro e nele permanecerá até sete de janeiro de 2006.



Projetos

Convênio com a Faenac

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e a Faculdade Editora Nacional (Faenac) assinaram um protocolo de intenções, em cerimônia realizada no Gabinete do Prefeito, no dia 22 de agosto, que estabeleceu parceria entre as duas instituições, para a realização de projetos voltados para as áreas de história, memória e pesquisa, além da realização de exposições e da publicação de livros. Assinaram o acordo o prefeito José Auricchio Júnior, a presidente da Fundação Pró-Memória, Sônia Maria Franco Xavier, e o diretor-geral da Faculdade, Valmor Bolan.

Nas duas primeiras semanas de agosto, a exposição *São Caetano por Waldomiro Chomem*, da Fundação Pró-Memória, permitiu que alunos e professores apreciassem imagens da cidade das décadas de 1950 e 1960. Outro projeto também definido foi a publicação do livro *Contos e Causos: Imigrantes e Migrantes na História Oral*, que reuniu pesquisadores da Pró-Memória e alunos do curso de Letras da Faenac.

Além das pesquisas e da realização de exposições, o acordo estabeleceu o intercâmbio de experiências metodológicas nos campos da Arquivística, Museologia e Defesa Cultural, bem como previu a criação de um banco unificado de depoimentos.



De acordo com o convênio, o Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória fica disponível para que os estudantes da Faenac possam realizar pesquisas diversas. Os alunos poderão, ainda, apresentar suas monografias em palestras em espaços da Fundação Pró-Memória, e esses trabalhos poderão ser publicados na revista *Raízes*, editada semestralmente pela instituição.

Outro objetivo da Pró-Memória, com a parceria, é envolver os alunos, principalmente do curso de Turismo, com os projetos ligados à preservação do patrimônio cultural e histórico do município, como o Caminhos da Memória e o Traços e Trilhas.

Parceria com Coordenadoria da Juventude

Uma parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Coordenadoria Municipal da Juventude permitiu a realização de cursos no espaço do Museu Histórico Municipal em 2005.

Nos meses de outubro e novembro, 32 jovens freqüentaram as aulas dos cursos de *Customização de Peças e Vestuário* e *Técnicas Básicas de Montagem de Bijuterias*, que foram promovidas na área de convivência do prédio do Museu. No final dos cursos, houve uma exposição dos trabalhos dos alunos.





Artesanato no Museu

Desde novembro, os visitantes do Museu Histórico Municipal, no segundo sábado de cada mês, estão tendo a oportunidade de conhecer, não só a história de São Caetano através dos objetos e documentos

expostos no local, mas também saber o que os artesãos da cidade estão produzindo. Uma parceria com a Associação dos Artesãos de São Caetano do Sul está permitindo a realização de uma pequena feira de artesanato na área de convivência do Museu. Os visitantes podem apreciar e adquirir camisetas, peças de crochê, bordados, bolsas, vidros pintados, bijuterias e outros tipos de artesanato. Em média, oito artesãos participam da feira a cada mês.

Colóquio Preservação e Acesso – Ética

No dia 17 de novembro, às 14h, a Fundação Pró-Memória realizou o primeiro evento da Série de Colóquios *Preservação e Acesso*. A proposta é promover, a cada seis meses, encontros entre especialistas, técnicos e funcionários de órgãos ligados ao patrimônio cultural e público interessado na troca de idéias e experiências a respeito de questões referentes à preservação e divulgação deste patrimônio.

O projeto é uma parceria com a Comissão Técnica das Instituições Oficiais de Memória do Grande ABC e traz novos conhecimentos e perspectivas sobre questões de interesse regional. A cada colóquio,

um profissional de uma instituição de fora da região do ABC participa como convidado.

O primeiro colóquio teve como tema *Ética*, e a especialista convidada foi Marilúcia Bottallo, museóloga documentalista e coordenadora do curso de extensão *Questões éticas na gestão patrimonial*, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Foi professora de Ética Profissional, Estética e Museologia no Instituto Paulista de Restauro de 1991 a 1998. Desde 1999, leciona na USP a disciplina *Salvaguarda Patrimonial – Documentação Museológica*.

Publicações

Livro Um Jornal, Uma Vida – a saga do Jornal de São Caetano



A Fundação Pró-Memória encerrou as comemorações dos 57 anos da autonomia política e administrativa de São Caetano, no dia 24 de outubro, com o lançamento do livro *Um Jornal, Uma Vida – a saga do Jornal de São Caetano e outras mais*, de autoria do autonomista Mário Porfírio Rodrigues.

As mais de 200 pessoas que prestigiaram o evento emocionaram-se com um vídeo, produzido pela Pró-Memória, que, através de imagens e depoimentos, relatou a saga do movimento que lutou pela liberdade de São Caetano. Os autonomistas presentes (Desirée Malateaux, Éttore Dal'Mas, Luiz Rodrigues Neves, Mário Dal'Mas,

Nelson Infante, Mário Porfírio Rodrigues e Olga Montanari de Mello) receberam uma cópia do vídeo, como presente.

De autoria de Mário Porfírio Rodrigues, um dos líderes autonomistas, a publicação foi editada pela Fundação Pró-Memória e enfoca a história do *Jornal de São Caetano*, peça chave do movimento que levou São Caetano da condição de subdistrito de Santo André para a de município independente.

O autor participou ativamente da campanha pela emancipação da cidade e fez parte do grupo de 95 pessoas que liderou o movimento. Nas 256 páginas do livro, Rodrigues conta a história de sua vida, desde sua infância até quando fundou o *Jornal de São Caetano*, ao lado do amigo Luiz Rodrigues Neves, e iniciou seu envolvimento no movimento autonomista.

(*) Paula Fiorotti é jornalista



Fundação Pró-Memória

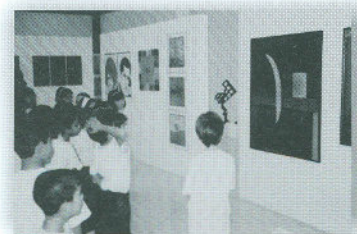
São Caetano do Sul



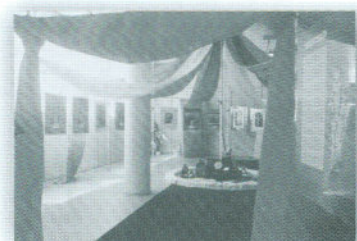
SEDE ADMINISTRATIVA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
PINACOTECA MUNICIPAL
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Telefones: 4221-9008 ou 4221-7420



MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Tel: 4229-1988



SALÃO DE EXPOSIÇÕES I
Avenida Goiás, 600 - térreo



SALÃO DE EXPOSIÇÕES II
Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566



VOCÊ PODE CONHECER
NOSSO SITE!

www.fpm.org.br



PUBLICAÇÕES
Livros e Revistas
História da cidade, história dos bairros,
pontos históricos, fotografias, mapas,
programação de exposições, eventos,
notícias e muito mais!

ISSN 14153173

